

BRIAN ALDISS

OS NEGROS ANOS-LUZ



ficção científica cultrix

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

BRIAN ALDISS

OS NEGROS ANOS-LUZ

Tradução de

REYNALDO BAIRÃO

EDITORA CULTRIX

CAPÍTULO 1

No solo, folhas novas de relva brotavam em camadas de clorofila. Nas árvores, línguas de verde projetavam-se de ramos e galhos, envolvendo-as — logo o lugar se assemelharia ao esforço imbecil de uma criança da Terra a desenhar árvores de Natal — conforme a primavera novamente alentava as coisas em crescimento no hemisfério sul de Dapdrof.

Não que a Natureza fosse mais amável em Dapdrof do que em qualquer outro lugar. Mesmo quando lançava os ventos mais quentes sobre o hemisfério sul, mergulhava a maior parte do norte numa monção gélida.

Apoiado em muletas, o velho Aylmer Ainson estava em pé no limiar de sua porta, coçando pachorrentamente o couro cabeludo e olhando para as árvores que brotavam. Até a mais delgada e afastada vergôntea balançava muito pouco, apesar da forte brisa que soprava.

Esse efeito pesado, plúmbeo, era causado pela gravidade; os galhos, como tudo o mais em Dapdrof, pesavam três vezes mais do que na Terra. Há muito tempo que Ainson acostumara-se ao fenômeno. Seu corpo, que se desenvolvera com os ombros caídos e o tórax côncavo, acostumara-o a isso. Seu cérebro conseqüentemente, também se desenvolvera um pouco com os ombros caídos.

Felizmente ele não estava preocupado com o desejo de recapturar o passado, que acomete tantos seres humanos mesmo antes de eles atingirem a meia-idade. A visão de tenras folhas verdes despertava nele apenas a nostalgia mais vaga, provocando-lhe somente a mais tênue recordação de que a sua infância se passara entre folhagem mais sensível aos zéfiros de abril — zéfiros, além do mais, cem anos-luz distantes. Ele era livre para ficar ali,

em pé, no portal e deleitar-se com o mais precioso luxo do homem, uma mente em branco.

Negligentemente, ele olhou para Qüeqüo, a fêmea utod, enquanto ela caminhava entre seus canteiros de hortaliças e à sombra dos ampes, para lançar seu corpo nos colchões de lama. Os pés de ampes estavam sempre verdes, ao contrário do resto das árvores no cercado de Ainson. Pousados na folhagem, sobre elas, estavam grandes pássaros brancos de quatro asas, os quais, quando Ainson olhou para eles decidiram ir embora, agitando-se como imensas borboletas e esparramando suas sombras sobre a casa quando passavam.

A casa, porém, já estava manchada com suas sombras. Obedecendo ao impulso de criar uma obra de arte que os visitava talvez somente uma vez num século, os amigos de Ainson tinham quebrado o branco de suas paredes com uma frívola profusão de silhuetas de asas e corpos, impelindo-se para cima. O vivo movimento desse desenho parecia fazer a casa de beiral baixo rebelar-se contra a gravidade; mas isso era apenas aparente, uma vez que essa primavera encontrara o telhado neoplástico cedendo e as paredes de apoio consideravelmente empenado nas juntas.

Esta era a quadragésima primavera que Ainson via florescer em sua leira de terra em Dapdrof. Até o fedor sazonado da esterqueira agora sugeria apenas o lar. Enquanto respirava esse cheiro, seu *grog* ou parasitacomedor coçava sua cabeça por ele; levantando a mão, Ainson retribuiu-lhe o cumprimento e coçou o crânio do animal, que se parecia com um lagarto. Ele adivinhava o que o *grog* realmente queria, mas àquela hora, com apenas um dos sóis lá no alto, estava um tanto frio para juntar-se a Snok Snok Karn e a Qüeqüo Kifful, com seus *gorgs*, atolados no lamaçal.

— Estou com frio, parado aqui fora. Vou entrar para me deitar — bradou ele para Snok Snok na língua utodiana.

O jovem utod olhou para cima e estendeu dois de seus membros em sinal de compreensão. Isso era bom. Mesmo após quarenta anos de estudo, Ainson achava a linguagem utodiana cheia de enigmas. Ele não tinha certeza se havia dito: "O ribeirão está frio e eu vou para dentro cozinhá-lo." Conseguir dar o

verdadeiro grito modulado como um assobio não era fácil: ele só tinha um orifício de som para os oito de Snok Snok. Ainson sacudiu as muletas e se foi.

— Sua fala está se tornando menos clara do que era — observou Qüeqüo. — Tivemos bastante dificuldade para ensiná-lo a se comunicar. Ele não é um mecanismo eficiente, esse pernomem. Você já deve ter notado que ele está se movendo mais lentamente que antes.

— Já tinha notado isso, mãe. Ele mesmo se queixa disso. Cada vez mais ele menciona esse fenômeno que ele chama dor.

— É difícil trocar idéias com pessoas da Terra, porque o vocabulário deles é tão limitado e a sua voz tem um alcance mínimo, mas eu gostaria de saber o que ele estava tentando me dizer na outra noite, que se ele fosse um utod agora estaria com quase mil anos.

— Então devemos esperar que logo ele evoluirá para o estágio da putrefação.

— Isso, creio eu, é o que significa o fato de o fungo que reveste seu crânio estar se tornando branco.

Esta conversa fora mantida na língua utodiana, enquanto Snok Snok jazia contra o enorme corpo simétrico de sua mãe e encharcava-se no delicioso lodaçal. Seus *grorgs* subiam sobre eles, lambendo e saltando. O mau cheiro, encorajado pelo brilho suave do Sol, era deslumbrante. Seus excrementos, ao cair no lodo, forneciam valiosos óleos que se infiltravam em suas peles, tornando-as macias.

Snok Snok Karn já era um utod grande, um robusto produto das espécies dominantes do pesado mundo de Dapdrof. De fato, agora, ele já era um adulto, embora ainda neutro; e em sua imaginação preguiçosa ele se via a si mesmo, de qualquer maneira, como um macho durante as próximas décadas. Ele podia trocar de sexo quando Dapdrof trocasse de sóis; para esse acontecimento, a periódica separação entrópica da órbita solar, Snok Snok estava preparado. A maior parte da sua longa infância fora absorvida com disciplinas que o preparavam para este evento. Qüeqüo fora muito

boa no que diz respeito às disciplinas e à amamentação mental; isolada do mundo, porquanto os dois estavam ali com Ainson, o pernomem, ela dera a ele tudo o de que era capaz a sua maternal e volumosa atenção.

Languidamente, Snok Snok desretraiu um membro, coletou um monte de lodo e lama, e esfregou-o sobre o peito. Em seguida, recobrando suas maneiras, chapinhou impetuosamente um pouco da mistura sobre as costas de sua mãe.

— Mãe, você acha que o pernomem está preparado para o *esod*? — perguntou Snok Snok, encolhendo o membro para dentro do muro liso da sua ilharga. O pernomem era como eles chamavam Ainson; *esod* era uma forma conveniente de guinchar sobre a entrópica separação da órbita solar.

— É difícil dizer, com essa barreira de linguagem que existe entre nós — disse Qüeqüo, reluzindo através da lama. — Tentamos conversar sobre isso, mas sem muito sucesso. Preciso tentar outra vez; nós precisamos tentar. Para ele, não estar preparado é um problema muito sério, pois passaria subitamente para o estágio de putrefação. Mas deve estar acontecendo a mesma coisa no planeta de onde ele veio.

— Não será por muito tempo agora, mãe, será?

Nesse momento ela não se preocupou em responder, uma vez que os *grorgs* estavam trotando apressados, para cima e para baixo, em sua espinha. Snok Snok deitou e pensou no tempo, não tão longínquo, quando Dapdrof deixaria partir seu atual sol, Solridor, para Solesgar. Esse haveria de ser um período duro, e ele teria de ser viril, bravo e forte. Depois, conseqüentemente, viria Alviçol, a estrela feliz, o sol sob o qual ele nascera (e que era responsável por sua boa natureza preguiçosa e jovial); sob a influência de Alviçol, ele teria forças para fazer face às preocupações e alegrias da maternidade, e educar e treinar um filho exatamente como ele.

Ah, mas a vida era maravilhosa quando se pensava profundamente sobre isso. As ocorrências de *esod* podiam parecer prosaicas para alguns, mas para Snok Snok, embora ele fosse apenas um rapaz do campo (criado com simplicidade e também

sem quaisquer noções a respeito de como ingressar no clero e viajar pelo mundo das estrelas), o *esod* era uma glória para a natureza. Mesmo o calor do sol, que aquecia suas oitocentas e cinqüenta libras de peso, tinha uma poesia incapaz de paráfrase. Snok Snok ergueu-se de um lado e excretou no monturo, como um pequeno tributo a sua mãe. Proceder com os outros como se estivesse estercando.

— Mãe, foi porque o clero ousou abandonar os mundos dos Sóis Triplos que eles encontraram o pernomem?

— Você está muito falante esta manhã. Por que não vai lá dentro e conversa com o pernomem? Você sabe como a sua versão sobre o que aconteceu no mundo das estrelas o diverte.

— Mas, mãe, qual versão é a verdadeira: a dele ou a nossa?

Ela hesitou antes de lhe dar sua resposta; tratava-se de uma resposta detestavelmente difícil, ainda que através dela se encontrasse uma compreensão do mundo das ocorrências. Ela disse: — Frequentemente, existem várias versões da verdade.

Snok Snok não deu atenção a essa observação.

— Mas foi o clero que foi além dos Sóis Triplos e que em primeiro lugar encontrou o pernomem, não foi?

— Por que não fica quieto e não amadurece?

— Você não me contou que eles encontraram um mundo chamado Grudgrodd, apenas alguns anos depois que eu nasci?

— Foi Ainson quem primeiro contou isso a você.

— Foi você quem me contou que essa confusão foi ocasionada por esse encanto.

* * *

O primeiro encontro entre um utod e um homem ocorreu dez anos depois do nascimento de Snok Snok. Como disse Snok Snok, esse encontro se deu no planeta que sua raça chamava de Grudgrodd. Isso acontecera num planeta diferente, diferentes

protagonistas haviam sido envolvidos, e o resultado de toda a questão teria sido diferente do que foi. Havia alguém... Mas há um pequeno ponto que encerrava algumas condicionais. Em história não há "ses", apenas nas opiniões dos observadores que fazem crítica e, apesar do progresso que alcançamos, ninguém provou que a oportunidade não passa de uma ilusão estatística inventada pelo homem. Só podemos dizer que os eventos entre o homem e os utods aconteceram de diferentes maneiras.

Esta narrativa será a crônica desses eventos, com os menores comentários possíveis, deixando o leitor moralmente obrigado a se lembrar que o que Qüeqüo disse se aplica tanto ao homem quanto aos forasteiros: as verdades chegam em tantas formas quanto as mentiras.

Grudgrodd parecia bastante tolerável aos primeiros utods que a examinaram.

A grande arca utodiana para viagens interestelares aterrara num imenso vale, inóspito, pedregoso, frio, e coberto na maior parte de sua extensão de cardos até a altura do joelho, mas apesar disso assemelhando-se intimamente a alguns lugares incultos com que se topava no Hemisfério Norte de Dapdrof. Um casal de *grorgs* saiu pela escotilha para voltar, meia hora depois, intato e respirando com dificuldade. Estranho que o lugar fosse habitável.

Os excrementos rituais foram lançados ao chão, e o Cosmopolita Sagrado foi aconselhado a excretar fora da escotilha, no gesto universal da fertilidade.

— Acho que há um equívoco — disse ele. "Um equívoco" em utodiano queria dizer Grudgrodd (até onde um grunhido atonal pode ser absolutamente traduzido em linguagem terrestre), e desde então o planeta tornou-se conhecido como Grudgrodd.

Ainda inclinado a protestar, o Cosmopolita saiu, seguido por seus três Politanos, e o planeta foi reivindicado como uma dependência dos Sóis Triplos.

Quatro sacerdotes moviam-se diligentemente, abrindo um círculo entre os cardos na orla do rio. Com todos os seus seis membros desretraídos, eles trabalhavam rapidamente, dois deles retirando a terra para fora do círculo e em seguida deixando a água

entrar por um dos lados, enquanto os outros dois pisavam a lama resultante até se transformar num precioso melão.

Observando abstratamente o trabalho com seus olhos posteriores, o Cosmopolita permanecia à beira da cratera em expansão e argumentou tão fortemente quanto um utod podia fazê-lo, a respeito do que estava certo e errado no fato de terem desembarcado num planeta que não pertencia aos Sóis Triplos. Tão fortemente quanto podiam, os três Ajudantes revidaram.

— O Sentimento Sagrado é bem claro — disse o Cosmopolita.

— Como filhos dos Sóis Triplos, nossas evacuações não devem tocar planetas não iluminados por eles. — Estendeu um membro para o alto, onde um grande globo cor de malva, tão grande quanto um fruto de amê, deixava-se entrever friamente sobre um monte de nuvens. — Isso é desculpa para um sol Solridor? Você o está tomando pelo Alviçol. Você pode até confundi-lo com Solesgar? Não, não, meus amigos, essa miséria cor de malva é um forasteiro, e nós desperdiçamos nossa substância nisso.

O primeiro Politano disse:

— Cada palavra que você diz é incontestável. Mas nós não estamos aqui inteiramente por opção. Nós nos vimos à frente de uma turbulência estelar, que nos arrastou para fora do curso vários milhares de órbitas. Aconteceu ser este planeta o nosso abrigo mais próximo.

— Como de costume, você apenas fala a verdade — disse o Cosmopolita. — Mas nós não precisávamos desembarcar aqui. Um vôo de um mês nos teria levado de volta aos Sóis Triplos e a Dapdrof, ou a um de seus planetas irmãos. Isto parece um bocado profano para nós.

— Não acho que você precise se preocupar demasiadamente com isso, Cosmopolita — disse o segundo Ajudante. Ele possuía a pele de um verde-cinza carregado, de alguém que nasceu enquanto um *esod* estava realmente acontecendo, e era talvez o mais lento de todos os sacerdotes. — Encare isso desta maneira. Os Sóis Triplos, em volta dos quais Dapdrof gira, apenas formam três das seis estrelas na constelação Nossa. Essas seis estrelas possuem entre elas oito mundos capazes de manter vida como nós a

conhecemos. Depois de Dapdrof, levamos em conta os outros sete mundos como igualmente sagrados e qualificados para os utods, embora alguns deles — Buskey, por exemplo — girem em torno de uma das três estrelas menos importantes do grupo. Assim, o critério a respeito do que vale a pena para os utods não é que ele tem que girar em volta de um dos Sóis Triplos. Agora perguntamos.

· ·

O Cosmopolita, porém, que era melhor orador do que ouvinte, como convinha a um utod em sua posição, interrompeu seu companheiro.

— Não vamos indagar mais nada, amigo. Eu apenas observei que isto parecia um pouco profano para nós. Não fiz qualquer crítica. Mas estamos abrindo um precedente. — Ele unhou seu *grog* judiciosamente.

Com grande tolerância, o terceiro Politano (cujo nome era Blug Lugug) disse:

— Concordo com cada palavra que você disse, Cosmopolita. Mas não sabemos se estamos abrindo um precedente. Nossa história é tão longa que poderia haver um grupo ramificado na esfera de outra estrela e lá, em algum planeta distante, erigir um novo pântano para a glória do tronco dos utods. Porque, se olharmos em volta, poderíamos mesmo encontrar utods estabelecidos aqui.

— Você me convence completamente; na Idade da Revolução, uma coisa como essa poderia ter acontecido facilmente — disse o Cosmopolita com alívio. Esticando todos os seus seis membros, fez um sinal com eles cerimoniosamente a fim de açambarcar o Céu e a Terra. — Declaro tudo isto como terra pertencente aos Sóis Triplos. Dê-se início à defecação.

Eles eram felizes. Tornaram-se até mais felizes. E quem não seria feliz? Com tranqüilidade e fertilidade nas mãos, eles estavam em casa.

O sol cor de malva desapareceu, desacreditado, e quase simultaneamente um satélite brilhante como uma bola de neve exibiu um galhardo halo de poeira, levantando-se do horizonte e

subindo repentinamente por cima deles. Acostumados a grandes mudanças de temperatura, os oito utods não se preocuparam com o crescente frio da noite. Em seu lamaçal recentemente construído, chafurdavam na lama. Seus dezesseis servidores *grorgs* espojavam-se com eles, agarrando-se tenazmente com dedos sugadores a seus anfitriões quando os utods mergulhavam.

Lentamente, eles absorveram a sensação do novo mundo. Ela envolveu-se em seus corpos, produzindo sentidos incapazes de tradução em seus termos.

No céu acima brilhava a constelação Nossa, seis estrelas dispostas na forma — ou coisa que o valha, como afirmava o menos intelectual dos sacerdotes — de uma das que provinham do Graal e que nadavam nos mares tempestuosos de Smeksmer.

— Não precisamos ficar preocupados — disse o Cosmopolita alegremente. — Os Sóis Triplos ainda estão brilhando sobre nós aqui. Não precisamos absolutamente voltar logo. Talvez no fim da semana possamos plantar algumas sementes de ampe e então regressaremos para casa.

— ... ou no fim da outra semana — disse o terceiro Politano, muito a gosto em seu banho de lama.

Para completar o contentamento deles, o Cosmopolita lhes fez um breve exórdio religioso. Eles se deitaram e deram ouvidos à trama de seu discurso, enquanto ele esticava a narrativa saída de seus oito orifícios. Salientava como as árvores de ampes e os utods dependiam um do outro, como a produção de um dependia da produção do outro. Expressou-se longamente sobre o significado da palavra "produção" antes de prosseguir a fim de salientar como ambos, as árvores e os utods (sendo manifestações de um mesmo espírito), dependiam do rendimento de luz que fluía de quaisquer dos Sóis Triplos, que se moviam de um lado para o outro. Essa luz eram os excrementos dos sóis, o que os tornava um pouco absurdos, assim como miraculosos. Eles jamais deviam ficar exaltados ou envaidecidos; não eram seus próprios deuses concebidos na forma de montes de excremento?

O terceiro Politano deleitou-se muito com esse monólogo. O que é mais familiar é mais tranquilizador.

Ele deitara-se apenas com a ponta do nariz mostrando-se em cima da borbulhante superfície da lama, e falava com sua voz submersa através de seus orifícios padun. Com um de seus olhos não-submersos, fitou além da massa escura de sua arca estelar, lindamente bulbosa e negra contra o céu. Ah, a vida era boa e preciosa, mesmo tão longe da amada Dapdrof. Quando chegasse o próximo *esod*, ele realmente teria que mudar de sexo e tornar-se mãe; teria obrigação de fazer isso como ocupação; mas, ainda que. . . Bem, como ele freqüentemente ouvira sua mãe dizer, para uma mente alegre tudo era agradável. Pensou carinhosamente em sua mãe e encostou-se nela. Ele estava tão apaixonado por ela como nunca, desde que ela mudara de sexo tornando-se um Cosmopolita Sagrado.

Então ele guinchou através de todos os orifícios.

Atrás da arca, cintilavam luzes.

O terceiro Politano salientou isso aos companheiros. Todos eles olharam para o ponto indicado.

Não havia apenas luzes. Havia um ruído contínuo, como um resmungo.

Não apenas uma luz. Quatro fontes arredondadas de luz, cortando a escuridão, e uma quinta luz que se movia de um lado para o outro, inquieta, como um membro desajeitado. E pousou sobre a arca.

— Acho que uma forma com vida está se aproximando — disse um dos sacerdotes.

Como ele falasse, eles viram mais claramente. Caminhando ao longo do vale em direção a eles vinham duas formas atarracadas. Das formas atarracadas vinha o barulho como o de um resmungo. As formas atarracadas chegaram à arca e pararam. O barulho ameaçador também parou.

— Que interessante! Eles são maiores do que nós — disse o primeiro Politano.

Formas menores estavam se retirando dos dois objetos atarracados. Agora a luz que banhara a arca voltava seu olho para o lamaçal. Em uníssono, para não ficarem estonteados, os utods mudaram a vista para um lado de radiação mais confortável. Eles

viram as formas menores — quatro delas lá estavam, formas delgadas — em fila, na ribanceira.

— Se eles criam a sua própria luz, eles devem ser muito inteligentes — disse o Cosmopolita. — O que é que vocês acham que são essas formas de vida — os dois objetos atarracados com olhos, ou as quatro coisas delgadas?

— Talvez as coisas delgadas sejam os seus *grorgs* — sugeriu o sacerdote.

— Por educação, o menos que posso fazer é ir até lá e ver — disse o Cosmopolita. Ele levantou seu corpanzil e começou a caminhar em direção às quatro figuras. Seus companheiros levantaram-se para segui-lo. Ouviram ruídos provenientes das figuras na ribanceira que, agora, retrocediam.

— Que encantador! — exclamou o segundo Politano, apressandose em ganhar a dianteira. — Acredito que estão tentando se comunicar em sua forma primitiva!

— Que sorte que nós tivemos! — disse o terceiro Politano, mas a observação naturalmente não era endereçada ao Cosmopolita.

— Sejam bem-vindas, criaturas! — berraram dois dos sacerdotes.

E foi nesse momento que as criaturas na ribanceira levantaram à altura de seus quadris armas feitas na Terra e abriram fogo.

CAPÍTULO 2

O capitão Bargerone ficou numa posição característica, O que eqüivale a dizer que continuou muito tranqüilo, com as mãos flacidamente pendidas à altura das costuras de sua bermuda azul celeste, mantendo o rosto sem expressão. Era uma forma de autocontrole que praticara várias vezes nessa viagem, particularmentee quando teve de se defrontar com seu Mestre Explorador.

— Você quer que eu leve a sério o que está dizendo, Ainson? — perguntou ele. — Ou está apenas tentando retardar a decolagem?

O Mestre Explorador, Bruce Ainson, engoliu em seco; era um homem religioso, e silenciosamente convocara Deus para ajudá-lo a tirar o melhor partido daquele idiota que não via nada além do dever.

— Os dois animais que capturamos na noite passada tentaram, seguramente, se comunicar comigo, senhor. De acordo com as definições da exploração espacial, qualquer coisa que tenta se comunicar com um homem deve ser encarada ao menos como subumano, até ser provado o contrário.

— É isso mesmo, capitão Bargerone — disse o Explorador Phipps, piscando nervosamente, enquanto ia em auxílio do chefe.

— Não precisa me assegurar da veracidade dos lugares-comuns, Mr. Phipps — disse o capitão. — Apenas pergunto o que entende por "tentar se comunicar". Sem dúvida, quando o senhor lançou fora a verdura dos animais, o ato deve ter sido interpretado como uma tentativa de se comunicar.

— Os animais não me jogaram verduras, senhor — disse Ainson. — Eles permaneceram tranqüilamente do outro lado das barreiras e falaram comigo.

A sobrancelha esquerda do capitão arqueou como uma lâmina de florete ao ser testada por um esgrimista-mestre.

— Falaram, Mr. Ainson? Numa linguagem da Terra? Em português, ou talvez em suahili?

— Em sua própria linguagem, capitão Bargerone. Uma série de assobios, grunhidos e guinchos freqüentemente acima do nível da audição. Não obstante, uma linguagem — possivelmente uma linguagem muitíssimo mais complexa do que a nossa.

— Em que baseia essa dedução, Mr. Ainson?

O Mestre Explorador não se sentia derrotado pela pergunta, mas as rugas juntavam-se mais densamente sobre seu rosto desbastado e contrito.

— Na observação. Nossos homens surpreenderam oito desses animais, senhor, e prontamente atiraram em seis. O senhor deve ter lido o relatório da patrulha. Os outros dois ficaram tão estupefatos com a surpresa que foram facilmente presos e trazidos para cá, para o Mariestopes. Nessas circunstâncias, a preocupação de qualquer forma de vida seria implorar misericórdia, ou se libertar, se possível. Em outras palavras, teriam suplicado. Infelizmente, até agora não encontramos nenhuma outra forma de vida inteligente na cavidade da galáxia próxima à Terra; porém todas as raças humanas suplicam da mesma maneira — usando gestos tanto quanto apelo oral. Esses animais não se utilizam de gestos; sua linguagem deve ser tão rica de nuances que eles não têm necessidade de gestos, mesmo quando imploram por suas vidas.

O capitão Bargerone deu um resfôlego excruciantemente civilizado.

— Então você pode estar certo de que eles não estavam implorando por suas vidas. O que faziam exatamente, à parte se lamuriar como fariam cães enjaulados?

— Penso que deveria descer para vê-los com seus próprios olhos, senhor. Isso o ajudaria a ver as coisas de modo diferente.

— Vi as imundas criaturas ontem à noite e não preciso vê-las de novo. Certamente, reconheço que elas constituem uma descoberta valiosa; eu disse isso mesmo ao líder da patrulha. Serão descarregados no Zoo Exótico de Londres, Mr. Ainson, tão logo chegemos à Terra, e então poderá conversar com eles tanto

quanto quiser. Mas, como disse primeiramente, e como sabe, já é tempo de deixarmos este planeta imediatamente; não posso permitir mais nenhum prazo para explorações. Por favor, recorde-se de que esta é uma aeronave de companhia particular, não uma aeronave do Corpo de Exploração, e que temos um horário a cumprir. Perdemos uma semana inteira neste miserável globo sem encontrar uma coisa viva maior do que um excremento de rato, e não posso consentir em perder outras vinte e quatro horas aqui.

Bruce Ainson empertigou-se. Atrás dele, Phipps executou um não percebido pastiche do gesto.

— Então partirá sem mim, senhor. E sem Phipps. Infelizmente nenhum de nós estava na patrulha a noite passada, e é essencial investigarmos o local onde esses animais foram capturados. É preciso que perceba que todo o objetivo da expedição estaria perdido se não tivermos idéia de seu habitat. O conhecimento é mais importante do que horários.

— Há uma guerra em andamento, Mr. Ainson, e tenho as minhas ordens.

— Então terá que partir sem mim, senhor. Não sei como o USGN vai encarar isso.

O capitão sabia como dar-se por vencido sem parecer derrotado.

— Partimos dentro de seis horas, Mr. Ainson. O que o senhor e o seu subordinado fizerem até então é problema dos dois.

— Obrigado, senhor — disse Ainson. E deu a isso mais rispidez do que se atrevia.

Saindo do escritório do capitão, ele e Phipps desceram num elevador para o convés de desembarque e seguiram rampa abaixo, para a superfície do planeta provisoriamente rotulado de 12 B.

A cantina dos homens ainda estava funcionando. Com instinto seguro, os dois exploradores entraram a fim de procurar os membros do Corpo de Exploração que tinham estado envolvidos nos acontecimentos da noite anterior. A cantina era de plástico pré-moldado e servia os alimentos sintéticos tão populares na Terra. À uma mesa estava sentado um americano jovem e entroncado, de rosto atrevido e pescoço vermelho. Seu nome era Hank Quilter e o

mais perceptivo de seus amigos o caracterizara como um homem que poderia ir longe. Ele estava sentado à frente de um vinho sintético (feito de nada tão vulgar como de uva desenvolvida em solo comum e amadurecida através de elementos não-refinados) e discutia, mostrando um rosto rude e jovial, enquanto refutava o ponto de vista de Ginger Duffield, o magro porta-voz da espaçonave.

Ainson cortou a conversa, sem cerimônia. Quilter servira de guia à patrulha da noite anterior.

Esvaziando o copo, Quilter, foi buscar resignado, um rapaz magro chamado Walthamstone, que também havia estado na patrulha, e os quatro se encaminharam para a plataforma de lançamento — que estava sendo desmontada em meio à azáfama que precede a partida — para apanhar um veículo terrestre.

Ainson fez sinal para o veículo e eles partiram, com Walthamstone na direção e Phipps distribuindo armas. Disse este íntimo: — Bargerone não nos deu muito tempo, Bruce. O que espera encontrar?

— Quero examinar o local onde os animais foram capturados. Naturalmente que eu gostaria de encontrar algo que servisse para humilhar Bargerone. — Ele surpreendeu o olhar de admoestação de Phipps para os homens e disse rapidamente: — Quilter, você era o responsável na noite passada. Seu dedo, no gatilho, estava com um pouco de comichão, não estava? Pensou que estava no Oeste selvagem? Quilter voltou-se para dar uma olhada a seu superior.

— O capitão me cumprimentou esta manhã — foi tudo o que ele disse.

Entendendo essa linha de abordagem, Ainson respondeu: — Estes animais podem não parecer inteligentes, mas quem é sensível é capaz de *sentir* algo incontestável a respeito deles. Eles não mostraram pânico, nem medo de qualquer espécie.

— Isso poderia ser mais um sinal de estupidez do que de inteligência — disse Phipps.

— É bem possível. Contudo. . . Outra coisa, Gussie: parece que vale a pena levar o caso adiante. Qualquer que seja a situação desses animais, eles não se enquadram na maioria dos animais que

descobrimos em outros planetas até agora. Oh, sei que apenas encontramos uma dúzia de planetas que abrigavam qualquer tipo de vida — ora bolas, as viagens interestelares ainda não têm trinta anos de existência. Mas parece que os planetas de pouca gravidade produzem seres ligeiramente espigados e planetas de intensa gravidade criam seres corpulentamente compactos. E esses animais são exceção à regra.

— Entendo o que você quer dizer. Este mundo não é muito maior do que Marte, ainda que nossa presa seja tão grande quanto um rinoceronte.

— Eles estavam todos chafurdados na lama como rinocerontes quando nós os encontramos — sugeriu Quilter. — Como poderiam ter qualquer inteligência?

— Você não devia ter atirado neles daquela maneira. Eles devem ser raros, ou já teríamos localizado outros em qualquer outra parte do 12B antes disso.

— Você não pára para pensar quando está frente a frente a um ataque de rinocerontes — disse Quilter, mal-humorado.

— Entendo.

Eles puseram-se em movimento através de uma planície rude, sem proferir palavra. Ainson tentava recapturar a felicidade que experimentara quando do primeiro passeio através daquele planeta inexplorado. Novos planetas sempre renovavam seu prazer pela vida; mas esse prazer tinha sido estragado naquela viagem — como sempre, estragado pelos outros. Ele se enganara ao seguir viagem numa nave de companhia; a vida nas naves do Corpo Espacial era mais rígida e simples; infelizmente, a guerra anglo-brasileira engajara todo o corpo de embarcações, mantendo-o muito ocupado com manobras no sistema solar para empreendimentos tão pacíficos como explorações. Apesar disso, ele não merecia um capitão como Edgar Bargerone.

Pena que Bargerone não quisesse desacreditá-lo, deixando-o ali sozinho, pensou Ainson. Longe de todos em comunhão — lembrou-se ele da frase de seu pai — em comunhão com a natureza!

Gente começaria a chegar a 12B. Em breve, como a Terra, esse planeta teria seus problemas de superpopulação. Era por isso que

estava sendo explorado: com propósitos de colonização. Locais para as primeiras comunidades tinham sido escolhidos do outro lado do mundo. Dentro de alguns anos, os pobres miseráveis, forçados pela necessidade econômica a abandonar tudo o que consideravam caro na Terra seriam baldeados para 12B (mas teriam um belo e sedutor nome colonial para ele então: Clementina, ou algo igualmente inócuo e detestável).

Sim, eles haviam aparelhado aquela planície rude com toda a coragem de sua espécie, transformando-a num paraíso de granjas geminadas. A fertilidade era a maldição da raça humana, pensou Ainson. Há via procriação em excesso; os rins prolíficos da Terra tinham que ejacular uma vez mais, ejacular sua indesejada progênie nos planetas virgens que estavam à espera — bem, à espera de que mais?

Cristo, de que mais? Devia *haver* alguma coisa mais, ou todos nós teríamos permanecido no inofensivo, belo e verde Plistoceno.

Os pensamentos rançosos de Ainson foram interrompidos por Walthamstone, que dizia:

— Lá está o rio. O lugar fica logo depois da curva.

Contornaram baixas ribanceiras de cascalho, das quais medravam árvores espinhosas. Lá em cima um sol cor de malva cintilava desalentadamente através da bruma, fazendo surgir uma luz trêmula do reflexo das folhas de milhares de cardos, que cresciam silenciosamente por toda a margem do rio e no outro lado dele, até a perder de vista. Havia apenas um ponto de referência: uma coisa grande, rombuda, de forma estranha, bem em frente.

— Aquilo — disseram Phipps e Ainson juntos, olhando um para o outro — aquilo se parece com um dos animais.

— A poça de lama onde nós os agarramos fica exatamente do outro lado — disse Walthamstone. Aos solavancos ele estacionou ao lado do canteiro de cardos, parando à sombra do objeto ameaçador, abandonado e estranho como um pedaço de talha do Libéria em cima de uma lareira de Aberdeen, na Escócia.

Carregando seus rifles, eles saltaram e avançaram pelo terreno.

Pararam à beira da poça de lama e a examinaram. Um lado do círculo era sorvido pelas bordas pardacentas do rio. A própria lama

era marrom e de um verde descorado, profusamente raiada de vermelho no lugar onde cinco grandes carcaças tomavam um último banho de lama na posição despreocupada da morte. O sexto corpo fez um esforço para se erguer e voltou a cabeça na direção deles.

Uma nuvem de moscas levantou-se com raiva nessa perturbação. Quilter levantou seu rifle, voltando uma cara feroz para Ainson, quando este último segurou-lhe o braço.

— Não o mate — disse Ainson. — O animal está ferido. Não pode nos fazer mal.

— Não podemos contar com isso. Deixe-me acabar com ele.

— Eu disse não, Quilter. Nós o colocaremos na traseira do carro e o levaremos para a aeronave; é melhor carregarmos os mortos também. Assim eles poderão ser submetidos a autópsia, e poderão ser feitos estudos sobre sua anatomia. Na Terra, jamais nos irão perdoar se perdermos esta oportunidade. Você e Walthamstone tirem as redes do porta-malas e carreguem os corpos.

Quilter olhou de modo provocante para o relógio e para Ainson.

— Mexa-se — ordenou Ainson.

Relutantemente, Walthamstone inclinou-se para a frente para fazer como ele lhe dissera; ao contrário de Quilter, ele não era do estofado do qual se fazem os heróis. Quilter crispou o lábio e o seguiu. Tiraram as redes para fora e foram se postar à beira do lamaçal, fitando, além dele, para a evidência meio-submersa das atividades da noite anterior, antes de eles descerem para trabalhar. A visão da carnificina aplacou Quilter.

— Nós seguramente acabamos com eles! — exclamou. Quilter era um jovem musculoso, de cabelo louro caprichosamente cortado, e com uma adorada mãe de cabelos brancos à espera dele, em Miami, e que lhe recebia uma fortuna anual de pensão alimentar.

— Sim. De outro modo eles nos teriam pegado — disse Walthamstone. — Eu matei dois. Devem ter sido esses dois aí, que estão perto de nós.

— Eu também matei dois — disse Quilter. — Todos eles estavam chafurdados na lama, como rinocerontes. Rapaz, eles vinham em nossa direção!

— Como são sujos, quando você chega perto para vê-los! Como são feios! Pior do que qualquer coisa que tenhamos na Terra. Você não está muito contente por termos atirado neles, está, Quil?

— Éramos nós ou eles. Não tínhamos outra escolha.

— Você está com a razão. — Walthamstone afagou o queixo e olhou com admiração para o amigo. Tinha que admitir que Quilter era muito moço. Repetiu a frase de Quilter: "Não tínhamos outra escolha."

— Para que é que eles servem, é o que eu gostaria de saber.

— Também eu. Na verdade, nós acabamos mesmo com eles?

— Éramos nós ou eles — repetiu Quilter. As moscas tornaram a voar quando ele entrou vagarosamente na lama em direção ao rinomano ferido.

Enquanto esta escaramuça filosófica estava em andamento, Bruce Ainson aproximava-se do objeto que marcava a cena do massacre. Estava impressionado. Aquilo se agigantava sobre ele. Aquela forma, como a forma dos animais, que parecia imitar, tinha mais do que o tamanho para impressioná-lo; havia algo a respeito dela que o afetava esteticamente. Teria cem anos-luz de altura e além disso seria — não diga que a beleza não existe! — bela.

Bruce Ainson galgou o belo objeto. Ele fedia até o alto do céu e fora nessa direção que tinha sido projetado. Uma inspeção de cinco minutos não lhe deixara dúvidas: aquilo era uma... Bem, assemelhava-se a uma enorme semente de vagem, e dava a sensação de uma enorme semente de vagem, mas aquilo era. . . O capitão Bargerone precisava ver aquilo; aquilo era uma nave espacial.

Uma nave espacial carregada de estrume até em cima.

CAPÍTULO 3

Muita coisa acontecera na Terra durante o ano de 1999.

Quints nascera de uma mãe de vinte anos, em Kennedyville, Marte. Uma equipe de robôs foi admitida pela primeira vez no campeonato nacional de beisebol. A Nova Zelândia lançou seu próprio sistema de navegação. O primeiro submarino nuclear espanhol foi lançado por uma princesa espanhola. Houve duas revoluções de um dia em Java, seis em Sumatra e sete na América do Sul. O Brasil declarou guerra à Grã-Bretanha. O Mercado Comum Europeu bateu a U.R.S.S. no futebol. Uma estrela do cinema japonês casou com o Xá da Pérsia. A brava expedição texana, ao atravessar o lado luminoso de Mercúrio em exotanques pereceu toda. A expedição africana instalou sua primeira criação radiocontrolada de baleias. E um pequeno e grisalho matemático australiano, chamado Buzzard, atirou-se pelo quarto a dentro de sua amante, às três horas de uma manhã de maio, gritando: — Consegui! Consegui! O vôo transponencial!

Nos dois anos seguintes o primeiro veículo transponencial experimental não-tripulado foi construído num foguete, foi lançado e revelou-se um sucesso. Eles porém jamais conseguiram recapturá-lo.

Este não é lugar para uma explicação das fórmulas TP; o impressor, de qualquer maneira, se recusa a compor três páginas de símbolos matemáticos. Basta dizer que uma ficção científica cheia de macetes e de grande sucesso — para consternação e subsequente bancarrota de todos os escritores de ficção científica — foi subitamente transformada em realidade. Graças a Buzzard, os redemoinhos do espaço não mais se tornaram barreiras entre os planetas, nas entradas para eles. Por volta de 2010 você podia ir de Nova Iorque a Prócion mais confortavelmente e mais rapidamente do que se levava, um século antes, para ir de Nova Iorque a Paris.

É isso o que há de tedioso em relação ao progresso. Ninguém parece capaz de se afastar dessa velha e enfadonha trajetória exponencial.

O que pode mostrar ao menos que enquanto a viagem entre B12 e a Terra levava menos do que duas semanas no ano 2035, ainda sobrava bastante tempo para se escrever cartas.

Ou — no caso do capitão Bargerone, visto que compunha um cabograma para suas autoridades no Estado Maior da Armada — para passar telegramas.

POSIÇÃO TP: 355073x 6915 (B12). SEU CABOGRAMA Ex97747304 ENTREGUE. SUA ORDEM CUMPRIDA. DORAVANTE CRIATURAS CATIVAS A BORDO RECONHECIDAS COMO ALIENÍGENAS EXTRATERRESTRES (ABREVIADO PARA ASEX).

SITUAÇÃO CONSIDERANDO ASEX COMO SEGUE. DOIS ANIMAIS VIVOS E TRÊS PRESOS. OUTRAS CARCAÇAS SENDO DISSECADAS PARA ESTUDO DE ANATOMIA. A PRINCÍPIO NÃO IMAGINEI QUE FOSSEM MAIS DO QUE ANIMAIS. PESSOALMENTE O MESTRE EXPLORADOR AINSON EXPLICOU A SITUAÇÃO PARA MIM. EU LHE ORDENEI QUE SEGUISSE COM DESTACAMENTO AO LOCAL DA CAPTURA DOS ASEX

LÁ ENCONTRAMOS PROVAS DE QUE OS ASEX SÃO INTELIGENTES. UMA NAVE ESPACIAL DE ESTRANHA MANUFATURA FOI APREENDIDA. ESTA AGORA COM SUA CARGA PRINCIPAL APÓS REDISTRIBUIÇÃO DE CARGA. PEQUENA NAVE CAPAZ DE COMPORTAR APENAS 8 ASEX. SEM DUVIDA PERTENCE AOS ASEX. A MESMA IMUNDÍCIE EM TUDO. O MESMO CHEIRO REPUGNANTE. A EVIDÊNCIA SUGERE QUE OS ASEX TAMBÉM EXPLORAM O B12.

ORDENEI A AINSON E À SUA EQUIPE PARA SE COMUNICAREM O MAIS CEDO POSSÍVEL COM OS ASEX. ESPERO TER O PROBLEMA DA LINGUAGEM SOLUCIONADO ANTES DE DESEMBARCAR.
EDGAR BARGERONE, CAPITÃO DO MARIESTOPES

Outras pessoas versadas em prosódia estavam muito ocupadas a bordo do Mariestopes.

Walthamstone escrevia laboriosamente a uma tia, que vivia num vasto subúrbio na parte oeste de Londres, chamado Windsor:

Minha queridíssima Tia Flô.

Estamos agora voltando para casa, para vê-la novamente; como vai de reumatismo? Melhor, espero. Nesta viagem não tive náuseas espaciais. Quando a aeronave vai em propulsão TP, se você sabe o que é isso, a gente se sente um bocado enjoada por algumas horas. Meu companheiro Quilt diz que é porque todas as moléculas da gente ficam negativas. Mas logo a gente fica bem.

Quando chegamos a um planeta que não tinha nome, porque fomos os primeiros, Quilt e eu tivemos a oportunidade de ir caçar. O lugar está infestado de grandes animais selvagens, tão grandes quanto a aeronave. Vivem em lamaçais. Matamos dúzias. Mantivemos dois vivos a bordo desta velha banheira; nós os chamamos de rinomanos e seus nomes são Gertie e Mush. Eles são asquerosos. Tenho que limpar a jaula deles mas eles não mordem. Fazem uma porção de ruídos grosseiros.

Como sempre, a comida é ruim. Não apenas veneno, mas em pequenas porções. Dê lembranças minhas à prima Madge. Eu gostaria de saber se ela já se formou. Quem está ganhando a guerra contra o Brasil? Nós, espero!!!

Esperando que esta a encontre como me encontro presentemente, seu sobrinho carinhoso,

Rodney.

Augustus Phipps estava escrevendo uma carta de amor para uma pequena sino-portuguesa; em cima do seu beliche havia um foto da moça, que parecia extremamente sinuosa. Phipps olhava para ela freqüentemente enquanto escrevia.

Querida Ah Chi,

Este bravo e velho ônibus está agora apontando na direção de Macau. Meu coração, como você sabe, está permanentemente orientado (sem intenção de trocadilho) para esse lugar lindo, onde você está veraneando, mas como é bom saber que cedo estaremos juntos mais do que em espírito.

Espero que esta viagem nos traga fama e fortuna. Pois encontramos uma espécie de vida estranha por aqui neste istmo de galáxia, e estamos levando dois espécimes para casa. Quando penso em você, tão delgada, suave e imaculada em seu *cheongsam*, me pergunto para que precisamos nós dessas bestas feias e sujas no mesmo planeta — porém a ciência precisa ser servida.

Maravilha das maravilhas! De acordo com meu superior, supõem-se que eles sejam inteligentes, e estamos presentemente empenhados em tentar conversar com eles. Não, não ria, embora eu me lembre bastante de como é a sua risada. Como anseio neste momento poder conversar com você, minha doce e apaixonada Ah Chi; e, naturalmente, não apenas conversar! Você precisa deixar que eu. . . (Censura: Duas páginas omitidas.)

Até que possamos fazer o mesmo tipo de coisa outra vez,
Seu devotado, idolatrado, trêmulo admirador,

Augustus.

Enquanto isso, embaixo, nos alojamentos onde se preparava o rancho, Quilter também se engalinhava com o problema de se comunicar com uma garota:

Olá querida!

Exatamente agora enquanto escrevo estou voltando em linha reta para Dodge City, tão velozmente quanto as ondas me conduzem. Vou com o capitão e os rapazes, mas me desprenderei deles antes de aparecer no ano 1477 da Rainbow.

Sob um exterior corajoso, seu namorado está explorando o terreno aqui mal-humorado. Estes animais, os rinomanos de que lhe estava falando, são as coisas mais repugnantes que você jamais viu, e não posso lhe falar disso por carta. Acho que é porque você,

como eu, eu sei, sempre se orgulhou de ser moderna e higiênica, mas estas coisas, elas são piores do que animais.

Isso, para mim, acabou com o Corpo de Exploração. No fim da viagem vou me demitir e vou tornar a me alistar no Corpo Espacial. Como o nosso capitão Bargerone pode testemunhar, isto leva a nada. O pai dele é zelador, ou algo assim, num edifício de apartamentos. Bem, isso é a democracia — acho que tentarei algo eu mesmo, talvez eu mesmo acabe capitão. Por que não?

Isto parece ter sido escrito só em torno de mim, querida. Quando voltar para casa, pode estar certa, eu serei só seu.

O seu mais carinhoso chiclete,

Hank.

Em sua cabine no convés B, o Mestre Explorador Bruce Ainson escrevia sobriamente à esposa:

A bordo do Mariestopes
6/7/2035.

Minha adorada Enid,

Freqüentemente rezo para que sua provação com Aylmer tenha terminado. Você fez tudo o que podia pelo rapaz; nunca se censure por isso. Ele é uma vergonha para o nosso nome. Só o céu sabe o que será dele. Receio que ele seja tão sujo mentalmente quanto é imundo em seus hábitos pessoais.

Meu pesar é que tenho que estar longe por tanto tempo, particularmente quando um filho da gente está causando tanta preocupação. Meu consolo é que finalmente esta viagem trouxe alguma recompensa. Localizamos uma forma de vida importante. Sob minha supervisão, dois indivíduos dessa espécie foram trazidos vivos a bordo desta aeronave. Nós os chamamos de ASEX.

Você vai ficar muito mais surpresa quando eu lhe disser que esses indivíduos, a despeito de sua estranha aparência e hábitos, parecem manifestar inteligência. Mais do que isso, eles parecem ser uma raça que viaja pelo espaço. Capturamos uma nave espacial,

que sem dúvida alguma está relacionada com eles, embora ainda seja duvidoso se de fato eles controlam a embarcação. Estou tentando me comunicar com eles, mas até agora sem êxito.

Deixe-me descrever para você os AXES — ou os rinomanos, como a tripulação os chama, e nós também até que encontremos um nome mais adequado. Os rinomanos caminham sobre seis membros. Todos esses membros, terminam em mãos muito hábeis, muito espalhadas, mas cada uma com seis dedos, o primeiro e o último dos quais se opõem e podem ser considerados como polegares. Os rinomanos são onídestros. Quando não são utilizados, os membros se retraem para dentro da pele, mais precisamente como pernas de tartaruga, e então são apenas perceptíveis.

Com seus membros retraídos, um rinomano é simétrico e toma grosseiramente a forma de dois segmentos de laranja grudados um no outro, a curva superficial representando a espinha das criaturas, a curva mais completa o abdômen, e os dois ápices as duas cabeças. Sim, nossos prisioneiros parecem ter duas cabeças; as cabeças se formam num ponto e não têm pescoço, embora possam girá-las por vários graus. Em cada cabeça estão encastrados dois olhos, pequenos e de cor escura, com pálpebras inferiores que deslizam para cima, a fim de cobrir os olhos durante o sono. Sob os olhos existem orifícios que se assemelham; um é a boca do rinomano, o outro é o ânus. Há também vários orifícios pontilhando a extensão do corpo; devem ser tubos para a respiração. Os exobiologistas estão dissecando alguns cadáveres que temos a bordo conosco. Quando eu receber seus relatórios, muita coisa se esclarecerá.

Nossos prisioneiros abrangem uma ampla série de sons, que vão desde assobios e gritos até grunhidos e ruídos fortes. Receio que todos os orifícios sejam capazes de contribuir para essa gama de sons, alguns dos quais, estou convencido, estão acima da possibilidade auditiva do homem. Até agora nenhum de nossos espécimes foi expansivo, embora todos os sons que eles emitem um para o outro tenham sido gravados automaticamente; mas estou certo de que isso é devido meramente ao choque da captura, e de que na Terra, com mais tempo, e num meio ambiente mais

apropriado, onde possamos mantê-los mais higienicamente, logo começaremos a obter resultados mais positivos.

Como sempre, essas viagens muito longas são cansativas. Mantenho o capitão à distância tanto quanto posso, um homem desagradável, com escola pública e um estilo de Cambridge estampado em todo o seu exterior. Absorvo-me inteiramente com nossos dois ASEX. Apesar de seus hábitos desagradáveis, eles têm um fascínio que falta a meus companheiros humanos. Haverá muito que conversar na minha volta. Seu respeitoso marido,

Bruce.

Embaixo, no principal controle de carga, seguramente longe de todo esse borborinho de escrever cartas, um variado grupo de homens, de todos os ofícios, estava desmontando a nave espacial dos ASEX e a transformava em pedaços, lasca por lasca. Visto que a estranha embarcação era feita de madeira, madeira de uma resistência desconhecida, madeira de uma estranha elasticidade, madeira tão dura e durável quanto o aço — contudo madeira, cujo interior, posto que tivesse a forma de uma grande vagem, dava origem a uma variedade de galhos semelhantes a chifres. Nesses galhos crescia um tipo inferior de planta parasita. Um dos triunfos da equipe botânica foi a descoberta de que essa parasita não era a folhagem natural dos galhos em forma de chifres, mas uma coisa estranha que crescia sobre eles.

Eles também descobriram que a parasita era uma planta carnívora, que absorvia avidamente o gás carbônico do ar, exsudando oxigênio. Desbastaram pedaços da parasita dos galhos em forma de chifres e tentaram desenvolvê-las em condições mais favoráveis; a planta morreu. No decurso de cento e trinta e quatro tentativas, ela ainda continuava morrendo, mas os botânicos são conhecidos por sua obstinação.

O interior da espaçonave era formado com uma sujeira de certa consistência rica, composta sobretudo de lama e excremento. Quando se comparava esse imundo e pequeno barco de madeira

com o fulgurantemente limpo Mariestopes, teria sido impossível para qualquer indivíduo racional — e indivíduos racionais existem, mesmo em meio do encarceramento da viagem espacial — imaginar que ambas as embarcações eram construídas com a mesma finalidade. Na verdade, a maioria da tripulação, e notadamente aqueles que se orgulhavam da própria racionalidade, gargalhava quando se recusava a admitir que o estranho artefato servia para alguma coisa mais do que para uma privada muito freqüentada.

A descoberta do motor extinguiu cerca de noventa e oito por cento da gargalhada. Sob a lamaceira onde se situava o motor havia uma coisa estranha, disforme, não maior que um rinomano. Estava presa ao casco de madeira, sem solda ou parafuso visíveis; era feita de uma substância que, exteriormente, se parecia com a porcelana; não possuía partes móveis; quando a unidade, finalmente, foi separada do casco e levada para os laboratórios de engenharia, um ceramista, excitado até as lágrimas, acompanhou-lhe o transporte, com a mente cheia das mais doidas suposições.

A descoberta seguinte foi uma penca de grandes cocos, que se aderiam às duas extremidades do teto com uma tenacidade que desafiava os mais brilhantes escaleres. Pelo menos, alguns disseram que eram cocos, pois a casca fibrosa que os cobria fazia pensar nos frutos do coqueiro. Mas quando se percebeu que as nervuras que se içavam dos cocos, e que até então tinham sido encaradas como reforços das paredes, se ligavam à direção, vários sábios declararam que os cocos eram tanques de combustível.

A descoberta seguinte pôs fim, por uns tempos, a outras descobertas. Um mecânico, ao revolver um monte endurecido de sujeira, descobriu, enterrado dentro dela, um ASEX morto. Logo após os homens juntaram-se, a um tempo, emocionados, fazendo algazarra.

— Por quanto tempo mais vamos tolerar isto, gente? — gritou Ginger Duffield, do posto interno, saltando para cima de uma caixa de ferramentas e mostrando-lhes dentes brancos e punhos negros. — Isto aqui é uma aeronave de companhia, e não do Corpo de Exploração, e nós não temos que agüentar nenhum tratamento

antiquado da parte deles. Não há nada nos regulamentos que diga que temos que limpar estranhas tumbas e atoleiros. Vou largar as ferramentas até que me dêem um pagamento extra, e peço que todos vocês se juntem a mim.

Suas palavras trouxeram um murmúrio de resposta dos outros soldados rasos.

— Isso mesmo, faça a companhia pagar!

— O que é que eles pensam que a gente é!

— Vamos deixar que eles mesmos limpem suas privadas fedidas!

— Queremos ganhar mais! Um salário e meio, gente!

— Você vai se enrascar, Duffield, seu agitador vermelho!

— O que é que diz o sargento?

O sargento Warrick abriu o caminho com os cotovelos, através daquele punhado de homens. Estivera olhando para Ginger Duffield, cuja figura magra e ferosa não se acovardava ante seu olhar fixo e atento.

— Duffield, eu conheço o seu tipo. Você devia estar no Planeta Congelado, ajudando a ganhar a guerra. Não queremos nenhuma de suas táticas fabris por aqui. Desça dessa caixa e deixe que todos voltem para o trabalho. Um pouco de sujeira não vai fazer mal às suas mãozinhas delicadas.

Duffield respondeu muito calmamente e com a maior precisão.

— Não estou procurando nenhuma encrenca, sargento. Por que temos de fazer isto, é tudo o que eu pergunto. Nós não sabemos que doenças perigosas se escondem nesta pequena cloaca.

Queremos um adicional de insalubridade para trabalhar nisto. Por que temos de arriscar nosso pescoço pela companhia? Algum dia ela fez alguma coisa pela gente? — Um murmúrio de aprovação acolheu essa pergunta, mas Duffield fingiu não perceber. — Que é que eles vão fazer quando chegarmos em casa? Sem dúvida, vão pôr esta estranha caixa fedida em exposição, e todo mundo irá ver e dar uma cheirada a dez tostões por vez. Vão fazer fortuna com isto e com esses animais. Então, por que não poderemos receber agora o nosso pequeno quinhão? É só você ir até o Convés C e

trazer o homem do sindicato até a gente, e continuar com o nariz fora de qualquer encrenca, não é, sargento?

— Você não é nada mais do que um agitador apaixonado, Duffield, esse é o seu problema — disse o sargento, furioso. Caminhava aos empurrões através dos homens, dirigindo-se para o Convés D. Vivas de troça seguiam-no pelo corredor.

Dois quartos de hora mais tarde, Quilter, armado de mangueira e escova, entrou na jaula onde estavam os dois ASEX. Eles desretraíram rapidamente seus membros e se afastaram para a extremidade do espaço confinado, olhando-o com confiança.

— Esta é a última limpeza que vou fazer para vocês — disse-lhes Quilter. — No fim desta guarda, vou me unir à greve, para mostrar minha solidariedade com o Corpo do Espaço. Depois disso, tanto quanto me diz respeito, vocês podem dormir num atoleiro tão fundo quanto o Pacífico.

Com o entusiasmo pândego da juventude, Quilter voltou a mangueira para o lado deles.

CAPITULO 4

O editor de notícias do *Windsor Circuit* apertou o pedal de sua tecnivisão e franziu o sobrolho para a imagem do rosto de seu repórter-chefe quando ela apareceu na tela.

— Em que buraco se meteu você, Adrian? Desça ao maldito porto espacial, como mandei. O Mariestopes é esperado para dentro de meia hora.

O lado esquerdo do rosto de Adrian Bucker contorceu-se num estremecimento. Inclinou-se para mais perto da tela até seu nariz ficar fosco e a visão enevoadada, e disse: — Não fale assim, Ralph. Descobri um aspecto local a respeito dessa viagem, que você vai adorar.

— Não quero saber de aspectos locais: quero você lá no porto espacial imediatamente, meu jovem.

Bucker franziu o lado direito do rosto e começou a falar depressa.

— Ouça, Ralph. Estou no Angel's Head, um bar perto do Tâmis. Estou aqui com uma dona chamada Florence Walthamstone. Ela morou a vida inteira em Windsor, lembra-se de quando o Great Park era um parque, e toda essa coisa. Ela tem um sobrinho chamado Rodney Walthamstone, que está no Mariestopes. E justamente acaba de me mostrar uma carta dele, na qual ele descreve esses estranhos animais que eles estão trazendo, e pensei, que se tirarmos uma foto dela com uma citação da carta — você sabe, "Moço da Cidade Ajuda a Capturar os Monstros" — iria parecer que.. .

— Chega, já ouvi o suficiente. Trata-se da maior notícia da década, e você acha que precisamos de um ângulo local para divulgá-la? Devolva a carta para a dona, agradeça-lhe a oferta, pague-lhe um drinque, bata-lhe amorosamente nas bochechas enrugadas, e depois vá para aquele maldito porto espacial entrevistar Bargerone, ou senão usarei sua pele como papel de pegar moscas.

— OK, OK, Ralph, faço como você quer. Já houve época em que você era acessível a sugestões. — Depois de cortar o circuito, Bucker acrescentou:

— E eu tenho uma que podia fazer imediatamente.

Ralph saiu da cabina e abriu caminho aos empurrões, através de um montão de corpos, uma multidão meio embriagada de homens e mulheres, até chegar perto de uma velha senhora alta, apoiada na extremidade do bar.

— Seu chefe ficou interessado? — perguntou ela.

— Quer fazer o que manda a cabeça dele. Olhe aqui, Miss Walthamstone, sinto muito, mas tenho que ir até o porto espacial. Talvez possamos fazer uma entrevista especial com a senhora, mais tarde. Agora tenho o seu número; não se preocupe em nos chamar. Nós lhe telefonaremos, está bem? Muito prazer em conhecê-la.

Enquanto ele sorvia o último gole do drinque, ela disse: — Oh, mas o senhor devia deixar que eu pague este, Mr....

— Bondade sua, se insiste, muita bondade sua, Miss Walthamstone. Então, adeus.

Lançou-se com impaciência entre os estômagos cheios. Ela chamou-o pelo nome. Ralph olhou para trás, furioso, no meio do barulho.

— Fale com Rodney, caso o veja. Ele ficará muito contente por poder contar-lhe algo. É um rapaz muito bom.

Ralph lutou para abrir caminho até a porta, resmungando "Desculpe, desculpe", repetidamente, como uma imprecisão.

As salas de recepção no porto espacial estavam apinhadas. Cidadãos comuns e incomuns atulhavam terraços e janelas. Num local cercado por cordas estavam representantes de vários governos, como o Ministro dos Negócios Marcianos, e de vários serviços, como o diretor do Zoo Exótico de Londres. Além do cercado, a banda de um conhecido regimento, uniformizada com cores anacronicamente vivas, marchava enquanto executava a *Ouverture da Cavalaria Ligeira*, de Suppé e seleções de melodias irlandesas. Apregoavam-se sorvetes, vendiam-se jornais; roubavam-se carteiras. O Mariestopes deslizou através de uma

camada de nimboestrato e pousou sobre seus arcos num lugar distante do campo.

Começou a chover.

A banda investiu numa lépida interpretação da atmosfera do século vinte, tocando *Sentimental Journey*, sem acrescentar muito brilho à execução. Como usualmente acontece nessas ocasiões, tudo parecia enfadonho, sem interesse. A pulverização de toda a tripulação da aeronave com germicida levou algum tempo. Aberta uma portinhola, surgiu na abertura uma pequena figura que parecia animada, desaparecendo em seguida. Mil crianças perguntaram se não era aquele o capitão Bargerone, e foi dito a elas para não serem tolas.

Finalmente, surgiu uma rampa, semelhante a uma língua relutante, pendendo para o chão. De diferentes partes do porto convergiram veículos para a grande aeronave — três pequenos ônibus, dois caminhões, uma ambulância, vários bagageiros, um carro particular e inúmeros veículos militares. E, finalmente, uma fila de criaturas humanas começou a se movimentar apressadamente rampa abaixo, olhos fitos no chão, e mergulhavam para dentro do abrigo dos veículos. A multidão aplaudia; viera para aplaudir.

Num hall de recepção, os homens da imprensa haviam tornado o ar azul com a fumaça de seus fortes cigarros de mescal, antes que o capitão Bargerone fosse empurrado até eles. Flashes chiavam e dançavam, enquanto ele sorria para todos, defensivamente.

Com alguns de seus oficiais parados atrás, ele permaneceu de pé e falou calmamente e sem sensacionalismo num inglês muito correto (Bargerone era francês) sobre quanto espaço havia lá fora e quantos mundos havia, e sobre quão devotada tinha sido a sua tripulação, exceto no que diz respeito a uma greve infeliz, de volta para a Terra, por cuja causa, esperava ele, alguém seria severamente punido, e terminou dizendo que num planeta muito agradável, que a USGN tivera a gentileza de decidir que deveria ser conhecido como Clementina, eles tinham matado e capturado alguns animais grandes, com características interessantes. Descreveu algumas dessas características. Os animais tinham duas

cabeças, cada uma com um cérebro. Os dois cérebros juntos pesavam duas mil gramas — um quarto mais do que o do homem. Esses animais, os ASEX ou rinomanos, como a tripulação os batizara, tinham seis membros que terminavam, indubitavelmente, em equivalentes de mãos. Infelizmente, a greve impedira o estudo desses animais invulgares, mas havia boas razões para se supor que eles tinham uma linguagem própria e essencial, e que portanto, a despeito de sua feiúra e de seus hábitos imundos, deviam ser encarados mais ou menos (mas, naturalmente, ninguém podia ter certeza ainda, e seriam precisos muitos meses de paciente pesquisa antes que se pudesse saber com exatidão) como formas inteligentes de vida, em igualdade de condições com o homem e capazes de ter uma civilização própria, num planeta até então desconhecido do homem. Dois deles seriam conservados em cativeiro e iriam para o Zoo Exótico, para estudos.

Quando terminou o discurso, os repórteres cerraram-se ao redor de Bargerone.

— O senhor afirma que esses rinocerontes não vivem em Clementina?

— Temos motivos para supor que não.

— Quais motivos?

— (Sorria para o *Subud Times*, por favor, capitão.)

— Somos da opinião que eles estavam lá de visita, exatamente como nós.

— Quer dizer que eles viajaram em uma nave espacial?

— Em certo sentido, sim. Mas eles podem ter sido levados para lá para fins de experiência — ou terem sido descarregados lá, como os porcos do capitão Cook desembarcados no Taiti, ou sei lá onde.

— (Por favor, capitão, mais de perfil.)

— Bem, o senhor viu a nave espacial deles?

— Bem, achamos que estamos com. . . que temos a nave espacial deles em nosso poder.

— Então fale, capitão, isso é ótimo! Por que o sigilo? O senhor capturou a nave espacial deles ou não?

— (E deste lado também, senhor.)

— Achamos que sim. Isto é, ela tem as características de uma nave espacial, mas. . . não está equipada com motor TP, naturalmente, mas um motor interessante, e, bem, a coisa parece meio idiota, mas. . . olhem, a estrutura é de madeira. Madeira de altíssima densidade. — O capitão Bargerone enxugou o rosto vazio de expressão.

— Ora, capitão, o senhor está brincando. . .

Na multidão de fotógrafos, fototistas e repórteres, Adrian Bucker não conseguia de jeito nenhum chegar perto de Bargerone. Ele abriu caminho com os cotovelos, até chegar ao lado de um homem alto e nervoso que estava parado atrás de Bargerone, olhando carrancudo por uma das grandes janelas, para o povo que se movia lentamente na chuva brilhante.

— Poderia me dizer como se sentiu em relação a esses seres estranhos que trouxe para a Terra, senhor? — perguntou Bucker. — São animais ou gente?

Ouvindo com dificuldade, Bruce Ainson lançou o olhar indagador por cima da multidão lá fora. Pensou ter visto de relance seu imprestável filho, Aylmer, e usou sua imprecação habitual, enquanto se precipitava através da turba.

— Porco! — disse ele.

— O senhor quer dizer que eles se parecem com porcos, ou que agem como porcos?

O Explorador voltou-se para encarar o repórter.

— Sou Bucker, do *Windsor Circuit*, senhor. Meu jornal estaria interessado em qualquer coisa que nos pudesse contar sobre esses animais. Acha que são animais, certo?

— O que o senhor chama de gênero humano, Mr. Bucker, seriam criaturas civilizadas ou animais? Algum dia encontramos uma nova raça, sem que a tenhamos corrompido ou destruído? Lembre-se dos polinésios, dos guanches, dos índios da América, dos tasmanianos..

— Está bem, entendo o que quer dizer, mas o senhor poderia me dizer se esses alienígenas. . .

— Oh, eles são inteligentes, como qualquer mamífero; eles são mamíferos. Mas seu comportamento, ou ausência de

comportamento, é desconcertante, porque não devemos pensar neles de um modo antro pomórfico. Teriam uma ética, teriam consciência? Seriam passíveis de corrupção, como o foram os esquimós e os índios eram? Seriam capazes de nos corromper? Temos que fazer a nós mesmos uma porção de perguntas minuciosas antes de nos capacitarmos a ver esses rinomanos com clareza. Isso é o que penso sobre o assunto.

— Isso é muito interessante. O que o senhor está dizendo é que temos que desenvolver um novo modo de pensar, não é isso?

— Não, não, não, não acho que este seja um problema que eu possa discutir com o repórter de um jornal, mas o homem confia demasiado em seu intelecto; o que precisamos é de um novo modo de sentir, de um mais respeitoso... Eu estava chegando a algumas conclusões com esses dois infelizes animais que capturamos — inspirando confiança, o senhor sabe, depois de termos matado e aprisionado seus companheiros, e o que vai acontecer a eles agora? Vão se transformar num espetáculo secundário do Zoo Exótico. O diretor, Sir Mihaly Pasztor, é um velho amigo meu; vou me queixar com ele.

— Com os diabos, o povo quer ver essas bestas! Como sabemos se elas têm sentimentos como os nossos?

— Seu ponto de vista Mr. Bucker, é provavelmente o da maldita maioria idiota. Desculpe-me, tenho que fazer um chamado técnico.

Ainson saiu às pressas do edifício, ocasião em que a massa de povo imediatamente se aproximou, cercando-o e agarrando-o com força. Ele ficou ali, indefeso, enquanto um caminhão punha-se lentamente em marcha animado com vivas, gritos e exclamações dos espectadores. Atrás de grades, na parte traseira do caminhão, os dois ASEX olhavam fixamente para os espectadores. Não emitiam nenhum som. Eram grandes e pardacentos, parecendo ao mesmo tempo desamparados e terríveis.

O olhar deles pousava em Bruce Ainson. Não davam nenhum sinal de tê-lo reconhecido. Subitamente desalentado, ele voltou-se e começou a se arrastar por entre a multidão de impermeáveis molhados.

A aeronave estava se esvaziando e sendo esvaziada. Guindastes mergulhavam grandes cabos em suas entranhas, voltando à tona com redes cheias de caixas de papelão, engradados e latas. Batelões de despejo de esgoto enxameavam, sugando para fora os resíduos, através do tubo digestivo do monstro de metal. A quilha sangrava homens em pequenas gotas. Mariestopes, a grande baleia, estava enalhada e impotente, abi

cada longe de seus cintilantes abismos naturais.

Walthamstone e Ginger Duffield seguiram Quilter até um dos duetos de saída. Quilter estava carregado de ferramentas e devia apanhar um jato ionosférico, para os Estados Unidos, do outro lado do porto, dentro de meia hora. Detiveram-se à saída da astronave e olharam para fora de modo esquisito, aspirando o ar estranhamente gostoso.

— Veja só, o pior tempo do universo — queixou-se Walthamstone. — Honestamente, digo a vocês que vou ficar aqui até passar.

— Pegue um táxi — sugeriu Duffield.

— Não valeria a pena. A casa de minha tia fica a apenas meia milha daqui. Minha bicicleta está ali, nos escritórios da P.T.O. Irei quando a chuva passar — se passar.

— A P.T.O. deixa que você guarde lá gratuitamente a sua bicicleta entre um vôo e outro? — perguntou Duffield com interesse.

Ansioso por não se envolver no que prometia se tornar uma conversação bem inglesa, Quilter ajeitou uma sacola nos ombros e disse:

— Escutem aqui, rapazes, vamos até à cantina, tomar comigo uma boa e quente cerveja sintética inglesa, antes de eu ir.

— Temos de celebrar o fato de você deixar o Corpo de Exploração — disse Walthamstone. — Poderíamos acompanhá-lo, Ginger?

— Eles escreveram na sua carteira profissional "Demitido" e rescindiram seu contrato oficialmente? — perguntou Duffield.

— Meu contrato por vôo — explicou Quilter. — Tudo perfeitamente legal, Duffield, seu velho advogado de caserna. Você

nunca descansa?

— Você conhece meu lema, Hank. Siga-o que você não erra: "Eles enrolarão você, se puderem." Conheci um cara, há pouco tempo, que esqueceu de liquidar o seu 535 com o oficial intendente antes de dar baixa, e eles o fizeram voltar. No duro, eles o agarraram por mais cinco anos. Agora ele está servindo em Charon, ajudando a ganhar a guerra.

— Vamos tomar essa cerveja, ou não?

— É melhor que eu vá — disse Walthamstone. — Talvez não o vejamos mais depois que aquela fulana de Dodge City o descobrir, segundo o que você me contou. Prefiro ficar milhas longe dessa espécie de garota.

Walthamstone tentou escapar do chuvisco fino; Quilter seguiu-o, olhando por cima do ombro para Duffield.

— Você vem, Ginger, ou não?

Duffield olhou, malicioso, para ele.

— Não vou sair desta aeronave enquanto não receber meu pagamento extra, companheiro — disse ele.

O Explorador Phipps estava em casa. Tinha abraçado os pais e estava pendurando o casaco no hall. Seus pais continuavam atrás dele, controlando-se para parecer descontentes mesmo enquanto sorriam. Mesquinhos, de ombros caídos, eles lhe deram as boas-vindas num resmungo que Phipps conhecia tão bem. Eles recitaram, cada um por sua vez, dois monólogos que jamais chegariam a formar um diálogo.

— Venha para a sala de estar, Gussie. Lá está mais quente — disse a mãe. — Você se resfriou ao sair da aeronave. Trago uma xícara de chá num minuto.

— Tivemos um bocado de aborrecimentos com o aquecimento central. Não precisamos dele agora, pois estamos em junho, mas tem feito bastante frio para esta época do ano. Dá um trabalhão a

gente arranjar alguém para vir aqui e olhar qualquer coisa. Não sei o que aconteceu com as pessoas. Hoje em dia parece que não querem ter fregueses.

— Conte a ele sobre o novo médico, Henry. Um homem terrivelmente rude, absolutamente sem nenhuma educação ou qualquer espécie de boas maneiras. E com as unhas das mãos imundas — imagine ele querer examinar alguém com as unhas das mãos imundas.

— Naturalmente, a guerra é a culpada de tudo. Ela trouxe à tona um tipo inteiramente diferente de homem. O Brasil não mostra sinal de fraqueza e, no entanto, o Governo. . .

— O pobre do rapaz não quer ouvir falar de guerra nem bem chegou em casa, Henry. Eles começaram até a racionar alguns gêneros alimentícios! Tudo o que ouvimos é propaganda, propaganda, pela tecnivisão. E a qualidade das coisas também piorou. Na semana passada tive que comprar uma caçarola nova. . .

— Sente-se aqui, Gussie. É claro que a culpa é da guerra. Não sei o que vai ser de todos nós. As notícias do Setor 160 são tão deprimentes, não são?

Phipps disse: — Lá fora, na galáxia, ninguém mostra qualquer interesse pela guerra. Devo dizer que tudo isso me parece conversa mole.

— Você não perdeu seu patriotismo, perdeu, Gussie? — perguntou o pai.

—O que é patriotismo, senão uma extensão do egoísmo? — perguntou Phipps, contente de ver o peito do pai estufar-se momentaneamente, para se encolher outra vez.

A mãe quebrou o silêncio tenso, dizendo: — De qualquer maneira, querido, você sentirá uma diferença na Inglaterra desde quando você partiu. A propósito, quanto tempo você vai ter?

Por menos que a tagarelice dos pais o cativasse, esta súbita pergunta o incomodou, visto que a mãe e o pai esperavam avidamente pela sua resposta. Ele conhecia há muito tempo aquele sentimento asfixiante. Eles não queriam nada com ele. Só queriam que ele ficasse ali, para ser repreendido. Eles não queriam nada dele, senão sua vida.

— Ficarei aqui apenas uma semana. Aquela encantadora mestiça chinesa, Al Chi, que conheci na minha última licença, está no Extremo Oriente de férias para pintar. Na próxima quinta-feira vou voar para Macau para ficar com ela.

Outra vez a familiaridade! Ele conhecia o pseudolamentoso balançar de cabeça do pai, aquele modo particular de franzir os lábios da mãe, com se ela estivesse chupando um limão azedo. Antes que eles falassem, Phipps levantou-se.

— Se os dois me desculparem, vou até lá em cima desarrumar minha valise.

CAPITULO 5

Pasztor, diretor do Zoo Exótico de Londres, era um homem fino e esbelto, sem um fio de cabelo branco na cabeça, apesar de seus cinquenta e três anos. Húngaro de nascimento, dirigira uma expedição no submarino Antarctic quando tinha vinte e dois anos, organizara o Domo Zoológico Tellus, no asteróide Apolo, em 2005, e escrevera o supervisto tecnidrama de 2014, *Um Iceberg para Ícaro*. Vários anos mais tarde, participou da Primeira Expedição a Charon, que cartografou e, em seguida, desembarcou nesse planeta recentemente descoberto do sistema solar; Charon gelava de modo tão pouco agradável cerca de três milhões de milhas além da órbita de Plutão, que adquiriu o nome de Planeta Congelado. Pasztor lhe deu esse apelido.

Após esses triunfos, Sir Mihaly Pasztor foi escolhido como diretor do Zoo Exótico de Londres, e estava naquele momento oferecendo um drinque para Bruce Ainson.

— Você sabe que não bebo, Mihaly — disse Bruce, sacudindo a cabeça negativamente.

— Doravante você é um homem famoso; deveria brindar a seu próprio sucesso, como nós o brindamos. Os drinques são todos sintéticos, você sabe — e certamente um sonho desalcoolizado não lhe faria mal.

— Você me conhece há muito tempo, Mihaly. Só quero cumprir o meu dever.

— Eu o conheço há muito tempo, Bruce. Sei que liga tão pouco para a opinião ou o aplauso de quem quer que seja que, sedentamente, você precisa da aprovação de seu próprio superego — disse o diretor, numa voz suave, enquanto o garçom batia para ele o coquetel conhecido como Transponencial. Eles se encontravam na recepção que estava sendo dada no hotel anexo ao Zoo Exótico, onde murais representando animais estranhos, numa estimulante

mistura de gloriosos uniformes e trajes floridos, feriam os olhos dos que os contemplavam.

— Não preciso das novidades do seu poço de sabedoria — disse Ainson.

— Você nunca irá admitir que precisa de algo de alguém — respondeu o diretor. — Eu tencionava dizer isso a você há muito tempo, Bruce. — Embora esta não seja a nem a hora nem o lugar, deixe-me continuar, já que comecei. Você é um homem corajoso, culto, formidável. O que você provou não apenas para o mundo, mas para você mesmo. Você agora pode permitir-se um descanso, um afrouxamento na sua defesa. Você, agora, não só pode descansar um pouco, mas deve fazê-lo antes que seja tarde demais. Um homem tem que ter alma, Bruce, e a sua está morrendo por sufocação. . .

— Pelo amor de Deus, homem! — exclamou Ainson, libertando-se, meio sorrindo, meio zangado. — Você está falando como um personagem impossivelmente romântico de uma das peças de sua imaturidade! Eu sou o que sou, e não sou diferente do que tenho sido sempre. Enid está vindo para cá, e já é tempo de mudarmos de assunto.

Entre os vestidos vistosos, o modelo de Enid Ainson, lembrando uma naja encapuzada, parecia tão banhado de sol como um eclipse. Ela sorriu, contudo, quando se aproximou do marido e de Pasztor.

— A festa está linda, Mihaly. Como fui tola não vindo à última, da última vez que Bruce voltou para casa. Aliás, você tem um lugar muito bonito para dar festas.

— Em tempo de guerra, Enid, tentamos conseguir um pouco de alegria extra, e seu comparecimento deu resultado.

Ela riu, obviamente agradecida, porém compelida a protestar. — Você está me lisonjeando, Mihaly, exatamente como sempre o faz.

— Seu marido nunca a lisonjeia?

— Bem, não sei. . . Não sei se Bruce — quero dizer. . .

— Vocês estão sendo tolos, os dois — disse Ainson. — O barulho aqui é suficiente para deixar qualquer um doido. Mihaly, já

me enchi de toda esta frescura e estou surpreso, Enid, de que você também não esteja. Vamos tratar de negócios; vim aqui para entregar os ASEX a você, oficialmente, e é isso o que quero fazer. Podemos discutir isso em algum lugar, em paz, calmamente?

As sobrancelhas bem cuidadas de Pasztor se ergueram em direção ao contorno do couro cabeludo, para depois se moverem numa carranca.

— Você está tentando me distrair, enquanto eu tenho de observar o trabalho dos garçons. Bem, acho que podemos descer até a nova jaula dos ASEX, se você precisa. Seus espécimes poderiam ser instalados agora, sem que os funcionários do espaçoporto se ponham em nosso caminho.

Ainson voltou-se para a esposa, pousando uma mão em seu braço.

— Venha também, Enid; este alvoroço, aqui em cima, não é bom para você.

— Que nada, querido! Estou me divertindo — e se livrou da mão do marido.

— Bem, afinal, você poderia mostrar um pouco de interesse pelos animais que trouxemos.

— Não tenho dúvidas de que ouvirei falar deles durante semanas! — Enid olhou para as rugas de seu rosto e disse, no mesmo tom jocosamente resignado: — Muito bem, irei, já que você não pode suportar a idéia de me ter longe dos olhos. Mas você terá que ir buscar meu abrigo, porque está muito frio para sair assim.

Sem nenhum gesto de cortesia, Ainson deixou-os. Pasztor levantou uma sobrancelha para Enid e se apossou de um drinque para cada um.

— Não sei realmente, Mihaly, se devo tomar outro. Não seria terrível se eu ficasse tocada?

— Há gente que fica, você sabe. Veja Mrs. Friar, ali. Agora que estou só com você, Enid, além de flertar com você, como pretendo fazer, tenho que lhe perguntar a respeito de seu filho, Aylmer. O que ele está fazendo agora? Por onde anda?

Mihaly percebeu seu leve rubor. Enid parecia olhar para além dele, enquanto falava.

— Por favor, não estrague a noite, Mihaly. É tão bom ter Bruce de volta. Sei que você acha que ele é um velho monstro terrível, mas ele não é nada disso, pelo menos no íntimo.

— Como está Aylmer?

— Está em Londres. Fora isso, não sei nada.

— Você é muito severa com ele.

— Por favor, Mihaly!

— Bruce é muito severo com ele. Você sabe que digo isso como um velho amigo, tanto quanto como padrinho de Aylmer.

— Ele fez algo vergonhoso, e o pai dele o expulsou de casa. Eles nunca se deram muito bem, como você sabe, e embora eu me sinta terrivelmente pesarosa por causa do rapaz, é muito mais tranqüilo não ter que agüentar a ambos. — Enid levantou os olhos para Mihaly e acrescentou: — E não pense que eu sempre adoto uma posição de mínima resistência, porque não adoto. Durante anos mantive uma verdadeira luta com eles.

— Nunca vi um rosto parecer menos preparado para batalhas. O que fez Aylmer para receber esse terrível edito sobre a cabeça?

— Você tem que perguntar a Bruce, se está tão interessado em saber.

— Há alguma garota implicada no caso?

— Sim, além do mais, há uma garota. Bruce está de volta.

Depois que o Mestre Explorador colocou o abrigo sobre os ombros da esposa, Mihaly levou-os para fora do hall, através de uma porta lateral. Caminharam ao longo de um corredor atapetado, desceram para o andar de baixo e penetraram na penumbra. O zoológico estava calmo, embora um ou dois estorninhos de Londres, em atraso, se movessem para se deitar entre as árvores, enquanto, de sua piscina climatizada, um saurópode de Rungsted levantasse o pescoço para olhar, vagamente assombrado, à passagem deles. Mudando de itinerário antes de chegar ao prédio dos mamíferos de Metano, Pasztor conduziu os dois até um novo bloco, construído à maneira moderna, com blocos de plástico reforçado com areia e

concreto empalhado e com tirantes de chumbo. Entraram por uma porta lateral. As luzes se acenderam.

Um vidro curvo e reforçado separava-os dos dois ASEX. Os animais, quando as luzes se acenderam, viraram-se a fim de olhar para os seres humanos. Ainson fez um gesto indiferente de reconhecimento para eles; isso produziu uma reação imperceptível.

— Pelo menos eles têm boas acomodações — disse. — O público vai ter acesso a este lugar o dia todo, para espremer seus narizes abomináveis contra o vidro?

— O público só será admitido neste bloco entre duas e meia e quatro da tarde — disse Pasztor. — Pela manhã, os especialistas estarão aqui estudando nossos visitantes.

Os visitantes tinham uma ampla jaula dupla, cujas partes estavam separadas por uma porta baixa. Do outro lado de um dos compartimentos via-se uma cama baixa e espaçosa, acolchoada com espuma plástica. Gamelas cheias de comida e água alinhavam-se junto a uma das paredes. Os ASEX estavam no centro do assoalho; já tinham acumulado um montão de sujeira à volta deles.

Três animais parecidos com lagartos corriam pelo assoalho e se arremessavam sobre os corpos maciços dos ASEX. Eles corriam para uma dobra da pele e desapareciam. Ainson apontou para eles.

— Está vendo aquilo? Então eles ainda continuam aí! Eles se parecem muito com lagartos. Creio que há quatro deles, no máximo; eles vivem junto com os extraterrenos. Havia dois deles acompanhando o ASEX agonizante que trouxemos a bordo do Mariestopes. Talvez se trate de simbiontes, ou mesmo de sínfilos. O idiota de um capitão ouviu falar deles através dos meus relatórios, e quis matá-los — dizia que eles deviam ser parasitas perigosos — mas eu me insurji contra ele.

— Quem era esse sujeito? Edgar Bargerone? — perguntou Pasztor. — Um homem corajoso, embora nada brilhante; provavelmente ele ainda se apegava à concepção geocêntrica do universo.

— Ele queria que eu me comunicasse com esses tipos antes que tocássemos a Terra! Não tinha idéia dos problemas com que nos defrontávamos.

Enid, que estivera olhando os cativos atentamente, ergueu os olhos e perguntou: — Você será capaz de se comunicar com eles?

— A questão não é tão simples quanto pareceria a um leigo, querida. Noutra ocasião eu lhe conto tudo a esse respeito.

— Pelo amor de Deus, Bruce, não sou nenhuma criança. Você é ou não é capaz de se comunicar com eles?

O Mestre Explorador enfiou as mãos nas abas do uniforme, e encarou a mulher. Quando falou, o fez reprimindo a emoção, como um pregador do alto de seu púlpito.

— Com um quarto de século de exploração estelar atrás de nós, Enid, as nações da Terra — a despeito do fato de que o número total de aeronaves estelares raramente excede uma dúzia — conseguiram fazer um levantamento topográfico de cerca de trezentos planetas mais ou menos do tipo da Terra. Nesses trezentos planetas, Enid, elas às vezes encontraram vida sensível e às vezes não. Porém elas jamais encontraram seres que pudessem ser encarados como possuidores de um cérebro maior do que o de um chimpanzé. Agora descobrimos esses animais em Clementina, e temos nossas razões para suspeitar que eles podem ter uma inteligência equivalente à do homem — sendo, para isso, a principal razão circunstancial o fato de eles terem uma. . . bem, uma máquina capaz de viajar entre planetas.

— Então, por que fazer tanto mistério a respeito disso? — perguntou Enid. — Há vários testes simples planejados para essa situação; por que não aplicá-los? Esses animais têm algum texto escrito? Conversaram com os outros? Observam algum código entre eles? São capazes de repetir uma simples demonstração ou um conjunto de gestos? Reagem a conceitos matemáticos simples? Qual é a atitude deles em relação aos artefatos humanos — e, naturalmente, possuem eles seus próprios artefatos? Como. . .

— Está bem, está bem, querida, aceitamos inteiramente seu ponto de vista: há testes para serem aplicados. Não fiquei inativo durante a viagem de volta; apliquei os testes.

— Bem, e então, quais foram os resultados?

— Conflitantes. Conflitantes num sentido que sugere que os testes que aplicávamos eram ineficientes e insuficientes — numa

palavra, muito saturados de antropomorfismo. E este é o ponto que eu estava tentando compreender. Até que possamos definir a inteligência mais intimamente, não vai ser fácil começar a nos comunicar.

— Ao mesmo tempo — complementou Pasztor — vai ser difícil você definir a inteligência enquanto não conseguir se comunicar.

Ainson repeliu esse aparte com o gesto de um homem prático que aborrece sofismas.

— Primeiro, definamos a inteligência. A pequena aranha *Argyro netta aquática* é inteligente porque pode construir um sino de mergulhador e, conseqüentemente, viver debaixo da água? Não. Muito bem, então estes animais pesados e desajeitados podem não ser mais inteligentes porque são capazes de construir uma nave espacial. Por outro lado, estes animais podem ser tão altamente inteligentes e o produto final de uma civilização tão antiga, que todo o raciocínio que nós formamos em nossa mente consciente eles formam em suas mentes hereditárias ou subconscientes, deixando que suas mentes conscientes fiquem livres para cogitar sobre questões — e na verdade para formas de cogitação — além de nosso entendimento. Se a coisa é assim, a comunicação entre as nossas espécies pode estar para sempre fora de questão. Lembre-se de que a definição dicionarizada de inteligência é simplesmente "informação recebida"; se não recebemos nenhuma informação deles, e eles nenhuma de nós, então estamos autorizados a dizer que esses ASEX não são inteligentes.

— Isso tudo é muito enigmático para mim — disse Enid. — Você faz a coisa parecer tão difícil agora, enquanto em suas cartas você tornava tudo tão simples. Você disse que esses animais tinham se aproximado e tentado se comunicar com você através de uma série de grunhidos e assobios; você disse que cada um deles tinha seis mãos excelentes; disse que eles tinham chegado, aonde mesmo? — a Clementina — numa nave espacial. É evidente que a situação está clara. Eles são inteligentes, não apenas com a inteligência limitada de um animal, mas eles são suficientemente inteligentes para terem produzido uma civilização e uma linguagem. O único

problema é traduzir os barulhos e ruídos e assobios deles para o inglês.

Ainson voltou-se para o diretor.

— Você compreende por que a coisa não é assim tão fácil, não compreende, Mihaly?

— Bem, li a maioria dos seus relatórios, Bruce. Sei que se trata de mamíferos com sistema respiratório e aparelho digestivo muito parecidos com os nossos, que possuem cérebros com um peso proporcionalmente similar aos nossos, que, sendo dotados de mãos, eles poderiam se aproximar do universo com o mesmo sentimento básico que temos de que a matéria está lá para ser manipulada — não, francamente, Bruce, posso perceber que aprender a linguagem deles ou fazê-los aprender a nossa seria uma tarefa difícil, mas sinto que você está superestimando os obstáculos do caso.

— Você acha? Espere até que tenha observado esses sujeitos um pouco mais. Você sentirá de modo diferente. Eu lhe digo, Mihaly, tentei me colocar no lugar deles e, apesar de seus hábitos repugnantes, consegui preservar minha simpatia por eles. Mas a única impressão que tenho — em meio a um oceano de frustrações — é que eles, se são mesmo inteligentes, devem ter um ponto de vista do universo muito diferente do nosso. Na verdade, imagine você, eles estavam — e fez um gesto para os animais, calmos, atrás do vidro — estavam guardando distância em relação a mim.

— Vamos ver se os lingüistas serão bem sucedidos — disse Pasztor. — E Bryant Lattimore, da USGN Flight Advice — é um homem muito eficiente; penso que você vai gostar dele — chega amanhã dos Estados Unidos. Valerá a pena conhecer a opinião dele.

Essa não era uma observação que agradasse a Bruce Ainson, que achou que já falara bastante sobre o assunto.

— São dez horas — disse ele. — Já é hora de Enid e eu irmos para casa; você sabe que tenho um horário quando estou na Terra. Gostamos da festa, Mihaly. A gente se vê no fim da semana.

Eles deram-se as mãos com mútua cordialidade. Provocado por um daqueles repentes de maldade que lhe assegurava que ele jamais subiria mais alto do que a sinecura presente, Sir Mihaly perguntou:

— A propósito, meu amigo, o que fizeram Aylmer e a garota, que se conflitou tanto com o seu ponto de vista, a ponto de você o expulsar de casa?

Um tom como que de tijolo empoeirado mosqueou o pescoço e as bochechas de Bruce Ainson.

— É melhor você mesmo perguntar a ele; ele gostaria de gratificar sua curiosidade; eu não quero vê-lo mais — disse Ainson duramente. — Não é preciso nos acompanhar.

O trem do subúrbio subia através da noite pontilhada pela orquestra de luzes da cidade, firmando-se, aturdido, ao traçado dos trilhos. Enid fechou os olhos e pensou que teria sido bom se tivesse tomado um Antivom antes do embarque; ela não se sentia bem em viagens.

— Um tostão pelos seus pensamentos — disse-lhe o marido.

— Eu não estava pensando, Bruce.

Após um silêncio, Ainson disse: — O que andaram conversando, você e Mihaly, enquanto fui buscar seu abrigo?

— Não me lembro. Bobagens. Por que está perguntando?

— Quantas vezes você o viu enquanto estive fora?

Enid suspirou, e o ruído provocado no trem com o deslocamento do ar abafou o pequeno som que ela emitira.

— Bruce, você sempre me pergunta isso depois de cada viagem. Portanto, pare com esse ciúme ou você acabará me dando idéias; Mihaly é muito agradável, mas não significa nada para mim.

Num lugar elevado, fora de Londres, o trem do distrito deixou-os à beira espiralada do Outflank Ring. Essa seção, cuja estrutura havia sido recentemente construída, estava apinhada, de modo que eles se mantiveram em silêncio enquanto se precipitavam para a pista do direto que os levaria para casa. Mas, uma vez no mônibus, o silêncio deles continuou a persistir. Nenhum dos dois se sentia bem com a ausência de conversa do outro, com medo de pensamentos desconhecidos. Foi Enid quem falou primeiro.

— Bem, estou contente pelo fato de você, afinal, ter conseguido sucesso, Bruce. Precisamos dar uma festa. Estou muito orgulhosa de você, você bem sabe!

Ainson pegou-lhe a mão e sorriu como quem perdoa, como se faria com uma criança.

— Receio que a época não esteja para festas. Agora é que começa o trabalho de verdade. Vou ter que ficar rondando pelo zoológico diariamente, assessorando as equipes de pesquisa. Você sabe que eles não vão poder fazer muita coisa sem a minha presença.

Enid fixou o olhar à frente. Não estava desapontada; poderia ter adivinhado a resposta. E, mesmo assim, ao invés de mostrar-se zangada, ela se viu tentando ser amigável com ele, fazendo uma de suas pequenas perguntas bobas.

— Você está esperando demais, se pensa que vamos poder aprender a conversar com esses bichos.

— O governo parece menos entusiasmado do que eu esperava. Naturalmente, sei que há essa detestável guerra em andamento... Eventualmente, podem surgir pontos que provarão ser de maior importância do que o fator linguagem.

Ela reconheceu uma imprecisão em sua fraseologia, que ele usava sempre que havia algo de que não estava certo.

— Que espécie de pontos?

Ele fixou o olhar na noite que corria.

— O ASEX ferido mostrou grande resistência para morrer. Quando eles o dissecaram no Mariestopes, cortaram-no quase em nacos antes que ele morresse. Essas coisas possuem uma resistência fenomenal à dor! Eles não sentem dor. Eles não. . . sentem dor! Pense no caso. Tudo isso está nos relatórios, posto em tabelas e escrito tecnicamente — não tenho mais paciência com isso. Mas um dia alguém vai ver a importância desses fatos.

Ela sentiu de novo seu silêncio cair como uma pedra de seus lábios, enquanto ele olhava pela janela, ignorando-a.

— Você viu esse animal quando era cortado?

— Certamente que sim.

Enid pensou em todas as coisas que os homens viam e faziam e suportavam com aparente facilidade.

— Você é capaz de imaginar uma coisa dessas? — disse Ainson.

— Jamais sentir qualquer dor, física ou mental. . .

Eles estavam descendo até o nível do tráfego local. Seu olhar melancólico fixou-se na escuridão que ocultava a casa.

— Que benefício para a humanidade! — exclamou.

Depois que os Ainsons se foram, Sir Mihaly Pasztor ficou onde estava, numa vacuidade que ocasionalmente emergia num pensamento. Começou a andar de um lado para o outro, vigiado pelos olhos dos dois seres estranhos por detrás do vidro. O olhar deles, finalmente, fez com Mihaly diminuísse a marcha; parou na ponta dos pés, balançando-se, inclinando-se gentilmente, encarando-os com os braços cruzados, e afinal dirigiu-se a eles.

— Meus queridos pupilos, compreendo o problema, e sem nunca ter visto vocês antes, eu também sou capaz de compreendê-los, até certo ponto. Acima de tudo, compreendo que até agora vocês só se defrontaram com um limitado tipo de mente humana. Eu conheço os homens do espaço, meus amigos barrigudos, visto que eu próprio fui um homem do espaço, e sei como os extensos e enigmáticos anos-luz atraem e moldam uma mente inflexível. Vocês se defrontaram com homens sem traços humanos, homens sem uma percepção mais requintada, homens carentes do poder da empatia, homens que não perdoam de bom grado e que não compreendem, por que não têm conhecimento da diversidade dos hábitos humanos, homens que, porque não possuem discernimento dentro de si, negam a existência de discernimento dentro dos outros.

— Em resumo, meus queridos e emporcalhados pupilos, se vocês são civilizados, então precisam se defrontar com um homem devidamente civilizado. Se são mais do que animais, então, não demorará muito, e logo chegaremos a um entendimento. Depois disso, já é tempo de as palavras começarem a brotar entre nós.

Um dos ASEX desretraiu os membros e se aproximou do vidro. Sir Mihaly Pasztor tomou o gesto como um presságio.

Andando até o fundo do compartimento, ele entrou numa pequena antecâmara da jaula propriamente dita. Apertando um botão, ativou a parte do assoalho na qual estava; ela moveu-se para dentro da jaula, impelindo à sua frente uma grade baixa, de

modo que o diretor mais parecia um prisioneiro entrando num tribunal, sentado no banco dos réus. O mecanismo parou. Agora, Mihaly e os ASEX estavam frente a frente, embora um botão na mão direita de Pasztor lhe assegurasse que ele podia se retirar imediatamente, se algum perigo o ameaçasse.

Os ASEX soltaram assobios finos e se agruparam a um canto. O cheiro deles, embora longe de ser tão repugnante quanto se esperaria, certamente era muito perceptível. Mihaly franziu o nariz.

— Na nossa maneira de pensar — disse ele — a civilização é contada pela distância que o homem tem colocado entre ele próprio e seu excremento.

Um dos ASEX estendeu um membro e se coçou.

— Não temos nenhuma civilização na Terra que não esteja firmemente baseada sobre um alfabeto. Até os aborígenes esboçam seus temores e suas esperanças rabiscando em pedras. Mas, vocês têm temores, esperanças?

O membro, tendo coçado, retraiu-se, deixando a palma da mão como se fosse apenas a forma de seis coisas pontudas na carne.

— É impossível imaginar um animal maior do que uma pulga sem temores e esperanças, ou alguma estrutura equivalente baseada no estímulo da dor. Bons sentimentos e maus sentimentos: eles nos acompanham por toda a vida; são as nossas experiências do mundo exterior. Todavia, se compreendi o relatório a respeito da autópsia de um de seus amigos recentemente falecidos, vocês não sentem dor. Quão radicalmente isso deve modificar a experiência que vocês têm do mundo exterior!

Um dos lagartos apareceu. Afundou-se ao longo das grandes costas de seu anfitrião e ajustou seu brilhante nariz numa prega de sua pele. Tornou-se imóvel e quase invisível.

— E, na verdade, o que é o mundo exterior? Já que só podemos conhecê-lo através dos nossos sentidos, jamais poderemos conhecê-lo de forma não-diluída; só podemos conhecê-lo como mundo-exterior-maisos-sentidos. O que é uma rua? Para um garotinho, um mundo inteiro de mistério; para um estrategista militar, uma série de pontos marcados e posições à vista; para um amante, o local em que mora a sua bem-amada; para uma

prostituta, seu ponto de negócios; para um historiador urbano, uma série de filigranas no tempo; para um arquiteto, um pacto celebrado entre a arte e a necessidade; para um pintor, uma aventura em perspectiva e tom; para um viajante, o lugar de um drinque e de uma cama quente; para o morador mais velho, um monumento às suas loucuras passadas, às suas esperanças e amores; para o motorista...

— Como então fazer nossos mundos exteriores, os seus e os meus, meu gado enigmático, se chocarem ou se harmonizarem? Não iremos averiguar então que não é possível descobrir-se nada enquanto não conseguirmos dizer um ao outro, mais do que uma lista de nomes e de necessidades? Ou vocês preferem, com o nosso Mestre Explorador, a proposição oposta: temos que entender pelo menos a natureza do meio ambiente de vocês, antes que possamos confabular?

— E, subitamente, não me afastei do sentido, porcas criaturas? Posto que não fosse assim, pobres animais vocês seriam meros reféns de um problema maior? Talvez não consigamos jamais nos comunicar com nenhum de vocês dois. Mas vocês são um sinal de que em algum lugar — talvez a não muitos anos-luz de Clementina — existe um planeta cheio dos da sua espécie. Se fôssemos até lá, se surpreendêssemos vocês em seu habitat natural, então poderíamos compreendê-los muito mais, perceberíamos precisamente muito mais a respeito do assunto sobre o qual estamos tentando conversar. Não precisamos só de lingüistas aqui; precisamos também de algumas naves espaciais, para sondar os mundos próximos a Clementina. Devo elucidar este ponto com Lattimore.

Os ASEX não fizeram nada.

— Eu os previno: o homem é uma criatura muito persistente. Se o mundo exterior não vier a ele, ele irá ao mundo exterior. Se vocês têm um vocabulário para emitir, preparem-se para emití-lo agora. Os olhos deles haviam-se fechado.

— Vocês mergulharam na inconsciência ou na oração? A segunda alternativa seria a mais sensata, agora que estão na mão

do homem.

Filosofar não foi tudo o que se fez nessa primeira noite em que o Mariestopes descarregou sua carga na Terra; houve também um arrombamento.

Não que Rodney Walthamstone pudesse ajudá-lo, como a defesa explicou quando o caso veio à tona. Tratava-se de uma compulsão de um tipo não raro nos dias que correm, quando cada mês que passava via a volta de aeronaves que tinham devassado as profundezas do cosmos. Mortais comuns aventuravam-se nessas terríveis viagens — e ele usava a palavra sem a intenção de ser hiperbólico — mortais como Rodney Walthamstone, sobre os quais elas não podiam ter mas tinham um efeito esmagador. Isso era bem conhecido como síndrome de Bestar há dez anos (do nome do célebre psicodinamista).

Lá fora, no cosmos, todos os símbolos e equipamentos da inteligência humana eram deficientes, brutalmente deficientes. Não se precisava concordar com o filósofo francês Deutch para afirmar que o cosmos e a mente eram os dois pólos opostos do magneto da integridade, para compreender que a viagem espacial impunha um esforço violento a cada homem, e que ele tinha que retornar à Terra com um desejo ardente de uma normalidade que podia não ser satisfeita através dos canais legais. Admitido isso, portanto, então era a lei e não a mente do homem que devia ser alterada; o homem tinha se apagado nas infinitas profundezas cintilantes. Estava à altura da lei torná-lo um pouco menos materialista [risadas].

Que símbolo tinha mais poder para conservar a mente de um homem do que uma casa, esse símbolo do lar, de proteção contra o mundo hostil, de civilização até? Desse modo, neste caso de arrombamento, embora infelizmente a proprietária da casa tivesse sido atacada, o tribunal poderia ver que o nada heróico acusado estivera apenas à procura de um símbolo. Naturalmente ele próprio admitiu que estava ligeiramente sob a influência da bebida na ocasião, mas o síndrome de Bestar admitiu. . .

O juiz, admitindo que a defesa tinha um intento, disse que, mesmo assim, ele estava cansado de astronautas que voltavam à Terra e tratavam a Inglaterra como se ela fosse um pedaço do cosmos subdesenvolvido. Trinta dias atrás das grades convenceriam o prisioneiro de que havia uma considerável diferença entre os dois.

A sessão foi interrompida para o almoço, e certa Miss Florence Walthamstone foi levada, chorando, da corte para a taverna mais próxima.

— Hank, querido, você não vai se alistar outra vez no Corpo Espacial, vai? Você não vai viajar outra vez pelo espaço, vai?

— Eu lhe disse, querida, que vou fazer um contrato para cada vôo, como eu tinha no Corpo de Exploração.

— Jamais compreenderei vocês homens, nem se eu viver mil anos. O que há lá fora que o atrai? O que você ganha com isso?

— Diabo, trata-se de um modo de ganhar a vida. Melhor do que um emprego de escritório, não é? Sou um cara inteligente, querida, você não parece entender, passei em todos os meus exames, mas a competição é tão grande aqui na América. . .

— Mas o que você ganha com isso, isso é o que eu quero saber?

— Já lhe disse, quero chegar a capitão. Agora, que tal deixar o assunto de lado um pouquinho, hein?

— Eu não queria falar sobre isso.

— Não queria? Bem, então quem é que você pensa que queria? Às vezes acho que nós não falamos a mesma língua.

— Querida, querida! Querida, você não acha que já é hora da gente levantar?

— Hum?

— São dez horas, querida.

— Hum. É cedo ainda.

— Estou com fome.

— Eu estava sonhando com você, Gussie.

— Você se lembra de que íamos tomar o ferry-boat para Hong Kong? Nós íamos estudar um roteiro hoje, lembra-se?

— Hum, me beije outra vez, querido.

— Querida!

CAPÍTULO 6

O chefe da guarda era um homem maduro, um tanto grisalho, que recentemente dera para pintar o cabelo de modo a mostrá-lo sob cada lado do quepe pontudo. Ele havia trabalhado sob as ordens de Pasztor há muito tempo — muitas luas antes ele tivera uma encrenca ao descer, pela manhã, para o andar de baixo — muito abaixo dos penhascos gelados do Ross Ice Shelf. Seu nome, por acaso, era Ross, Ian Edward Tinghe Ross, e fez a Bruce Ainson uma continência cheia de malícia quando o Explorador subiu.

— Bom dia, Ross. Como estão as coisas esta manhã? Estou atrasado.

— Uma grande conferência esta manhã, senhor. Eles começaram agora mesmo. Sir Mihaly está aí, naturalmente, e os três lingüistas — o Dr. Bodley Temple e seus dois colegas — e um técnico em estatística, esqueci o nome, um homem pequenino com um pescoço cheio de verrugas, a gente não pode esquecê-lo, e uma senhora — uma cientista, creio — e aquele filósofo de Oxford outra vez, Roger Wittgenbacher, e o nosso amigo americano Lattimore, e o novelista Gerald Bone, e quem mais?

— Meu Deus, quase uma dúzia! O que está fazendo aqui o Gerald Bone?

— É amigo de Sir Mihaly, conforme compreendi, senhor. Ele me parece uma pessoa muito agradável. Meus gostos pessoais de leitura pendem para o lado mais sério; portanto, não costumo ler qualquer novela, mas de vez em quando, quando não me sinto bem — particularmente quando tive aquele ataque de bronquite no último inverno, se o senhor se lembra — andei folheando uma ou duas novelas, e devo dizer que fiquei muito impressionado com *Muitos São a Minoria*, de Mr. Bone. O herói havia tido um esgotamento nervoso. . .

— Sim, eu me lembro do enredo, Ross, obrigado. E como estão os nossos dois ASEX?

— Para ser franco, senhor, acho que eles estão morrendo de tédio, e quem pode culpá-los?

Quando entrou na sala de estudos, que ficava atrás da jaula dos ASEX, Ainson já encontrou a conferência em andamento. Contando as cabeças à medida que se voltavam para ele, totalizou quatorze homens e uma mulher. Embora aparentemente eles fossem semelhantes, tinha-se a impressão de que ali havia algo de que todos compartilhavam, talvez um ar de autoridade.

Esse ar era mais perceptível em Mrs. Warhoon, talvez porque ela estivesse de pé e no melhor do discurso quando Ainson chegou. Mrs. Hilary Warhoon era a senhora a que se referira Ross, o guarda. Embora só tivesse quarenta e poucos anos, era bem conhecida como uma líder eclética do cosmos, membro da nova profissão científico-filosófica que tentava separar o joio do trigo na pilha de fatos e teorias rapidamente acumulados que representavam a principal importação da Terra proveniente do espaço. Ainson olhou para ela com aprovação. E pensar que ela poderia estar casada com algum velho cacete e ressequido, com um banqueiro que ela não conseguisse tolerar! Era uma bela figura de mulher, suficientemente elegante para estar vestida com um daqueles novos modelos estilo candelabro, com pingentes no busto, nos quadris e na altura da coxa; o encanto de seu rosto, apesar de ser séria a sua expressão predominante, não era puramente intelectual, embora Ainson soubesse, por um fato bastante divulgado, que ela podia até discutir em público com o velho Wittgenbacher, o filósofo profissional de Oxford e autoridade em tecnivisão. Na verdade, Ainson não podia deixar de compará-la com sua esposa, para desvantagem de Enid. Naturalmente, ninguém jamais sonharia em mencionar os sentimentos íntimos de alguém para ela, pobrezinha, ou para qualquer outra pessoa mais, mas Enid era mesmo um espécime pobre; deveria ter casado com um comerciante, numa movimentada cidade do interior. Banbury. Diss. East Dereham. Sim, era isso mesmo. . .

— ... sentir que fizemos progresso esta semana, apesar de vários obstáculos inerentes à situação, a maioria deles derivando-se — como, penso eu, o Diretor foi o primeiro a salientar — do fato de que não temos experiência com a forma de vida para usá-la como ponto de referência. — A voz de Mrs. Warhoon soava agradavelmente em *staccato*. Isso dispersava os pensamento de Ainson e fazia com que ele se concentrasse no que ela estava dizendo; se Enid tivesse sido um pouco mais rápida com o desjejum, ele teria chegado ali a tempo de ouvir o princípio do seu discurso. — Meu colega, Mr. Borroughs, e eu examinamos o veículo espacial encontrado em Clementina. Enquanto não estivermos qualificados a fazer um relatório técnico a respeito — vocês receberão vários relatórios técnicos sobre isso de outras fontes, de qualquer modo — ambos estamos convencidos de que se trata de um veículo desenvolvido para — se não pelas — formas vivas que temos em cativeiro. Vocês estarão lembrados de que oito das formas vivas foram descobertas perto do veículo; e que o corpo morto de um deles, foi exumado de dentro do próprio veículo; que nove beliches ou nichos, que pela sua forma e tamanho deviam servir como beliches, são observáveis dentro do veículo. Porque esses beliches estão colocados na direção que pensamos ser vertical, ao invés de horizontal, e estão separados pelo que agora sabemos serem linhas de abastecimento de combustível, não foram de início reconhecidos como beliches.

— Aqui seria apropriado mencionar outra dificuldade que sempre vem à baila. Não sabemos o que é evidência e o que não é.

— Por exemplo, agora temos que nos perguntar, supondo que consideremos estabelecido que essas formas vivas são responsáveis pela viagem espacial: Pode uma viagem espacial ser encarada como prova a priori de inteligência superior?

— Essa é a pergunta mais penetrante que ouvi na última década — disse Wittgenbacher, sacudindo a cabeça seis vezes, com a segurança assustadora de um mecanismo de boneca. — Se ela fosse proposta ao povo, ele lhe daria apenas uma resposta, ou antes, eu diria que suas várias respostas não tomariam senão uma forma. Elas traduziriam uma afirmativa. Nós, que estamos aqui,

podemos nos considerar mais esclarecidos e talvez pudéssemos escolher como um exemplo mais válido de inteligência superior as obras dos filósofos analíticos, das quais, sem ser confundida com a emoção, flui a lógica. Mas o povo — e quem entre nós, em última análise, irá contestá-lo? — o povo se ligaria mais, se me permitem usar aqui um coloquialismo, num produto para o qual contribuíram tanto as mãos quanto a mente do homem. Não tenho dúvidas de que, entre semelhantes categorias de produtos, a nave espacial pareceria a ele da maior importância.

— Eu concordaria com o povo — disse Lattimore, que se sentara perto de Pasztor, mordendo a armação dos óculos, enquanto ouvia atentamente.

— Até eu concordaria com o povo — cacarejou Wittgenbacher, com mais aprovações mecânicas de cabeça. — Porém, isso levanta outra questão. Suponhamos que, admitindo esta forma de vida, tão inesteticamente anti-higiênica em muitos de seus hábitos, como inteligência superior; suponhamos que mais tarde descubramos seu planeta de origem, e então percebamos que suas... bem, que suas habilidades espaciais são governadas por um comportamento instintivo, semelhante à habilidade oceânica de nossas focas do Norte. Talvez o senhor me corrija se eu incidir em erro, Sir Mihaly, mas acredito que o *Arctocephalus ursinus*, o urso com pele de foca, faz uma migração no inverno de milhares e milhares de milhas, desde o Mar de Bering até as praias do México, onde eu próprio os vi nadando no Golfo da Califórnia.

— Se damos isso como certo, então não só estaremos em erro presumindo inteligência superior em nossos amigos, mas teremos que indagar de nós mesmos o seguinte: Não será possível que nossa própria viagem espacial seja também consequência de um comportamento instintivo, e — tanto quanto o urso imagina, em sua natação para o sul, que sua viagem é instigada por sua própria vontade — nós não estaríamos sendo impelidos por um propósito não entrevisto além dos nossos próprios?

No fundo da sala, três repórteres escreviam rapidamente e asseguravam que o *Times* do dia seguinte, registrando as *longueurs*

da conferência, apontaria com precisão este ponto de culminante interesse numa manchete, onde se leria:

VIAGEM ESPACIAL: TIPO DE MIGRAÇÃO HUMANA?

Gerald Bone levantou-se. O rosto do novelista animara-se ante o novo pensamento como uma criança ante um novo brinquedo.

— Se o estou compreendendo, Professor Wittgenbacher, devo subentender que nós — que nossa inteligência, tão gabada, a única coisa que nos distingue mais claramente dos animais, pode na verdade não ser nada mais do que uma cega compulsão, que nos leva para onde quer, independentemente de nossa vontade?

— Por que não? Apesar de toda a nossa pretensão às artes e às humanidades, nossa raça, pelo menos desde a Renascença, dirigiu seus maiores esforços para duas metas: crescer em número e em extensão. — Tendo apanhado o bocado entre os dentes, o velho filósofo não ia parar ali. — De fato, podemos comparar nossos líderes à abelha-rainha, que prepara sua colmeia para enxamear, e não sabe por que faz isso. Nós enxameamos pelo espaço e não sabemos por que fazemos isso. Às vezes leva. . .

Mas ele não ia escapar impune. Lattimore foi o primeiro a aventar um cordial "Tolice", e o Dr. Bodley Temple e seus assistentes fizeram desagradáveis ruídos de discordância. De todos os lados da sala, o professor recebia um apupo cultural.

— Teoria absurda...

— Possibilidades econômicas inerentes à...

— Mesmo uma audiência técnica dificilmente aceitaria...

— Suponho que a colonização de outros planetas. . .

— Não se pode sem mais nem menos rejeitar as disciplinas da ciência. . .

— Por favor, ordem — pediu o diretor.

Na calma que se seguiu, Gerald Bone fez outra pergunta a Wittgenbacher.

— Então, onde encontraremos o verdadeiro intelecto?

— Talvez quando nos levantarmos contra os nossos deuses — replicou Wittgenbacher, sem se perturbar absolutamente com a

atmosfera acalorada em volta dele.

— Ouviremos agora o relatório do departamento de lingüística — disse Pasztor abruptamente, e o Dr. Bodley Temple levantou-se, colocou a perna direita em cima da cadeira que estava à sua frente, descansou o cotovelo direito sobre o joelho, inclinando-se para a frente com um ar de impaciência, e não se mexeu dessa posição enquanto não acabou de falar. Era um pequeno homem atarracado, de expressão belicosa, com uma rosca de cabelo grisalho saindo do meio da testa. Tinha a reputação de ser um erudito imaginoso e seguro, e contrabalançava isso com algumas das roupas mais elegantes da Universidade de Londres. A que vestia agora, galgando uma considerável extensão do abdômen, era de brocado antigo, com figuras de borboletas cor de púrpura imperial engastando-se em torno dos botões.

— Todos sabem qual é o trabalho da minha equipe — disse ele, numa voz que Arnold Bennett teria reconhecido um século atrás como pertencente às Five Towns. — Estamos tentando aprender a língua dos forasteiros sem saber se eles têm uma, porque essa é a única maneira que existe para se descobrir. Fizemos algum progresso, como o meu colega aqui, Wilfred Brebner, demonstrará dentro de um momento.

— Primeiramente, fizemos algumas observações gerais. Nossos visitantes, esses sujeitos corpulentos de Clementina, não compreendem o que é a escrita. Eles não têm escrita. Isso não significa coisa nenhuma com referência à sua linguagem — muitas linguagens da África negra só foram transformadas em escrita pelos missionários brancos. O Efik e o Yoruba eram duas dessas linguagens do grupo lingüístico sudanês; linguagens quase em desuso agora, acrescentaria eu.

— Estou dizendo tudo isso a vocês, meus amigos, porque até ter uma concepção melhor, estou tratando esses forasteiros como uma dupla de africanos. Isso talvez traga resultados. É mais positivo do que tratá-los como animais — vocês devem se recordar de que os primeiros exploradores na África pensavam que os negros fossem gorilas — e isso assegura que se achamos que eles têm

uma linguagem, então não cometeremos o erro de esperar que ela resulte em nada semelhante à forma românica.

— Estou convencido de que nossos corpulentos amigos têm uma linguagem — e os senhores da imprensa podem me citar aí, se desejarem. É só vocês ouvirem-nos bufar juntos. E a coisa não é toda feita de bufos. Já analisamos a coisa através de gravações em fita e classificamos quinhentos sons diferentes — embora seja possível que muitos desses sons sejam o mesmo som proferido numa entoação diferente. Vocês devem saber que há sistemas lingüísticos terrestres, tais como o ... o siamês e o cantonês, que empregam grande número de entonações acústicas. E nós talvez possamos esperar mais entonações desses camaradas, que obviamente se situam muito livremente acima do espectro do som.

— O ouvido humano é surdo a vibrações de frequências maiores do que cerca de 23 000 por segundo, e isso decresce com a idade. Descobrimos que esses tipos alcançam o dobro disso, exatamente como um morcego terrestre ou um gato rungstediano conseguem fazer. Portanto, um problema que se coloca é que, se vamos conversar com eles, precisamos fazer com que se mantenham dentro do nosso comprimento de onda. Por tudo o que sabemos, isso significaria que eles teriam que inventar uma espécie de dialeto que pudéssemos entender.

— Protesto — disse o técnico em estatística, que agora se contentara em correr a língua à volta dos dentes. — O senhor agora está sugerindo, por certo, que somos inferiores a eles.

— Não estou dizendo nada disso. Estou dizendo que a entonação de som deles é muitíssimo maior que a nossa. Agora, Mr. Brebner vai nos apresentar aqui alguns dos fenômenos que provisoriamente identificamos.

Mr. Brebner levantou-se e ficou de pé, oscilando ao lado da figura atarracada de Bodley Temple. Tinha seus vinte e poucos anos de idade, uma figura esbelta com cabelos louros bem claros, e vestia um modelo cinza claro com o capuz abaixado. Seu rosto estava coberto por uma delicada cor brilhante, proveniente do embaraço de ter que enfrentar sua audiência, mas ele expressou-se bem.

— As dissecações feitas nos forasteiros mortos nos mostraram muito a respeito da anatomia deles — disse. — Se os senhores leram o longo relatório, saberão que nossos amigos possuem três classes distintas de orifício, através dos quais produzem seus ruídos característicos. Todos esses ruídos parecem contribuir para a sua linguagem, ou presumimos que assim o seja assim como presumimos que eles têm uma linguagem.

— Em primeiro lugar, eles têm numa de suas cabeças uma boca, à qual está ligado um órgão do olfato. Embora essa boca seja usada para respirar, sua função principal é ingerir alimentos e fazer o que chamamos de sons orais.

— Em segundo lugar, nossos amigos possuem seis orifícios para respirar, três de cada lado do corpo, e situados em cima de seus seis membros. Atualmente nos referimos a eles como narinas. Trata-se de aberturas labiadas e, embora sem conexão com qualquer corda vocal — como acontece com a boca — essas narinas produzem uma vasta série de sons.

— Em terceiro lugar, nossos amigos também produzem uma variedade de sons controlados através do reto, situado na segunda cabeça.

— Sua forma de fala consiste no som transmitido através de todos esses orifícios, cada um por sua vez, ou dois ao mesmo tempo, ou todas as três classes simultaneamente, ou todos os oito orifícios juntos. Vocês verão, então, que os poucos sons, que eu vou apresentar a vocês agora como exemplos, são limitados aos menos complexos. Fitas gravadas de toda a entonação são naturalmente valiosas, mas não estão ainda em forma muito viável.

— A primeira palavra é *nnnnorrrr-INK*.

Para pronunciar essa palavra Wilfred Brebner emitiu um ligeiro ronco, formado na base da garganta, e o emitiu com o pequeno guincho, representado aqui como "INK". Todas as formas impressas da estranha linguagem usada neste livro devem ser tratadas similarmente como meras aproximações.

Brebner continuou com sua exposição.

— *Nnnnorrrr-INK* é a palavra que conseguimos várias vezes em vários contextos. O Dr. Bodley Temple gravou-a pela primeira vez

sábado passado, quando levou para nossos amigos uma couve fresca. Obtivemos essa palavra uma segunda vez, no sábado, quando peguei um pacote de chiclete plástico e o ofereci ao Dr. Temple e a Mike. Nós não tornamos a ouvi-la até terça-feira à tarde, quando ela foi pronunciada numa ocasião em que a comida não estava presente. Ross, o guarda, entrou na jaula onde nós estávamos para ver se precisávamos de alguma coisa e ambos os animais emitiram esse som ao mesmo tempo. Notamos então que a palavra devia ter uma conotação negativa, uma vez que eles tinham recusado a couve, e ninguém lhes havia oferecido chiclete — que presumiam ser alimento — e supunha-se que não gostassem de Ross, que os perturbava quando limpava a jaula. Ontem, entretanto, Ross levou para elas um balde de lama do rio, de que eles gostam, e então gravamos outra vez o *nnnnorrrr-INK*, várias vezes em cinco minutos. Achamos, portanto, presentemente, que essa palavra se refere a alguma variedade de atividade humana: diríamos que parece dizer alguma coisa. O sentido será consideravelmente purificado à medida que prosseguirmos. Com este exemplo, os senhores podem perceber o processo de eliminação que estamos usando em relação a cada som.

— O balde de lama do rio também provocou outra palavra, que pudemos reconhecer. Esta soa como *WHIP-bwut-bwip* (um pequeno assobio seguido por dois amuos labiais). Nós também a ouvimos quando eles aceitavam o grapefruit, quando o mingau com banana cortada em fatias — um prato para o qual eles mostram certo entusiasmo — foi aceito, e quando Mike e eu fomos embora à noite. Tomamo-la, portanto, como sendo um sinal de aprovação.

— Achamos também que temos um sinal de desaprovação, embora o tenhamos ouvido apenas duas vezes. Uma vez foi acompanhado por um gesto de desaprovação, quando um subalterno do guarda atingiu um dos nossos amigos no focinho com o jato de água de uma mangueira. Noutra ocasião, oferecemos a eles peixe, uns cozidos, outros crus. Como os senhores podem perceber, eles parecem ser vegetarianos. O som era...

Brebner olhou para Mrs. Warhoon, pedindo desculpas, quando soltou uma série de ruídos úmidos com a boca, culminando com um

gemido de boca aberta.

— *Bbbbp-bbbp-bbbp-aaaah.*

— É claro que isso soa como desaprovação — disse Temple. Antes que a onda de humor morresse, um dos repórteres disse:

— Dr. Temple, isso é tudo o que o senhor tem para apresentar como progresso?

— O senhor esteve dando um roteiro acidentado para o que estamos querendo resolver.

— Mas o senhor não parece ter uma única palavra deles em definitivo. Por que o senhor não se apegou ao que qualquer leigo consideraria como os primeiros passos, como fazê-los contar, e dar nomes a partes de seus corpos e ao do senhor? Então, pelo menos, o senhor teria algo por onde começar, ao invés de algumas abstrações como "parece transmitir alguma coisa".

Temple olhou para baixo, para as borboletas cor de púrpura imperial de sua roupa, umedeceu os lábios e disse:

— Jovem, na verdade, um leigo poderia pensar que esses seriam os primeiros passos. Minha resposta, porém, a esse leigo e ao senhor é que essa catalogação só é possível se o inimigo — o forasteiro está preparado para encetar uma conversação. Esses dois patifes — desculpe-me, senhora — esses dois camaradas não têm interesse em se comunicar conosco.

— Por que não usa um computador no trabalho?

— Suas perguntas tornam-se mais tolas. A gente precisa de bom senso num trabalho como este. Para que serviria um maldito computador? Ele não pode pensar, sequer pode diferenciar entre dois fonemas quase idênticos para nós. Tudo o de que precisamos é de tempo. Nem o senhor — nem o seu hipotético leigo — podem imaginar as dificuldades que se nos deparam, principalmente porque temos que pensar numa esfera onde o homem não teve de pensar antes. Pergunte a si mesmo o seguinte: O que é a linguagem? A resposta é: a fala humana. Portanto, nós não estamos apenas fazendo pesquisa, estamos inventando algo novo: a fala não-humana.

O repórter sacudiu a cabeça, taciturno; o Dr. Temple irritou-se, ofegou e sentou-se; Lattimore pôs-se de pé. Empoleirou os óculos

na extremidade do nariz e segurou as mãos atrás, nas costas.

— Como sabe, doutor, sou novo por aqui, portanto espero que compreenda o fato de eu fazer minhas perguntas com toda a inocência. Meu ponto de vista é este. Sou um cético. Sei que investigamos apenas trezentos planetas neste universo, e sei que faltam alguns milhões para serem estudados; mas ainda sou da opinião de que trezentos é uma boa amostra. Nenhum deles possuía qualquer forma de vida com metade da inteligência de meu gato siamês. Isso me sugere que o homem é único no universo.

— Isso não seria mais profundo do que uma sugestão — disse Temple.

— Sequer é isso. Agora, não aposto um alfinete com quem quiser provar se existe outra forma de vida inteligente no universo; o homem sempre viveu por sua própria conta, e isso nunca o preocupou. Por outro lado, se alguma outra forma inteligente de ser humano aparecer em outro lugar, então eu lhe darei as boas-vindas, tão prontamente quanto a meu vizinho — desde que ele saiba se comportar.

— O que não me passa na garganta é isso de trazerem para cá essa dupla de porcos enormes, que chafurdam em sua própria imundície de um modo que nenhum porco que se preze daqui da Terra seria capaz de fazer, e insistir que tentemos provar que eles são pessoas inteligentes! Isto é simplesmente uma loucura! O senhor mesmo disse que esses suínos não mostram interesse em tentar se comunicar conosco. Muito bem, então, isso não é um sinal de que eles não são inteligentes? Quem, em toda esta sala, pode honestamente dizer que gostaria de ter esses porcos em sua própria casa?

De novo estourou o tumulto. Todo mundo se voltou e pôs-se a argumentar, não só com Lattimore, mas uns com os outros. Finalmente, foi a voz de Mrs. Warhoon que se sobrepôs à algazarra.

— Tenho muita simpatia pelo seu ponto de vista, Mr. Lattimore, e estou muito contente por ter consentido em comparecer e participar da nossa reunião. Mas, para lhe responder em poucas palavras, direi que, como a vida toma uma infinidade de formas diferentes, temos de esperar que a inteligência tome formas

diferentes. Nós não podemos conceber uma forma diferente de inteligência. Só sabemos que isso ampliaria os limites do nosso pensamento e compreensão, de um modo que nada mais seria capaz de fazê-lo. Entretanto, quando achamos que encontramos essa inteligência, devemos procurar ter certeza, mesmo que esse esforço leve anos.

— Essa é uma parte de minha opinião, madame — disse Lattimore. — Se ali houvesse inteligência, não teríamos de levar anos para descobri-la. Nós a reconheceríamos imediatamente, mesmo se ela viesse disfarçada num nabo.

— Como justifica a aeronave em Clementina? — perguntou Gerald Bone.

— Não tenho que justificar uma coisa dessas! Esses grandes suínos é que deveriam ser capazes de justificar isso. Se eles a construíram, então por que não a desenham quando lhes dão lápis e papel?

— Porque eles viajam nela isso não quer dizer que eles a construíram.

— O senhor pode imaginar o mais fraco, o mais calado soldado raso de um cruzador da Terra que, ao ser capturado por alienígenas, não fosse capaz de fazer um desenho de seu navio quando eles lhe trouxessem papel e lápis?

— E a linguagem deles, como o senhor explica isso? — perguntou Brebner.

— Adorei sua imitação dos animais, Mr. Brebner — disse Lattimore, bem-humorado. — Porém, francamente, eu converso muito mais fluentemente com meu gato do que o senhor com esses dois suínos.

Ainson falou pela primeira vez. Falou claro, aborrecido pelo fato de um mero intruso estar subestimando sua descoberta.

— Tudo isso está muito bem, Mr. Lattimore, mas o senhor está rejeitando muita coisa com muita facilidade. Sabemos que os ASEX têm certos hábitos, que são desagradáveis segundo os nossos padrões. Mas, juntos, eles não se comportam como animais; eles

são companheiros uns dos outros. Eles conversam. E a nave espacial está aí, diga o que disser.

— Talvez a nave espacial esteja aí. Mas qual é a ligação entre esses suínos e ela? Não sabemos. Eles bem podem ser apenas o gado que os verdadeiros viajantes espaciais usam para se alimentar. Eu não sei; mas o senhor tampouco sabe, e está impedindo a explicação óbvia. Francamente, se eu fosse encarregado desta operação, eu teria dado um pesado voto de censura para o Capitão do Mariestopes, e mais particularmente para seu Mestre Explorador, por trazer uma peça de investigação tão suja.

Com isso, caiu uma espécie de vagalhão ameaçador e sinistro sobre a sala. Só os repórteres começaram a parecer um pouco mais felizes. Sir Mihaly inclinou-se e explicou a Lattimore quem era Ainson. Lattimore amarrou a cara.

— Explorador Ainson, receio que lhe devo uma desculpa por não o ter reconhecido. Se o senhor estivesse aqui antes de começar a reunião teríamos sido apresentados.

— Infelizmente, esta manhã, a minha esposa. . .

— Mas eu absolutamente tenho de me ater ao que eu disse. O relatório sobre o que aconteceu em Clementina é patético em seu amorismo. O seu reconhecimento do planeta, estipulado para uma semana, já expirado quando o senhor encontrou esses animais perto da aeronave espacial e, ao invés de partir no horário, o senhor atirou na maioria deles, tirou alguns instantâneos da cena e destruiu-os. Essa nave, por tudo o que o senhor sabe, seria o equivalente de um vagão de carga para gado, com o gado fora para se espojar na lama, enquanto que, a duas milhas dali, num outro vale, estava a verdadeira nave, com verdadeiros bípedes como nós, gente — exatamente como disse Mrs. Warhoon — que daríamos os nossos olhos e nossos caninos para nos comunicar com eles, e vice-versa, o senhor pode estar certo.

— Não, desculpe-me, Mr. Ainson, mas seus representantes aqui estão mais atolados na lama do que eles querem admitir, simplesmente por causa do seu mau trabalho.

Ainson ficara muito vermelho. Algo desagradável acontecera na sala. A opinião geral voltara-se contra ele. Todos — ele sabia disso sem olhar para ninguém — todos compartilhavam, numa silenciosa aprovação, com o que Lattimore dissera.

— Qualquer idiota pode ser astuto depois do acontecido — disse ele. — O senhor parece não se dar conta de quão sem precedentes era tudo isso. Eu...

— Eu me dou conta de quão sem precedentes era tudo isso. Estou dizendo que tudo era sem precedentes, e que portanto o senhor deveria ter sido mais cuidadoso. Acredite-me, Mr. Ainson, li fotocópias do relatório da expedição, e examinei minuciosamente as fotografias que foram tiradas, e tenho a impressão de que a coisa toda foi conduzida mais como uma grande caçada do que como uma expedição oficial, paga com dinheiro público.

— Não fui o responsável pela matança dos seis ASEX. Uma patrulha encontrou-se com eles, voltando tarde para a nave. Saíra para investigar os alienígenas; eles atacaram e foram mortos em autodefesa. O senhor deveria ler de novo os relatórios.

— Estes suínos não dão sinal de serem maus. Não acredito que atacassem a patrulha. Acho que tentaram é fugir.

Ainson olhou em volta, pedindo ajuda.

— Apelo para a senhora, Mrs. Warhoon: é possível tentar adivinhar como esses forasteiros se comportariam em estado livre, mediante uma olhadela em seu comportamento apático no cativeiro?

Mrs. Warhoon sentira uma admiração imediata por Bryant Lattimore; ela gostava de homens fortes.

— Que outros meios temos para julgar o comportamento deles? — perguntou.

— A senhora tem os relatórios. Lá encontrará um relato completo para estudar.

Lattimore retornou ao ataque.

— O que temos nos relatórios, Mr. Ainson, é um sumário do que o guia da patrulha lhe contou. Ele é homem digno de confiança?

— Digno de confiança? Sim, ele é bastante digno de confiança. Este país está em guerra, o senhor sabe, Mr. Lattimore, e nem

sempre podemos sempre escolher os homens que queremos.

— Percebo. E qual é o nome desse homem?

E, de fato, qual era o nome dele? Jovem, robusto, bastante calado. Não era um mau rapaz. Horton? Halter? Numa atmosfera mais calma, Ainson se lembraria incontinenti. Controlando a voz, Ainson disse:

— O senhor encontrará o nome dele nos relatórios.

— Está bem, está bem, Mr. Ainson. Obviamente, o senhor tem algumas respostas. O que estou dizendo é que o senhor deveria ter voltado com muitas respostas mais. Veja, o senhor é aqui algo como um homem-chave, não é? O senhor é Mestre Explorador. O senhor foi treinado exatamente para essa situação. Eu afirmaria que o senhor tornou a coisa muito difícil para todos nós, apresentando dados inadequados ou mesmo conflitantes.

Lattimore sentou-se, deixando Ainson de pé.

— A natureza dos dados é ser conflitante — respondeu Ainson. — Seu trabalho é dar sentido a eles, não rejeitá-los. Ninguém tem culpa. Se o senhor tem qualquer reclamação, então ela deve ser dirigida ao capitão Bargerone. O capitão Bargerone era o encarregado da coisa toda, não eu. Oh, Quilter, esse era o nome do rapaz encarregado da patrulha. Lembreime agora.

Gerald Bone falou sem se levantar.

— Como o senhor sabe, sou um novelista, Mr. Ainson. Talvez nesta

companhia tão ilustre eu devesse dizer "apenas um novelista". Porém, uma coisa me preocupou sobre seu papel nisso tudo.

— Mr. Lattimore diz que o senhor deveria ter voltado de Clementina com mais respostas do que voltou. No entanto, me parece que o senhor voltou com algumas suposições que, por terem vindo do senhor, foram aceitas por todos sem contestação como fatos.

Com boca seca, Ainson aguardava pelo que viria. Ele estava de novo ciente de que todos estavam ouvindo com uma espécie de impaciência predatória.

— Sabemos que esses ASEX foram encontrados perto de um rio, em Clementina. Todos também parecem aceitar que eles não são

nativos desse planeta. Tanto quanto posso imaginar, essa idéia partiu do senhor, não é assim?

A pergunta era um alívio. A essa Ainson podia responder.

— A idéia partiu de mim, Mr. Bone, embora eu a preferisse chamar de conclusão ao invés de idéia. Posso explicá-la facilmente, mesmo a um leigo. Esses ASEX pertenciam à nave; sobre isso não havia dúvida. Seus excrementos formavam uma massa dura por todo canto, dentro dela — um acúmulo de cerca de trinta dias. Como evidência adicional, a nave foi claramente construída à imagem deles.

— O Mariestopes, o senhor poderia dizer, foi construído à imagem do golfinho comum. Isso nada prova a respeito da forma dos engenheiros que o desenharam.

— Por favor, tenha a bondade de ao menos me ouvir até o fim. Não encontramos nenhum outro tipo de vida mamífera no 12-B — Clementina, como é agora chamado. Não encontramos vida animal maior do que um lagarto sem cauda de duas polegadas, e nenhuma vida de inseto maior do que um tipo de abelha tão grande quanto um musaranho comum. Numa semana, com reconhecimentos estratosféricos feitos dia e noite, percorremos o planeta muito meticulosamente, do pólo ao equador. Excluindo os peixes, nos mares, descobrimos que Clementina não possuía nenhuma vida animal que valesse a pena mencionar — exceto esses grandes animais que pesavam na balança cerca de trezentas libras da Terra. E eles estavam num grupo, todos juntos, perto da aeronave espacial. É evidente que seria absurdo considerá-los nativos.

— O senhor encontrou-os ao lado de um rio. Por que não seriam eles animais aquáticos, possivelmente desses que passam a maior parte do tempo no mar?

Ainson abriu e fechou a boca.

— Sir Mihaly, esta discussão, naturalmente, levanta questões e provoca perguntas que um leigo dificilmente pode prever — quero dizer: não se vai chegar a nenhum resultado. . .

— Verdade — concordou Pasztor. — Assim mesmo, acho que Gerald tem uma opinião interessante. O senhor acha que podemos

definitivamente aventar a possibilidade de serem aquáticos esses camaradas?

— Como disse, eles saíram da nave espacial. Isso era absolutamente conclusivo; você tem a minha palavra, como testemunha de vista. — Enquanto ele falava, o olhar de Ainson correu beligerantemente por sobre o grupo; quando encontrou o olhar de Lattimore, Lattimore disse:

— Eu diria que eles têm a aparência de um animal marinho — esta é a opinião de um leigo, é claro.

— Talvez sejam aquáticos lá no planeta deles, mas isso não tem nada a ver com o que eles estavam fazendo em Clementina.

— O que quer que o senhor diga, a nave espacial deles é uma nave espacial, e, conseqüentemente, temos inteligência em nossas mãos.

Mihaly então veio em seu socorro, e pediu para ouvir o relatório seguinte, mas era óbvio que um voto de não-confiança fora dado para o Mestre Explorador Ainson.

CAPITULO 7

O Sol, como era seu inalienável costume, foi para a cama na hora do poente. A essa mesma hora, Sir Mihaly Pasztor vestiu um dinner jacket e foi se encontrar com a convidada que ele convidara para jantar em seu apartamento.

Passara-se um mês após a desoladora reunião no zoológico, ocasião em que Bruce Ainson recebera o equivalente intelectual de uma pulga atrás da orelha.

Desde então, não se podia dizer que a situação havia melhorado. O Dr. Bodley Temple acumulara uma impressionante quantidade de fonemas dos forasteiros, nenhum com equivalente certo em inglês. Lattimore ampliara em letra de forma os pontos de vista que expressara na reunião. Gerald Bone — traiçoeiramente, pensava Pasztor — escrevera uma pequena paródia da reunião para o *Punch*.

Tratava-se, porém, de alfinetadas. O fato é que não se fazia nenhum progresso. E não se fazia progresso sobretudo porque os alienígenas, aprisionados em sua cela higiênica, não mostravam interesse pelos humanos, nem qualquer vontade de cooperar em qualquer das proezas que os humanos projetavam. Essa atitude incivil tinha seus efeitos sobre a equipe de pesquisa que tentava ocupar-se deles; o crescente mau humor de seus membros tornou-se cada vez mais pontilhado de acessos de orações de autocomiseração, como se, como um comunista milionário, eles fossem impelidos a explicar uma posição de alguma delicadeza.

O público, em geral, também reagia contrariamente ao desprezo dos alienígenas. O homem inteligente da rua teria apreciado um forasteiro inteligente, não importava qual fosse a sua forma, como uma nova distração para competir com os acontecimentos do dia, com as sinistras notícias de Charon, onde o Brasil parecia estar ganhando a guerra, ou os aumentos bruscos dos impostos, conseqüência natural tanto da guerra como das viagens

TP. Gradualmente, as filas que se postavam durante todo o dia à tarde para ver os forasteiros foram minguando (afinal, eles não se movimentavam muito, e não pareciam muito diferentes dos hipopótamos terrestres, e não era permitido jogar amendoins para eles, porque bem podia acontecer de eles viverem realmente em arranha-céus em seu planeta natal) e as pessoas voltaram à velha rotina de olhar, como substitutivo, o curral 3, onde os primarítas, de hora em hora, se entregavam a relações sexuais em grupo.

Pasztor, como sempre acontecia, estava pensando em relações sexuais quando indicou o lugar à sua convidada, Mrs. Hilary Warhoon, em sua modesta sala de jantar; ou se não estava pensando nisso, lembrava com um sorriso caprichoso, em sua própria fraqueza, as fantasias com as quais ele se deliciara meia hora antes de Mrs. Warhoon chegar. Mas, não, ela não era suficientemente fascinante, e Mr. Warhoon tinha a fama de ser muito poderoso e vingativo, e, de qualquer maneira, Sir Mihaly não tinha mais a animação necessária para enfrentar um desses casos ilícitos — ainda que "ilícito" fosse uma das palavras mais sedutoras da língua inglesa.

Mrs. Warhoon sentou-se à mesa e suspirou.

— É maravilhoso descansar. Tive um dia miserável.

— Muito trabalho?

— Fui trabalhar. Mas não fiz nada. E me sinto oprimida por uma sensação de fracasso.

— Você, Hilary? Você está longe de ser um fracasso.

— Eu estava pensando nisso menos num sentido pessoal do que num sentido geral, ou racial. Você quer que eu entre em detalhes? Eu gostaria.

Pasztor ergueu as mãos em jocosos protestos.

— Minha idéia de relações civilizadas não é reprimir, mas produzir, entrar em detalhes. Jamais estive interessado senão no que você tem para dizer.

Havia três fornos redondos colocados em cima da mesa. Quando Hilary começou a falar, Pasztor abriu as gavetas refrigeradas à sua direita e pôs o conteúdo delas nos fornos, para cozinhar: Fera de Travers, o salmão do Lago de Genebra, como

primeiro prato; a ser seguido por bifés de antílope, chegados aquela manhã das fazendas do Kenya; e, para acrescentar um toque de exotismo, lábios digitais, os aspargos venusinos.

— Quando digo que me sinto oprimida por um fracasso geral — disse Mrs. Warhoon, atacando um sherry seco — estou completamente ciente de que isso pode parecer pretensioso. "Quem sou eu, no meio de tanta gente?" — como uma vez disse Shaw em outro contexto. Trata-se do velho problema das definições, com o qual os forasteiros nos confrontaram num novo aspecto dramático. Talvez não possamos conversar com eles, até que tenhamos decidido para nós mesmos em que consiste a civilização. Não levante essa suave sobancelha para mim, Mihaly; sei que a civilização não consiste em se deitar indolentemente nos próprios excrementos — embora seja possível que, se tivéssemos aqui um guru, ele nos mandaria fazê-lo.

— Quando você toma qualquer qualidade pela qual medimos a civilização, você achará que dá pela falta de várias culturas. Veja essa questão toda do crime. Por todo um século, reconhecemos o crime como um sintoma de doença ou de infelicidade. Logo que reconhecemos isso na prática tanto quanto na teoria, as estatísticas do crime caíram dramaticamente pela primeira vez. Porém em muitas épocas de alta civilização, a prisão perpétua era comum; cabeças caíam como pétalas. É certo que a bondade, a compreensão e a misericórdia não são sinais de civilização, tanto quanto a guerra e o assassinato são sinais da total ausência dela.

— No tocante às artes, que nós justificadamente acalentamos, todas elas foram praticadas pelo homem pré-histórico.

— Esse argumento me é familiar desde meus dias de estudante — disse Sir Mihaly, enquanto servia o salmão. — Contudo, ainda cozinhamos nossa comida e comemos de acordo com as regras e com utensílios cuidadosamente elaborados. — Mihaly serviu o vinho. — Ainda escolhemos nossas safras de vinho e adestramos nossos julgamentos e preconceitos baseados nessa escolha. — Mihaly ofereceu a Mrs. Warhoon um cesto cheio de pãozinhos quentes e tostados. — Ainda sentamos juntos, macho e fêmea, só para conversar.

— Não estou negando, Mihaly, que você tenha uma boa mesa, ou que você até agora tenha fracassado ao tentar me deitar por terra. Mas esta comida, agora — e não estou lançando calúnias — é um anacronismo, e fortemente desaprovada por um governo que impõe novos alimentos e bebidas livremente envenenados e feitos pelo homem. Além do mais, esta encantadora comida é o produto final de um número de fatores que têm apenas uma leve familiaridade com a verdadeira civilidade. Quero dizer, os pescadores, agachando-se em seus barcos, os fazendeiros, suando pelas suas terras e pastos, a farpa do anzol na boca, o tiro na cabeça, os grilhões dos intermediários, menos toleráveis do que fazendeiros ou pescadores, as organizações que preparam ou enlatam, ou empacotam, as firmas de transporte, os financiadores — Mihaly, você está rindo de mim!

— Ah, você está falando de toda essa organização com tanta desaprovação! Eu a aprovo. *Vive l'organisation!* E deixe-me lembrá-la de que a nova comida sintética é um triunfo da organização. No século passado, como diz você, eles não aprovavam prisões, mas as tinham, não obstante; neste século, nós nos tornamos organizados, e não temos prisões, mas centros de reabilitação. No século passado, realmente, eles não aprovavam a guerra, ainda que tivessem três grandes guerras, em 1914, em 1939, e em 1969; neste século, nós nos tornamos organizados, e fazemos nossas guerras em Charon, o planeta mais distante, sem perigo para nós. Se isso não é civilização, aceito a coisa de bom grado como um substituto.

— Assim fazemos todos. Porém isso apenas seria um substituto, o substituto do homem. Note que, o que quer que façamos, é a expensas de alguém mais ou de alguma coisa mais.

— Eu aceito, agradecido, o sacrifício deles. Como vai querer seu bife, Hilary?

— Bem passado, por favor. Fico nervosa ao pensar que isso é sangue ou tecido animal. Tudo o que estou tentando dizer é que nossa civilização não foi construída sobre o que temos de melhor, mas sobre o que temos de pior: sobre o medo — de outras pessoas, senão de nós próprios — e sobre a cobiça. Posso servi-lo de mais

vinho? E talvez outras espécies tenham outra idéia de civilização, construída sobre a simpatia, sobre a empatia, sobre todas as outras coisas vivas. Talvez esses alienígenas...

Mihaly apertou o botão de rotação ao pé do forno. O hemisfério de porcelana e vidro deslizou para dentro do hemisfério de bronze. Foi buscar os bifés. Os alienígenas, outra vez! Ah, mas Mrs. Warhoon estava fora de forma naquela noite! O fornecedor de pratos lançou para fora dois pratos quentes, e ele a serviu soturnamente, sem prestar atenção no que ela estava dizendo. Esclarecido auto-interesse, pensou ele. Isso era o máximo que a gente pode ou deve esperar de quem quer que seja; se a gente encontra um altruísta, o que se tem de fazer é ficar de sobreaviso, pois deve tratar-se de doente ou de um patife. Talvez pessoas como Mrs. Warhoon, que não gostam de encarar a realidade, também estivessem doentes, e devessem ser encorajadas a se internar em clínicas de terapia mental, como os criminosos e os impetuosos evangélicos. Uma vez que você comece a questionar sobre coisas fundamentais, como o direito que um homem tem de comer boa carne vermelha, se ele pode pagar por ela, então você está em apuros, mesmo se você se preocupar em pensar nesse apuro como um esclarecimento.

— Pelos padrões de outras espécies — estava dizendo Mrs. Warhoon — nossa cultura deve parecer nada mais que uma doença. E seria essa doença que nos impede de ver como nós deveríamos nos comunicar com os alienígenas, e não qualquer deficiência da parte deles.

— Essa é uma teoria interessante, Hilary. Você terá em breve, oportunidade de pôr isso em prática em grande escala.

— Oh, deveras? Você não quer dizer que alguma outra nave encontrou mais forasteiros aí pelo universo, quer?

— Nada assim tão auspicioso. Recebi uma longa carta de Lattimore, ontem de manhã, que foi em parte a razão por que a convidei para vir aqui esta noite. Os americanos, como você sabe, estão muito interessados em nossos ASEX. Tivemos um constante desfile deles no Zoo Exótico durante o mês passado. Eles estão convencidos, e estou certo de que Lattimore os convenceu, de que

as coisas não estão correndo de modo tão eficiente quanto deveriam. Lattimore escreveu para dizer que a nova nave de exploração estelar, o Gansas, fora recolocada em rota, embora essa notícia ainda não fosse oficial. A exploração que iam fazer na Constelação de Câncer havia sido adiada. Para substituí-la, eles se dirigirão para Clementina, a fim de procurar o planeta natal dos ASEX.

Mrs. Warhoon pousou a faca e o garfo juntos, ergueu as sobrancelhas e disse:

— O quê?

— Lattimore estará no vôo, na qualidade de consultor. Seu encontro com ele o impressionou muito, e ele sinceramente espera que você faça parte do vôo como cosmeclética-chefe. Ele me pediu para eu lhe dar uma palavrinha, antes que ele toque no assunto diretamente com você.

Mrs. Warhoon deixou cair os ombros e inclinou-se entre os candelabros escandinavos. — Valha-me Deus! — disse ela. Seu rosto ficou vermelho; à luz das velas ela parecia ter de novo trinta anos.

— Diz ele que você não vai ser a única mulher no vôo. Ele também dá uma indicação por alto do salário, que será fabuloso. Você deve ir, Hilary. Essa é uma oportunidade única.

Mrs. Warhoon pousou um cotovelo sobre a mesa e descansou a fronte na mão. Mihaly considerou isso um gesto teatral, embora percebendo que ela estava genuinamente excitada e comovida. Suas antigas fantasias retornaram.

— O espaço! Você sabe que nunca viajei além de Vênus. Você sabe que isso poderia arruinar meu casamento, Mihaly. Alfred jamais me perdoaria.

— Desculpe-me. Sempre compreendi seu casamento com uma coisa só de nome.

Seus olhos, vazios, se detiveram numa foto emoldurada infravermelha do Conquest Canyon, em Pluto. Mrs. Warhoon sorveu seu copo de vinho.

— Não tem importância. Eu não posso ou, talvez, não gostaria de salvá-lo. Viajar no Gansas seria um rompimento limpo com o

passado. . . Graças a Deus que nesses assuntos somos mais civilizados do que nossos avós, e não temos que nos implicar com leis de divórcio. Devo viajar no Gansas, Mihaly? Devo, ou não devo? Você sabe que há poucos homens a quem eu poderia, de bom grado, pedir um conselho como a você.

A curva de seu pulso, a incerta luz trêmula da vela em seu cabelo ajudaram-no a se decidir. Mihaly levantou-se, deu a volta à mesa, e colocou as mãos sobre os seus ombros descobertos.

— Você deve resolver isso por você mesma, Hilary. Você sabe que essa não é somente uma preciosa oportunidade profissional; nos dias de hoje, não somos adultos enquanto não nos defrontarmos com o espaço profundo.

— Sim, Mihaly, conheço a sua reputação, e na técnica, você prometeu que me levaria para ver a nova peça. Não deveríamos já estar a caminho? — Ela se voltou em sua cadeira, afastando-se dele, de modo que ele foi forçado a retroceder. Com tanta graça quanta podia reunir, Mihaly sugeriu que poderiam andar um pouco, já que o teatro ficava ali, ao dobrar da esquina, e era impossível, num ano de guerra, conseguir táxi depois do escurecer.

— Vou renovar a pintura e me preparar para sair — disse ela, retirando-se para a pequena toailete, que nessa época os apartamentos mais caros se orgulhavam de possuir. Sentindo-se segura por detrás da porta trancada, ela examinou o rosto ao espelho. E viu, não sem satisfação, que um leve rubor se espalhava sobre sua face. Não era a primeira vez que Mihaly tentava algo dessa espécie; ela não iria entregar--se, já que todos sabiam que ele tinha uma amante; só o fato de ela estar de férias não era motivo para aceitar o posto de substituta.

Os homens levavam uma vida invejável. Podiam ir atrás de seus caprichos extravagantes mais facilmente que as mulheres. Mas ali ela tinha oportunidade de ir no encalço de algo mais forte do que um capricho: o desejo de ver planetas distantes. Que aquele homem fascinante, Lattimore, Bryant Lattimore, estivesse também no Gansas era algo incidental, mas isso tornava a situação mais excitante.

Delicadamente, ela levantou primeiro o braço esquerdo, depois o direito, e cheirou. Estava ok, mas ela lhe deu uma borrifada de desodorante, por via das dúvidas.

Aquelas pequenas glândulas das axilas eram as únicas no corpo humano destinadas a produzir cheiro, embora muitas outras glândulas e sucos e secreções o emitissem, incidentalmente. Ela ouvira dizer que os japoneses, e alguns chineses não possuíam essa glândula especial — ou, se a possuíam, isso era considerado uma condição patológica. Estranho; ela precisava perguntar a Mihaly a respeito disso. Ele devia saber; sua amante era tida na conta de japonesa, ou chinesa.

Enquanto deixava os pensamentos divagarem e aplicava o pó, ela viu o rubor desaparecer gradualmente do rosto. Talvez ele não tivesse sido causado pela emoção, mas pela carne animal que ela comera. Inspecionou os pequenos dentes brancos, enfileirados por trás dos lábios vermelhos, gostando da selvageria de seu sorriso.

— Grrr, sua pequena carnívora! — suspirou ela. Borrifou em si mesma uma gota de perfume, um perfume exclusivo que continha âmbarcinzento, o qual (ela precipitadamente censurou a imagem) é um resíduo não digerido de lula e polvo encontrado nos intestinos da baleia. Puxou os cabelos para o alto, prendeu a máscara de andar na rua e, majestosamente, foi ao encontro de Pasztor.

Mihaly também já havia colocado a máscara. Lado a lado, desceram para a rua.

A guerra não havia melhorado a cidade. Enquanto outras cidades, em outras nações, tinham sido banidas há muito tempo — ou, pelo menos, tinham introduzido novas leis para evitar vários abusos metropolitanos — Londres sofria com a multiplicação deles.

Montes de detritos e de entulho permaneciam ao longo do calçamento, enquanto que as sarjetas estavam cheias de lixo. A deficiência do trabalho não-especializado estava paralisando a cidade. Essa deficiência fora a causa do fechamento de algumas ruas ao tráfego, visto que seus leitos tinham-se tornado intransitáveis, e não havia ninguém para repará-los. Muita gente pouco ligava a isso, visto que para os pedestres qualquer desafogo no trânsito intenso e barulhento era bem-vindo. Enquanto Mihaly

caminhava ao lado de Mrs. Warhoon, ele sarcasticamente agradeceu por tais dádivas à civilização, como as máscaras para andar na rua, que apenas não deixavam que eles caíssem desmaiados por causa dos gases que escapavam dos carros que resfolegavam ao alcance da mão.

Cartazes gigantescos, cobrindo um local onde um prédio de escritórios se incendiara antes que um carro de bombeiros pudesse se arrastar através de quatro quarteirões para salvá-lo, anunciavam que As Férias no Lar Eram Divertidas, além de serem de Interesse Nacional; que A Morte Podia Dar Lucros, Legando-se o Corpo para a Burgess's Body Chemicals; e que A Gonorréia Estava Fora de Controle, com um gráfico para prová-lo, por cortesia do Ano Mundial da Gonorréia. Havia também um pôster menor, editado pelo MINIGAG, o Ministério da Gastronomia e da Agricultura, proclamando que alimentos animais causavam envelhecimento prematuro e que alimentos feitos pelo homem não continham tóxicos; a questão era habilmente forçada através de duas fotos, uma de um velho tendo um ataque do coração, e outra de uma moça com um prato de picadinho sintético.

Graças aos céus, a maior parte dessa paisagem citadina estava envolta numa decente obscuridade, já que os cortes de força impunham um meio-blackout, todas as noites, ao esplendor da capital,

— Andando por aqui, dificilmente posso pensar em andar num planeta diferente — disse Mrs. Warhoon.

— Certamente, daqui você não tem uma boa visão do universo — respondeu Pasztor, falando mais alto que o rosnado dos carros.

— Mais dois ou três séculos, e o homem terá outra perspectiva a respeito da vida e das regras pelas quais ele vive. Ele terá sintetizado o universo em sua arte, arquitetura, costumes, em tudo enfim. Por enquanto, somos adolescentes. A cidade é nosso playground selvagem. — Com um gesto, Mrs. Warhoon apontou para uma vitrina de loja que exibia um enorme motor de bicicleta, no formato de uma nave espacial e resplandecente como o El Dorado. — É um lugar onde nós somos submetidos a perpétuos

ritos de iniciação, ordálios pelo fogo, multidões, e gás. Não estamos suficientemente amadurecidos para cuidar de seus ASEX.

Com um choque, Mihaly pensou:

— Meu Deus, ela está tensa! Nós bebemos vinho verdadeiro e ela provavelmente está acostumada com vinho sintético. . . — Mrs. Warhoon continuava falando, mesmo quando ele segurou-lhe o braço, a fim de que ela não tropeçasse nos jornais velhos que o vento lançava contra seus pés.

— Começamos errado com esses animais, Mihaly, obrigando-os a aderir às nossas regras, ao invés de estudarmos as deles. Talvez o Gansas descubra mais alguns e teremos nova oportunidade de fazer contacto nos termos deles.

— Até agora não sabemos quais são. Respeitaríamos a inclinação que eles têm em viver no meio dos excrementos? Iríamos deixar que eles os acumulassem? Bem, isso cheira mal e pobre do velho Bodley e de sua equipe, que tem de lidar com eles. . .

Mihaly estava satisfeito por levá-la ao teatro.

A peça era uma versão animada de uma peça do tempo da Guerra Fria, uma versão não-musicada de *West Side Story*, representada com figurinos pitorescamente antiquados, pré-III Guerra Mundial. Tanto Pasztor como Mrs. Warhoon gostaram; mas seu pensamento continuava voltado para a perspectiva de viajar no vácuo com o Gansas, de modo que no intervalo Pasztor se dirigiu para a luta livre que se travava ao lado do bar do teatro, antes que ela começasse outra discussão. Quando saíram do teatro, ao fim da peça, ela insistiu em dizer que precisava ir para casa, e ele teve de competir com vestidos de noite e uniformes para colocá-la à força dentro de um dos transportadores verticais que surgiram para conectar com o trem do distrito. Chovera durante seu encarceramento no teatro, o que limpou um pouco o ar da cidade. Gotas de água oleaginosa salpicaram a ambos e, mesmo assim vindas dos trilhos elevados. Mrs. Warhoon voltou bravamente a seu assunto.

— Você se lembra do que disse Wittgenbacher, ao afirmar que nossa inteligência poderia ser um mero instinto pelo espaço?

— Andei pensando nisso — disse ele, abrindo caminho com os cotovelos.

— Você acha que estarei seguindo meu instinto, se me decidir a viajar no Gansas?

Mihaly olhou para ela, alta e ainda positivamente esbelta, para seus olhos, atraentes por detrás da máscara.

— O que há de errado com você esta noite, Hilary? O que é que você quer que eu lhe diga?

— Você podia me revelar, por exemplo, se vou para o espaço a fim de me integrar em mim mesma — para me tornar amadurecida longe do meu berço e de toda essa espécie de coisa — ou se vou fazer isso para fugir de um casamento insatisfatório, que eu faria melhor se remendasse.

Um homem uniformizado de astrogator, ao forçar a passagem, olhou-a com súbito interesse, quando captou parte dessa observação.

— Não a conheço suficientemente bem para dar-lhe uma resposta — disse Mihaly.

— Ninguém me conhece. — Ela pronunciava as palavras com menosprezo, sorrindo, visto que finalmente ele conseguira colocá-la às portas do ônibus. Mrs. Warhoon tocou os dedos dele e entrou. Pasztor teve que lutar a fim de não ser também carregado para o interior do transportador vertical.

As portas se fecharam; a pelota de chumbo foi sugada pelo tubo. Pasztor olhou as luzes elevarem-se até o nível do trilho do mônobus. Um glóbulo de água respingou em seu olho esquerdo. Ele voltou-se e se dirigiu para casa através de ruas vazias.

Em seu apartamento, em cima do Zoo Exótico, pôs-se a caminhar a esmo, pensando. Limpando os remanescentes da refeição, jogou pratos e talheres da mesa de jantar para dentro do incinerador e ficou olhando a suave chama que se levantava enquanto eles se desintegravam. Em seguida, recomeçou a andar.

Hilary havia dito uma pequena verdade em meio a tudo o que falou, embora logo no início da noite ele mentalmente tivesse rotulado isso de doença. Não seria realmente doente o homem que desperdiça a vida toda procurando, exatamente como o cachorro

que procura a grama áspera que o faz vomitar? Qual era mesmo aquele epigrama, que ele gostava de exibir publicamente com tanta freqüência, em que a civilização era a distância que o homem coloca entre sua pessoa e seu excremento? Porém estaria mais próximo da verdade quem dissesse que a civilização era a distância que o homem colocara entre ele próprio e tudo o mais, já que estava profundamente arraigado no conceito de cultura a necessidade de isolamento. Uma vez longe da conjunção das fogueiras, o homem inventou quartos, barreiras, atrás dos quais desenvolveu suas práticas mais características. A meditação originou-se da mera abstração, as artes individuais originaram-se das habilidades do clã, o amor originou-se do sexo, o conceito do individual originou-se da tribo.

Contudo, seriam importantes as barreiras quando se estava à frente de outra cultura? E, por outro lado, não estaria uma das dificuldades que impediam que se apertasse as mãos dos ASEX no fato de você dificilmente se capacitar de quão forte é a influência dos costumes de sua própria cultura sobre você?

Isso era, pensou Pasztor, o que ele chamava de uma Boa Pergunta; e, com os diabos, ele agora iria agir de acordo com ela.

Pegou o elevador para o andar térreo. O Zoo Exótico estava às escuras; apenas o risinho ao mesmo tempo estridente e profundo de um papa-defunto na High-G House lançava um arrepio através da escuridão. O homem, fechado em sua cultura, tão ansioso por enclausurar outros animais com ele.. .

Os dois ASEX pareciam estar dormindo quando ele entrou e as luzes pálidas se acenderam. Uma dos lagartos deu um salto para alcançar a pequena abertura onde se escondia um dos braços de seu protetor, mas a grande massa não se mexeu.

Pasztor avançou através da porta lateral e chegou assim ao fundo da jaula. Abriu a grade inferior e se encaminhou para os ASEX. Eles abriram os olhos com uma expressão que se assemelhava a um enfado imensurável.

— Não se preocupem, colegas. Desculpem se os incomodo, mas uma senhora, que tem profundo interesse por vocês, me deu, inadvertidamente, uma nova linha de abordagem. Olhem, rapazes,

estou tentando ser amigo. Quero chegar ao outro lado, se isso é possível.

Tirando as calças, agachado perto deles, falando delicadamente, o diretor do Zoo Exótico defecou sobre o chão de plástico.

CAPITULO 8

— Quão sagaz foi você ao batizar esse mundo de Grudgrodd, Cosmopolita — disse o terceiro Politano.

— Já expliquei várias vezes as minhas razões para pensar que não podemos ficar por mais tempo em Grudgrodd — disse o Sagrado Cosmopolita, enquanto os dois utods se deitavam juntos, confortavelmente.

— E ainda digo que não acredito que o metal pudesse se tornar bastante forte para resistir a um lançamento nos reinos estelares. Não se esqueça de que fiz um curso de metalfatura quando eu era sacerdote. Além disso, o objeto de metal não tinha a forma adequada para uma nave espacial. Sei que isso não deve ser muito dogmático, porém há alguns pontos nos quais a gente deve tomar posição; embora eu faça isso com referência à sua cosmopolidade só com desculpas.

— Diga o que disser, sinto em meus ossos que os Sóis Triplos não mais hão de brilhar nestes céus — não que essas magras formas de vida nos permitissem de qualquer modo ver os céus.

Enquanto falava, o Cosmopolita Sagrado girou uma de suas cabeças e olhou a magra forma de vida executando sua natural função a alguma distância. Achou que reconhecia aquela magra forma de vida como um daqueles cujos hábitos não despertam repugnância; certamente não se tratava do mesmo que viera com um apetrecho que lançava um jato de água fria. Nem sequer parecia ser um daqueles que pousavam com máquinas e dois assistentes (sem dúvida eles eram, neste mundo, os equivalentes do sacerdócio) tão palpavelmente tentando seduzir a ele e ao terceiro Ajudante para entrarem em comunicação.

A magra forma de vida ficou de pé e juntou a roupa sobre a parte mais baixa do corpo.

— Isso é muito interessante! — exclamou o Politano. — Isso confirma o que estivemos conversando alguns dias atrás.

— Em muitos particulares, sim. Como pensamos, eles têm duas cabeças como nós temos, uma porém é usada para estercar e a outra para falar.

— O que parece tão engraçado é que eles têm um par de pernas que se projeta da cabeça mais baixa. Sim, talvez você esteja mesmo certo, pai-mãe; a despeito de toda lógica, talvez nos tenhamos mesmo afastado muito dos Sóis Triplos, visto que é difícil imaginar qualquer espécie de disparate horrendo como este nos planetas sob seu domínio. De acordo com sua opinião, qual a razão pela qual ele veio executar um ritual de estéreo logo aqui?

O Cosmopolita girou um de seus dedos num movimento de desconcerto.

— Dificilmente ele pode encarar isto como um local sagrado para a sementeira. Talvez ele tenha feito isso apenas para nos fazer ver que nós não éramos os únicos a possuir fertilidade; ou, por outro lado, ele fez isso apenas por curiosidade, a fim de ver o que nós faríamos. Eis outra vez um caso, acho eu, onde por enquanto devemos admitir que os meios de pensamento dos Pernas-Finas são muito estranhos para nós interpretarmos, e que qualquer tentativa de explicação que possamos dar está fadada a ser utodomórfica. E, já que estamos no assunto... não quero alarmá-lo de nenhum modo.. . Não, como Cosmopolita, devo guardar essas coisas para mim.

— Por favor — depois que ficamos só nós dois, você me contou várias coisas do rico estoque de sua mente que você de outra maneira não me contaria. Prossiga, eu lhe peço.

A estranha forma de vida estava parada perto, olhando. Ele era incapaz de ficar tranqüilo por muito tempo. Ignorando-o, o Cosmopolita começou a falar cautelosamente, visto que sabia quão perigoso era o terreno que pisava. Quando um de seus *gorgs* começou a formigar em sua barriga, ele tornou a colocá-lo com força na posição certa, com uma firmeza que até o surpreendeu.

— Não quero que você fique alarmado com o que vou dizer, filho, embora seja sabedor de que fui eu, em primeiro lugar, quem

pareceu atacar o verdadeiro alicerce de nossas crenças. Você se lembra do momento em que os Pernas-Finas vieram até nós no escuro, enquanto estávamos no montão de estrume ao lado da arca do reino estelar?

— Embora isso pareça fazer muito tempo, não esqueci.

— Os Pernas-Finas vieram então até nós e imediatamente trasladaram os outros para a fase putrefata.

— Eu me lembro. A princípio senti medo. Cheguei-me para bem perto de você.

— E depois?

— Quando eles estavam nos carregando naquele veículo de rodas até aquela coisa alta de metal que você diz ser uma arca do reino estelar, eu estava tão envergonhado por não ter sido escolhido para dar mais um passo dentro do ciclo utodiano que mal tive tempo de atentar para outra coisa qualquer.

Os Pernas-Finas estavam fazendo sinais com a boca de sua cabeça superior, mas eles puseram-se a conversar numa faixa de audibilidade mais alta, como era apropriado quando se discutem pontos de vista pessoais e, daí para frente, eles passaram a ignorá-lo.

O Cosmopolita Sagrado continuou:

— Meu filho, acho difícil dizer isso, já que nossa linguagem não açambarca os conceitos apropriados, mas essas formas de vida devem ser tão estranhas em pensamento como são em forma; não apenas em seus pensamentos superiores, mas em toda a sua constituição psicológica. Por muito tempo, como você, eu senti uma espécie de vergonha pelo fato de nossos seis companheiros terem sido escolhidos para a transladação, enquanto que nós não. Mas. . . suponha, Blug Lugu, que essas formas de vida não tenham feito uma escolha. Suponha que eles nos trasladaram ao acaso.

— Ao acaso? Estou surpreso de ouvi-lo usar uma palavra tão vulgar, Cosmopolita. A queda de uma folha ou o salpicar de uma gota de chuva podem ser, bem, acaso, mas com as mais altas formas de vida — tudo mais alto do que um chafurdar na lama — o fato de que formam parte dos ciclos da vida impede que qualquer coisa seja acaso.

— Isso se aplica a seres dos mundos dos Sóis Triplos. Mas essas criaturas de Grudgrodd, esses Pernas-Finas, podem ser parte de outro padrão conflitante.

Neste ponto, a forma de vida deixou-os. Enquanto ele desaparecia, a luz da jaula foi se apagando gradualmente. Muito desinteressado por esses fenômenos menores, o Cosmopolita continuou tentando expressar o que pretendia.

— O que estou dizendo é que de alguma forma essas criaturas podem não ter nenhuma intenção salutar em relação a nós. Há uma palavra da Idade da Revolução que cabe muito bem aqui: esses Pernas-Finas podem ser maus. Em seus estudos, você já leu alguma vez essa palavra?

— É uma espécie de doença, não é? — perguntou o Politano, recordando-se dos anos em que se tinha espojado através dos labirintos da amamentação mental na época do Alviçol.

— Bem, trata-se de uma forma especial de doença. Sinto que esses Pernas-Finas são maus num sentido mais forte.

— É por isso que você não quis que nos comunicássemos com eles?

— Claro que não! Não estou mais preparado para conversar com estranho sem o meu lamaçal do que eles provavelmente estariam preparados para conversar comigo privados da matéria que lhes cobre o corpo. No fim, quando eles entenderem esse fato rudimentar, talvez possamos tentar falar com eles, embora eu suspeite que seus cérebros devem ser tão limitados quanto a voz deles o sugere. Mas certamente não chegaremos a lugar algum até que eles compreendam que possuímos certas exigências básicas; logo que eles tenham entendido isso, a conversa poderá valer a pena.

— Esse... esse negócio de mau. Estou alarmado pelo fato de você ter podido pensar assim.

— Filho, quanto mais considero o que aconteceu, mais sou forçado a pensar assim.

Blug Lugug, que fora conhecido durante cento e oitenta anos como o terceiro Politano, caiu num silêncio cheio de preocupações. E cada vez mais ele se preocupava com a palavra *mau*.

Na Idade da Revolução houve maldade. Embora os utods já existissem há mil e cem anos, a Idade da Revolução ocorrera há três mil gerações; todavia seus efeitos ainda subsistiam na vida cotidiana de Dapdrof.

No princípio daquela idade espantosa nascera Manna Warun. Era significativo o fato de ele ter sido ideado durante uma separação cataclísmica particularmente entrópica da órbita solar, o verdadeiro esod, durante o qual Dapdrof, mudando-se de Solridor para Solesgar, perdera sua pequena lua, Afastra, que agora prosseguia sozinha seu próprio curso excêntrico.

Manna Warun juntara discípulos e abandonara as tradicionais iguarias e os lamaçais de seu povo. Seu grupo mudou-se para os lugares despovoados, para ali passar vários anos, desenvolvendo e requintando as antigas e tradicionais habilidades dos utods. Alguns de seu grupo o deixaram; outros uniram-se a ele. Lá permaneceram durante cento e setenta e cinco anos, de acordo com as velhas histórias sacerdotais.

Durante esse tempo, eles criaram o que Manna Warun chamava de "revolução industrial". Aprenderam a fazer muito mais metais do que seus contemporâneos conheciam; metais duros, metais que podiam adelgaçar-se e comunicar novas formas de força junto à sua duração. Os revolucionários não se dignavam mais caminhar sobre seus próprios seis pés. Agora eles rodavam em várias espécies de carros, que ostentavam uma multidão de pés saltitantes, ou voavam no ar em outros carros com asas. Assim diziam as antigas lendas, embora não houvesse dúvida de que eles gostavam um pouco de exagerar.

Mas quando os revolucionários voltaram a seu povo para tentar convertê-los às novas doutrinas, um traço de suas vidas parecia particularmente estranho. Visto que os revolucionários pregavam — e dramaticamente praticavam — o que eles chamavam "asseio".

A massa do povo (se se deve dar crédito aos antigos relatórios) estava disposta a aceitar a maioria das inovações propostas. Eles estavam particularmente satisfeitos com a noção de que os

períodos de maternidade podiam ser facilitados, com a introdução de um ou mais sistemas que aboliriam a amamentação mental; porque, para a maioria dos cinquenta anos da infância de um utod, a mãe tinha de se empenhar em amamentar mentalmente o filho na complicada lei e conhecimento que constituíam a história e os hábitos raciais; e os revolucionários achavam que essa função poderia ser desempenhada por um mecanismo. Porém "asseio" era algo totalmente diferente — uma verdadeira revolução.

A limpeza era um conceito difícil de entender, não fosse por outro motivo, porque solapava as verdadeiras raízes do ser. Sugeria que as ribanceiras de lama, nas quais o utod era criado, então deviam ser abandonadas; que os lamaçais, esterqueiras e monturos, que eram substitutos efetivos da lama, deviam ser abandonados; que os pequenos parasitas devoradores, os *grorgs*, que eram os companheiros tradicionais dos utodianos, também deviam ser abandonados.

Manna e seus discípulos demonstraram que era possível viver sem toda essa luxúria desnecessária ("imundície" era outro termo que eles usavam para isso). Que a limpeza era evidência de progresso. Que na moderna idade revolucionária, a lama era *má*.

Desse jeito, os revolucionários transformaram a necessidade em virtude. Trabalhando nas terras abandonadas, longe dos lamaçais e da sombra de seus ampes, lama e líquido começaram a escassear. Nessa austeridade nasceu o austero credo deles.

Eles foram mais além. Uma vez que começara, Manna Warun desenvolveu seu tema, e atacou as crenças estabelecidas dos utods. Nisso ele era auxiliado por seu discípulo-chefe, Crízias. Crízias negava que os espíritos dos utods se encarnavam nos corpos tenros dos ampes; negava que um estágio de putrefação seguia-se ao estágio corporal. Ou, mais precisamente, ele não podia negar que os elementos corporais do estágio físico eram absorvidos pela lama e novamente formados nos atoleiros, mas ele proclamava que não havia semelhante transferência para um espírito. Não tinha provas para isso. Tratava-se apenas de uma afirmação emocional, que obviamente visava a afastar os utods de seus hábitos naturais; mesmo assim, ele encontrou quem acreditasse nele.

Estranhas leis morais, proibições e inibições, começaram a medrar entre os crentes. Mas não se podia negar que elas tivessem força. As Cidades dos Ermos para as quais eles se retiraram resplandeciam com luzes na escuridão. Cultivavam as terras por estranhos métodos, e colhiam estranhos frutos delas. Começaram a cobrir seus orifícios. Mudavam de macho para fêmea em porcentagens sem precedentes, satisfazendo-se a si mesmos sem se procriarem. Tudo isso, e mais, eles fizeram. Embora não se pudesse perceber se eles eram exatamente mais felizes — não que eles pregassem a felicidade, visto que sua preleção era mais sobre o dever e os direitos e sobre o que era considerado bom ou mau.

Uma grande coisa que os revolucionários conseguiram em suas cidades despertou a imaginação de todos.

Os utods tinham muitas qualidades poéticas, como seu vasto lastro de contos, poesias épicas, canções, cantos e um show de sussurração. Esse aspecto deles era tocado quando os revolucionários construíram algumas de suas maquinarias dentro de um velho ampe e as impeliram muito além dos céus. Manna Warun viajou dentro dela.

Desde dias pré-memorais, antes que a amamentação mental tivesse feito das raças de utods o que eles eram, os ampes eram usados como barcos, com os quais se viajava pelas partes menos densas de Dapdrof. Parecia haver uma espécie de estranha adequação para se viajar dentro deles até mundos menos apinhados. Lá embaixo, nos lamaçais, o complicado nexo das velhas famílias começava a sentir que, talvez, apesar de tudo, a limpeza possuía algo. Os quinze mundos que circulavam em torno dos seis planetas da constelação Nossa eram todos visíveis em diversas horas a olho nu, e portanto eram conhecidos e admirados. Para experimentar a sensação de visitá-los, valeria mesmo a pena renunciar à "imundície".

O povo, convertido e convencido, começou a ir para as Cidades dos Ermos.

Então, algo singular aconteceu.

Começou a correr o boato de que Manna Warun não era tudo o que parecia ser. Dizia-se, por exemplo que freqüentemente ele se

esgueirava, a fim de se deliciar num lamaçal secreto. Os rumores disseminaram-se numerosos e depressa e, naturalmente, Manna não estava lá para negá-los.

Como os torpes rumores cresciam, o povo quis saber quando Crízias se levantaria a fim de limpar o nome de seu líder.

Por fim, Crízias levantou-se. Gravemente, com lágrimas nos olhos, falando somente através de seus orifícios padun, ele admitiu que as estórias que circulavam eram verdadeiras. Manna era um pecador, um tirano, um que se banhava na lama. Não possuía nenhuma das virtudes que exigia dos outros. De fato, embora outros — em particular Crízias, seu amigo e verdadeiro discípulo — tivessem feito tudo o que estava a seu alcance para impedi-lo, Manna fora para o caminho da maldade. Agora que a triste estória emergira, nada havia a se fazer. Manna Warun precisava ir embora. Isso era de interesse público. Ninguém, naturalmente, ficaria feliz com isso; mas havia uma coisa chamada dever. O povo tinha um direito a ser protegido; do contrário, o bom seria destruído pelo mau.

Difícilmente um utod entenderia tudo isso, embora percebesse o ponto de vista de Crízias. Manna precisava ser expulso. E quando o profeta retornasse das estrelas, haveria um comitê de recepção à sua espera no campo de aterrissagem da arca estelar.

Antes de a arca regressar à terra, a agitação estourou. Um jovem utod, cuja pele brilhante porém alarmantemente rachada mostrava ser ele um fervoroso Higiênico (como era correntemente chamado por eles mesmos o Corpo da Revolução), saltava sobre um caixote. Ele desretraiu todos os seus membros e gritou, numa voz semelhante a um assobio enérgico, que Crízias estivera mentindo a respeito de Manna, a fim de atender a seus próprios interesses. Todos os que seguissem Crízias eram traidores.

Nesse momento, ocorreu algo sem precedentes, e no momento exato em que a arca estelar descia dos céus: surgiu um guerreiro, e um utod com uma vara pontiaguda de metal mandou Crízias para o estágio seguinte de seu ciclo utodiano.

— Crízias! — arquejou, assombrado, o terceiro Politano.

— O que faz você mencionar esse nome infeliz? — inquiriu o Cosmopolita.

— Eu estava pensando na Idade da Revolução. Crízias é o primeiro utod em nossa história a ser propelido adiante no ciclo utodiano sem benevolência — disse Blug Lugug, voltando ao presente.

— Essa foi uma época ruim. Mas talvez porque esses Pernas-Finas também parecem apreciar o asseio, eles também apressam as pessoas para esse ciclo sem benevolência. Como eu digo, eles são maus de um modo forte. E nós somos, por acaso, suas vítimas.

Blug Lugug recolheu seus membros tanto quanto possível. Fechou os olhos, cerrou seus orifícios e esticou-se até sua aparência externa parecer uma enorme salsicha terrestre. Essa era a sua maneira de expressar alarme sacerdotal.

Não havia nada na situação deles para justificar a linguagem extrema do Cosmopolita. Na verdade, ela se tornara antes estúpida, já que eles tinham ficado ali por tanto tempo — todos precisavam de uma mudança de cenário mais ou menos a cada cinco anos. E era desatenciosa a maneira como as formas de vida eliminavam os sinais de sua fertilidade. Contudo, as formas de vida mostravam evidência de boa vontade: forneciam alimento e cedo aprenderiam a não trazer coisas que não fossem bem recebidas. Com tempo e paciência, eles aprenderiam outras coisas úteis.

Por outro lado, havia essa questão do mau. Na verdade, era bem possível que as formas de vida tivessem a mesma espécie de loucura que existia na Idade da Revolução em Dapdrof. Ainda que fosse absurdo pretender isso, por mais estranhos que fossem, esses Pernas-Finas não pos suíam um ciclo evolutivo equivalente ao ciclo utodiano; e isso, sendo tão fundamental, só podia ser algo pelo qual eles teriam um profundo respeito — naturalmente, que em seu próprio aspecto peculiar.

E havia isso: A Idade da Revolução havia sido uma veleidade, um fogo de palha, que se manteve apenas por quinhentos anos — metade de uma existência — fora das centenas de milhões de anos da memória utodiana. Seria uma grande coincidência se os Pernas-

Finas estivessem passando pela mesma perturbação naquele momento.

Era notório que o povo que usava palavras violentas como *mau* e *vitima casual*, verdadeiras palavras de loucura, estivesse ele próprio às portas da loucura. E, assim, o Cosmopolita Sagrado.. .

O Ajudante, ao pensar nisso, estremeceu. Sua afeição pelo Cosmopolita era intensificada pelo fato de que o utod mais velho, durante uma de suas fases como fêmea, lhe tinha dado a origem. Agora ele necessitava do consolo dos outros membros de seu lamaçal; não havia dúvidas de que já era hora de eles voltarem para Dapdrof.

Isso queria dizer que eles deveriam falar com os forasteiros e apressar a volta. O Cosmopolita proibira a comunicação — e muito categoricamente — por uma questão de etiqueta; mas ele começava a perceber cada vez mais que algo deveria ser feito. Talvez, pensou Blug Lugug, ele pudesse se aproximar de um dos forasteiros e tentar transmitir a eles algo que tivesse sentido. Não seria difícil; ele havia memorizado cada sentença que eles tinham proferido em sua presença, desde a chegada deles naquela coisa de metal; apesar de isso não fazer sentido para ele, mas fosse como fosse, haveria de ser útil.

Enrugando um de seus orifícios, disse o Ajudante:

— Wilfred, você não tem por acaso uma chave de fenda em seu bolso, tem?

— O que é isso? — perguntou o Cosmopolita.

— Nada. Fala dos Pernas-Finas.

Afundando-se num silêncio que o deixava com menos ânimo do que usualmente, o terceiro Ajudante começou a pensar na Idade da Revolução, para ver se oferecia algum paralelo útil com o caso presente.

Com a morte de Crízias e a volta de Manna Warun, houve ainda mais confusão. Isso se deu quando *mau* floresceu em sua grandeza. Grande número de utods era tratado sem benevolência na fase seguinte de seu ciclo. Manna, naturalmente, retornou de seu vôo na arca estelar, mui to vexado por ver como as coisas tinham se voltado contra ele nas Cidades dos Ermos.

Tornou-se mais extremado do que antes. A seu povo foi proibido, sob juramento, o banho de lama; ao invés disso, a água seria fornecida a cada moradia. Eles tinham que manter cobertos seus orifícios. Óleos para a pele foram proibidos. Trabalhos cada vez maiores foram ordenados. E assim por diante.

Mas as sementes do descontentamento foram bem lançadas por Crízias e seus seguidores, provocando mais derramamento de sangue. Muitas pessoas retornaram a seus antigos lamaçais, deixando que as Cidades dos Ermos caíssem lentamente em ruína, enquanto os habitantes lutavam uns contra os outros. Todos lamentavam isso, já que lá existia uma genuína admiração por Manna que nada podia extinguir.

Sua jornada entre as estrelas, em particular era vastamente discutida e exaltada. Muita coisa era conhecida, mesmo naquela época, sobre a vizinhança dos corpos celestiais conhecidos como a constelação Nossa e, de modo particular, a respeito dos três sóis, Solridor, Solesgar e Alviçol, ao redor de cada um dos quais girava Dapdrof, assim como um esod se segue a outro. Esses sóis, e os outros planetas do grupo, eram tão familiares e tão estranhos ao povo como as Montanhas Circumpolares, no Vragenvagem Norte de Dapdrof.

Qualquer que fosse o infortúnio trazido pela Idade da Revolução, ela também havia proporcionado a oportunidade de investigar outros lugares. E era essa a oportunidade pela qual aspirava o utod comum.

Os Higiênicos controlavam todas as viagens interestelares. As massas dos não-convertidos, peregrinando de todas as partes do globo até as Cidades dos Ermos, julgavam que eles podiam participar das novas explorações de outros mundos sob uma de duas condições. Poderiam converter-se às severas doutrinas de Manna Warun, ou poderiam extrair o material necessário para a construção e o abastecimento dos motores das arcas. Muitos deles preferiam a última das condições. Para eles, fazer escavações não era difícil, pois os utods se originavam de uns pequenos animais muito semelhantes aos salfos lamassas, que viviam em tocas. Eles gostavam de escavar e logo todo o processo de construção das

arcas estelares se havia transformado em rotina, quase que numa arte folclórica, como a tecelagem ou a cerâmica. Por isso, as viagens interestelares também passaram a gozar da mesma informalidade, particularmente quando se descobriu que os Sóis Triplos, e seus três vizinhos mais chegados, mantinham sete outros mundos, nos quais a vida podia ser vivida de um modo quase tão agradável quanto em Dapdrof.

Então chegou a época em que a vida se tornou realmente agradável em alguns dos outros mundos; em Buskey, por exemplo, e em Clabshubl, onde o sistema utodiano havia sido rapidamente implantado. Enquanto isso, os Higiênicos se dividiam em seitas rivais: as que praticavam a retração de todos os membros, e as que deploravam isso como imoral. Finalmente, começavam as três Guerras Nucleares da Boa Conduta e a superfície agradável do planeta sofreu um bombardeio absolutamente anti-higiênico, cuja severidade — destruindo, como ele o fez, tantas milhas de florestas cuidadosamente cultivadas e de terrenos pantanosos — mudou realmente as condições climáticas por um período aproximado de um século.

As drásticas mudanças do tempo seguidas por uma série de invernos severos, concluíram as guerras do modo mais radical possível, convertendo em estágio de putrefação quase todos os Higiênicos sobreviventes, quaisquer que fossem as suas convicções. O próprio Manna desapareceu; seu fim nunca foi conhecido, embora a lenda dissesse que um ampe de rara beleza, que cresceu em meio às ruínas da maior das Cidades dos Ermos, representava o estágio seguinte de sua existência.

Os modos de vida antigos e mais razoáveis, lentamente, retornaram.

Ajudada pelos utods, que voltavam dos outros planetas, a população se restabelecia. As represas foram reconstruídas; os pântanos, cuidadosamente restaurados; as esterqueiras, reintroduzidas nos moldes tradicionais; os ampes eram replantados por toda parte. As Cidades dos Ermos foram abandonadas, para cair em decadência. Ninguém mais estava interessado na ética da limpeza. A lei e a imundície foram restauradas.

Todavia, fosse qual fosse o preço pago, a revolução industrial produziu seus frutos, e a nem todos eles se permitiu que morressem. As técnicas básicas necessárias para manter as viagens estelares passaram ao sacerdócio antigo, dedicado a manter a felicidade do povo. O sacerdócio simplificava práticas já tornadas quase rituais pelo hábito, e previa que essas técnicas seriam passadas de mãe para filho pela amamentação mental, junto com o resto do conhecimento racial.

Tudo isso agora se situava há três mil gerações e há quase tantos esods passados. Através das disciplinas da amamentação mental, seus esquemas permaneceram claros. No cérebro de Blug Lugug, a memória da hedionda e pervertida preleção e dos ensinamentos de Manna e dos outros Higiênicos continuava nítida. Ele se orgulhava de ser o mais imundo e o mais saudável de sua geração de sacerdotes. E sabia, pelas absurdas frases de condenação moral que o Cosmopolita pronunciara, que a limpeza imposta a seu velho corpo pelos Pernas-Finas estava afetando seu cérebro. Já era tempo de se fazer alguma coisa.

CAPÍTULO 9

Foi um sábio americano, no século dezenove, quem cunhou o slogan usado com tanto sucesso no invólucro de cada tablete do Feliz HiperSono: "A maior parte dos homens leva uma vida de calma desesperança." Thoreau na certa tinha razão quando observou que a angústia e mesmo a miséria se alimentam nos corações daqueles que estão muito freqüentemente preocupados com exibir uma corajosa demonstração de felicidade; embora a constituição da natureza humana faça com que o contrário também seja verdade e, sob condições comumente encaradas como mais prováveis de criar miséria, um homem possa levar uma vida de tranqüila felicidade.

Os portões da Prisão de St. Albans escancararam-se e deixaram passar um carro. Ele deslizou por baixo da inscrição de alumínio que encimava o portal onde se lia: "Compreender é Perdoar", e se dirigiu para a região da metrópole chamada O Gueto Alegre.

A região era em geral bem conhecida. Seus habitantes chamavam-na Os Demolidores, ou Joburgo, ou Eldorado, ou Parasitópolis, ou, enfim, qualquer coisa que lhes ocorresse, exceto um nome agradável. A área fora estabelecida por um governo suficientemente esclarecido para compreender que alguns homens, mesmo estando afastados intencionalmente do crime, são incapazes de viver dentro da estrutura exata da civilização; o que equivale a dizer que eles não compartilham das metas e dos incentivos da maioria de seus companheiros, o que equivale a dizer que eles não vêem razão para trabalhar das dez às quatro todo santo dia pelo privilégio de manter uma mulher dentro do vínculo matrimonial, e x ou n número de filhos. A essa classe de homens, que conta gênios e neuróticos em iguais proporções (freqüentemente dentro da mesma anatomia), per mitia-se que se estabelecesse no Gueto Alegre, o qual — porque não era supervisionado de nenhuma forma pelas forças da lei — cedo

tornou-se também o antro dos criminosos. Dentro da desastrada quadra onde vivia essa reserva de seres humanos prontos para qualquer parada, formavase uma sociedade singular; ela olhava para o maquinismo monstruoso da vida que mourejava além de seus muros com a mesma mistura de medo e desaprovação moral com que o maquinismo monstruoso a encarava.

O carro da prisão parou no fim de uma ladeira íngreme. Os dois prisioneiros agora em liberdade, Rodney Walthamstone e Tid, seu ex-companheiro de cela, desceram. Logo que o carro mudou de direção e foi-se embora, suas portas, deslizando, se fecharam automaticamente.

Walthamstone olhou em volta, apreensivo.

As respeitáveis casas de boneca, alinhadas melancolicamente de cada lado da rua, arqueavam os ombros magros por trás de cercas sujas, desviando-lhes o olhar da faixa de lixo que começava no lugar de onde eles haviam saído.

Além do terreno baldio, levantava-se o muro do Gueto Alegre. Uma parte do muro era muro; outra parte era formada de pequenas casas velhas, nas quais haviam despejado concreto até as pequenas casas velhas se solidificarem.

— É isso aí? — perguntou Walthamstone.

— É isso aí, Wal. Isso é a liberdade. Podemos viver aqui sem que ninguém nos amole.

A prematura luz do sol, um velho trapaceiro desdentado, deitou suas momentâneas sombras douradas e fragmentadas do outro lado do pouco convidativo flanco do Gueto, do Joburgo, do Paraíso, da Vagabundolândia, da Rua da Gandaia, Marginália. Tid pôs-se a andar, em frente, viu que Walthamstone hesitava, pegou-lhe a mão e puxou-o.

— Eu devia escrever para minha velha tia Flô e para Hank Quilter, e dizer a eles o que estou fazendo — disse Walthamstone. Ele se postava entre a vida antiga e a nova, naturalmente receoso. Embora Tid tivesse a sua idade, era muito mais seguro de si mesmo.

— Você pode pensar nisso mais tarde — disse Tid.

— Havia outros companheiros na astronave.

— Como eu disse a você, Wal, só mesmo um trouxa se deixa alistar para viagens espaciais. Tive um primo, Jack, que foi contratado para Charon; ele ficou empoleirado naquela miserável bola de bilhar, lutando contra os brasileiros. Ora vamos, Wal! A mão encardida apertou o pulso encardido.

— Talvez eu esteja sendo uma besta. Talvez tenha complicado tudo na cadeia — disse Walthamstone.

— Para isso é feita a cadeia.

— Coitada de minha tia, sempre foi tão boa comigo!

— Não me faça chorar. Você sabe que eu também vou ser bom com você.

Desistindo dessa desagradável batalha para se fazer entender, Walthamstone pôs-se a andar como uma alma perdida ante a entrada do Averno. A subida, porém, para esse Averno não era fácil. Não havia portas. Eles subiram a um monte de entulho e lixo em direção às pequenas casas cheias de concreto.

Uma das casas tinha uma porta, que rangeu ao se abrir quando Tid a empurrou. Uma língua de luz solar tocou de leve o lugar, com uma olhadela desconfiada. Dentro, a massa de concreto havia sido escavada numa espécie de lareira com escadas ao lado. Sem dizer mais nada ao amigo, Tid começou a subir; ficando sem opção, Walthamstone seguiu-o. Na obscuridade, a cada lado, Walthamstone viu pequeninas grutas, algumas não maiores do que bocas abertas; e havia quistos e bolhas, e coágulos e manchas, tudo aquilo que se formara no concreto líquido quando ele havia sido despejado direto através dos caibros, engolindo a casa.

A lareira levou-os a uma janela superior, nos fundos. Tid deu um viva e voltou-se para ajudar Walthamstone.

Eles se agacharam no peitoril da janela. O chão descia em declive desde o parapeito, onde ele havia sido estaqueado como um aterro, não com outra finalidade aparente senão a de cultivar uma delicada plantação de medrosa salsa, a grama alta e o amiliro, tal como você gostaria de ver.

Esse campo agreste era dividido por pequenos caminhos, alguns dos quais corriam em volta das janelas superiores das

pequenas casas, enquanto outros desciam até o Gueto. Algumas pessoas já se movimentavam por ali; uma criança de sete anos corria nua, gritando de porta em porta com um chapéu feito de jornal na cabeça. Antigas fachadas medravam da terra, grandiosas, rendadas, com sua patina de sujeira antiga e de sol novo.

— Minha querida e velha favela! — gritou Tid, correndo por um dos caminhos abaixo, com uma espuma de flores à volta dos joelhos.

Hesitando apenas um momento, Walthamstone correu atrás de seu amante.

Bruce Ainson vestiu o casaco com um sutil ar de desespero, enquanto Enid mantinha-se em pé na outra extremidade do hall, olhando-o, com as mãos apertadas uma contra a outra. Ele queria que ela começasse a falar, assim poderia dizer: "Não diga nada!", mas ela não tinha mais nada para dizer. Ele olhou de lado para ela e um vislumbre de compaixão penetrou em sua auto-solicitude.

— Não se preocupe — disse ele.

Ela sorriu, fez um gesto. Ele fechou a porta e se foi.

Fora, pagou dez níqueis no automático da esquina e subiu ao local do tráfego. Abstratamente, atirou-se a uma cadeira móvel, que o ergueu até o nível do direto e o transportou para um dos robôs mônobus. Enquanto ia em alta velocidade para a distante Londres, Bruce pensou na cena que acabara de fazer com Enid, após ficar magoado com as notícias dos jornais.

Sim, ele se comportara muito mal. Portara-se muito mal porque não podia ver, numa crise assim, a forma de se comportar bem. A gente pode ser tão moral, tão bem intencionada, tão bem controlada, tão inteligente, tão inocente quanto possível, que chega o dia em que o o fluxo da vida destrói tudo isso (de algum manancial horrivelmente encoberto, de onde estivera viajando por tempo não-calculado) alguma coisa fétida e desprezível, que tinha

que ser encarada e tinha de subsistir. Por que a gente não haveria de se comportar senão muito mal ante semelhante bestialidade?

Agora o amuo, a débil satisfação do humor, estava passando. Ele o descarregara em Enid. Tinha que se comportar bem perante Mihaly.

Mas a vida tinha que ser um trago tão repelente? De um modo vago, ele reconheceu um dos motoristas que o transportara durante anos de estudos necessários para conseguir seu certificado de Mestre Explorador. Ele esperara encontrar um mundo, escondido, fora do alcance da vista da Terra, nos enigmáticos anos-luz, um mundo de seres para quem a existência diária não fosse um empecilho tão grande para o espírito. Ele queria saber como isso era possível.

Agora parecia como se ele não tivesse nunca mais essa oportunidade.

Atingindo a tremenda nova Outflank Ring, que circulava num elevado nos arredores de Londres, Ainson mudou para um nível de distrito e dirigiu-se para o quarteirão onde Sir Mihaly Pasztor trabalhava. Dez minutos depois, impaciente, ele estava de pé diante da secretária do diretor.

— Duvido que ele possa vê-lo esta manhã, Mr. Ainson, já que o senhor não tem hora marcada.

— Ele tem que me ver, minha querida; por favor, quer me anunciar?

Apertando, indecisa, a ponta da unha de seu dedinho, a garota desapareceu no interior do escritório. Voltou um minuto mais tarde, ficando de lado, sem falar, a fim de introduzir Ainson na sala de Mihaly. Ainson, irritado, passou por ela; ela era o tipo de garota a quem ele tinha tido sempre o cuidado de sorrir e de inclinar a cabeça; a mostra de cordialidade que dera em resposta não passava de fingimento.

— Desculpe se o interrompo, quando é óbvio que você está muito ocupado — disse ele ao diretor. Mihaly não assegurou imediatamente a seu velho amigo de que tudo estava perfeitamente bem. Continuou a caminhar calmamente junto à janela e perguntou:

— O que traz você aqui, Bruce? Como está Enid?

Ignorando a irrelevância dessa última pergunta, Ainson disse:

— Acho que você deveria adivinhar o que me trouxe aqui.

— Seria melhor se você me dissesse.

Tirando um jornal do bolso, Ainson largou-o sobre a escrivaninha de Pasztor.

— Você deve ter visto o jornal. Essa detestável astronave americana, o Gansas, ou como quer que o chamem, parte a semana que vem, a fim de procurar o planeta de origem dos nossos ASEX.

— Espero que eles tenham sorte.

— Você não compreende a absoluta vergonha de tudo isso? Não fui convidado para fazer parte da expedição. Todo dia fico à espera de uma palavra da parte deles. Não veio nada. Certamente deve haver algum engano.

— Acho que é impossível haver enganos num caso destes, Bruce.

— Percebo. Então isso é uma vergonha pública. — Ainson ficou ali, de pé, olhando para o amigo. Seria ele realmente um amigo? Não seria esse um abuso do termo, só porque eles se conheciam há alguns anos? Ainson admirara as várias facetas do caráter de Pasztor, admirara-o pelo sucesso de seus tecnidramas, admirara sua liderança na Primeira Expedição a Charon, admirara-o sempre por ser um homem de ação. Agora, via mais profundamente; via que se tratava apenas de um playboy de ação, uma idéia dramática de um homem de ação, uma imitação que revelava afinal sua bastardia pela calma com que, do seu lugar seguro no Zoo Exótico, ele encarava a derrota do amigo.

— Mihaly, embora eu seja um ano mais velho que você, ainda não estou disposto a aceitar um lugar seguro aqui na Terra; sou um homem de ação, e ainda sou capaz de ação. Acho que posso dizer, sem falsa modéstia, que eles ainda precisam de homens como eu nas fronteiras do universo conhecido. Fui o homem que descobriu os ASEX, e não esqueci isso, caso outros tenham esquecido. Tenho que estar no Gansas quando ele iniciar essa viagem TP, na semana que vem. Você ainda poderia mexer os pauzinhos para me colocar nele, se quisesse. Eu lhe peço — eu lhe suplico para fazer isso por mim, e

juro que não lhe pedirei jamais outro favor. Apenas não posso suportar a vergonha de ser passado para trás num momento vital como este.

Mihaly distendeu o rosto retorcido, dobrou o cotovelo e esfregou o queixo.

— Gostaria de tomar um drinque, Bruce?

— Certamente que não. Por que você sempre insiste em me oferecer um, quando sabe que não bebo?

— Você vai me desculpar se me sirvo. Normalmente, não é hábito meu, a esta hora da manhã. — Enquanto se encaminhava para um par de portas pequenas embutidas na parede, ele disse: — Talvez você venha a se sentir melhor, ou talvez pior, se eu lhe disser que você não está sozinho em sua vergonha. Aqui, no Zoo Exótico, temos também nossas decepções. Não progredimos tanto quanto esperávamos no que diz respeito à comunicação com esses pobres ASEX.

— Pensei que um deles havia começado subitamente a discursar em inglês.

— A discursar, você disse bem. Uma série de frases embaralhadas, com imitações surpreendentemente precisas das várias vozes que originalmente as pronunciaram. Reconheci logo minha própria voz. É claro que temos tudo isso gravado em fita. Mas, infelizmente, esse passo à frente não veio suficientemente a tempo para impedir que o machado caísse sobre nossas cabeças. Recebi ordem do Ministro dos Negócios Extraterrestres para que toda a pesquisa com os ASEX seja engavetada sem demora.

Relutando, embora estivesse se esquecendo de suas próprias preocupações, Ainson estava chocado.

— Pelo universo buzzardiano! Eles *não podem* engavetar a coisa assim sem mais nem menos! Isso. . . temos aqui o fato mais importante que jamais aconteceu na história do homem. Eles. . . eu não compreendo. Eles não podem engavetar o caso.

Pasztor serviu-se de uma pequena dose de uísque e sorveu-a.

— Infelizmente, a atitude do Ministro é bastante compreensível. Estou tão chocado com essa resolução quanto você, Bruce, porém percebo como tudo aconteceu. Não é fácil fazer o público em geral,

ou mesmo um ministro, ver que o negócio de compreender outra raça — ou mesmo decidir de que modo sua inteligência possa ser medida ao lado da nossa — não é algo que possa ser feito em dois ou três meses. Deixe-me colocar a questão claramente, Bruce: você achou que foi relaxado, e se espalhou a suspeita — apenas uma impressão ao vento, não mais — de que também estamos em falta. Essa impressão apenas facilitou um pouco mais a tarefa do Ministro, eis tudo.

— Mas ele não pode parar o trabalho que Bodley Temple e os outros estão fazendo.

— Fui vê-lo à noite passada. Ele acabou com tudo. Esta tarde os ASEX estarão sendo levados para o Departamento de Exobiologia.

— Exobiologia! Por que, Mihaly, por quê? Há uma conspiração!

— Com um otimismo que eu pessoalmente encaro como infundado, o Ministro raciocina assim. Dentro de alguns meses, o Gansas terá localizado mais ASEX — um planeta inteiro cheio deles. Muitas das questões básicas, tais como o quão adiantados são esses animais, serão então respondidas, e na base dessas respostas será possível fazer-se uma nova e muito mais eficiente tentativa de se comunicar com eles.

Uma espécie de tremor tomou o corpo de Ainson. Isso confirmava tudo o de que sempre suspeitara a respeito dos poderes dispostos contra ele. Cegamente, aceitou um cigarro de mescal aceso que Pasztor lhe estendia e tragou seu aroma. Lentamente, seu ponto de vista clareou-se; disse: — Supondo que tudo isso esteja certo, alguma coisa mais deve estar por trás da atitude do Ministro.

O diretor preparou outro drinque.

— Eu mesmo inferi isso, a noite passada. O Ministro me deu uma razão que, quer a gente goste ou não, tem que ser aceita.

— E qual é essa razão?

— A guerra. Estamos muito à vontade aqui; estamos aptos a esquecer esta danificante guerra com o Brasil, que tem se prolongado por tanto tempo. O Brasil capturou o Square 503, e parece que nossas baixas são maiores do que foram divulgadas. O que interessa ao governo agora, mais do que a possibilidade de se

falar com os ASEX, é a possibilidade de que eles não sintam dor. Se há alguma substância circulando em suas artérias que lhes proporciona uma completa analgesia, então o governo quer saber a respeito disso. Obviamente, trata-se de uma arma de guerra em potencial.

— As razões oficiais, portanto, são claras: devemos descobrir como esses seres funcionam. Devemos fazer o melhor uso deles.

Ainson cocou a cabeça. A guerra! Outra loucura! Ela nunca entrara em sua cabeça.

— Eu sabia que isso iria acontecer! Eu sabia! Então eles vão retalhar os nossos dois ASEX — disse ele. Sua voz soava como uma porta rangendo.

— Eles vão retalhá-los da maneira mais refinada. Vão enterrar eletrodos em seus cérebros, a fim de constatar se a dor pode ser induzida. Tentarão um pequeno superaquecimento aqui, um pequeno super-congelamento ali. Em suma, tentarão descobrir se o ASEX livre da dor realmente existe; e, se existe, se isso é gerado por uma natural insensibilidade ou conseguido mediante um anticorpo. Eu protestei contra tudo isso, mas achei melhor ficar calado. Estou tão transtornado quanto você.

Ainson cerrou o punho e brandiu-o vigorosamente junto ao estômago.

— Lattimore está por trás disso tudo. Senti que ele era meu inimigo assim que o vi! Você jamais deveria deixar...

— Oh, não seja idiota, Bruce! Lattimore não tem nada a ver com isso. Você não vê que essa é a espécie de maldita estupidez que sempre acontece quando algo importante está em jogo? É o povo quem tem o poder ao invés de ter o conhecimento para dar a palavra definitiva. Às vezes, realmente, penso que a humanidade é um pouco maluca.

— Todos estão malucos. Não vá engendrar coisas para me impedir de ir no Gamas! Eu descobri esses animais, eu os conheço! O Gansas precisa de mim! E você tem que fazer o que puder, Mihaly, em consideração a um velho amigo. Implacavelmente, Pasztor abanou a cabeça.

— Não posso fazer nada por você. Já lhe expliquei por que eu próprio, temporariamente, não estou em boa maré. Você deve fazer o que pode por você mesmo, como todos nós devemos. Além do mais, há uma guerra em andamento.

— Agora você está usando essa mesma desculpa! As pessoas sempre estiveram todas contra mim, sempre. Meu pai era contra mim. Assim como minha mulher, meu filho — agora você. Pensei que você fosse melhor, Mihaly. É uma vergonha pública eu não estar no Gansas quando ele enfrentar o vácuo, e não sei o que farei.

Mihaly mudou de posição, inconfortavelmente, virou o copo de uísque e fitou a porta.

— Você realmente não devia esperar nada melhor de mim, Bruce. Sinceramente, você sabe que jamais esperou nada melhor de ninguém.

— Por certo, no futuro, não vou esperar. Você não vai querer que um homem fique cultivando a amargura. Meu Deus, o que há realmente para se viver!

Levantou-se, apagando a ponta do cigarro num cinzeiro. — Não posso me imaginar fora disso — disse ele.

Num estado que se aproximava do orgulho, Ainson deixou a sala, forjando ignorar a secretária veladamente interessada. Naturalmente, ele não sabia quão mal deixara Mihaly, aquele pequeno húngaro trapaceiro; isso faria o cara perceber que algumas pessoas sofriam realmente, e não eram apenas pessoas afetadas.

Retrocedeu a uma trilha mais antiga de pensamentos. Você não vai continuar no negócio de sondar novos planetas — com todo o suor e sacrifício que isso exigiu — apenas porque espera encontrar um dia uma raça de seres para quem a vida não era apenas um fardo, como para qualquer pessoa com qualquer tipo de sensibilidade. Não, havia outro lado para essa moeda! Você ia porque a vida na Terra estava tão infernal, porque, para ser muito preciso, viver com outros seres humanos era uma obrigação tão nojenta.

Não que fosse tão maravilhoso a bordo da astronave — aquele bastardo do Bargerone, ele era o culpado de toda aquela encrenca — mas pelo menos na nave cada um tinha a sua posição, seu

posto, e havia regras para se manter isso, e castigo caso isso não fosse mantido. Talvez esse fosse o segredo do espírito do explorador. Sim, talvez essa sempre tivesse sido a sabedoria íntima de todos os outros grandes exploradores! Deslizando, contudo, pelas esferas desconhecidas, elas não ofereciam perigos, como os que se escondem furtivamente no seio dos amigos e da família. São muito melhores os demônios que você não conhece, do que esses que conhecem você!

Bruce dirigiu-se para casa com um aguçado, indignado contentamento. Não pensara ele sempre que as coisas acabariam assim?

Quando o Mestre Explorador deixou o escritório, Sir Mihaly Pasztor esvaziou o copo, pousou-o sobre a mesa e caminhou pesadamente em direção à porta de uma pequena sala contígua. Abriu-a.

Um jovem estava sentado nos braços largos e abertos de uma cadeira, fumando um cigarro de mescal como se fosse comê-lo. Era de constituição esguia, com uma barba bem feita, que o fazia parecer mais velho do que seus dezoito anos. Seu rosto, usualmente inteligente, quando ele o virou agora, numa pergunta muda, para Mihaly, parecia apenas aborrecido e sombrio.

— Seu pai já foi embora, Aylmer — disse Mihaly.

— Reconheci sua voz. Como sempre, parecia muito agitado.

Dirigiram-se ao escritório.

Aylmer apagou o cigarro de mescal no cinzeiro que estava em cima da escrivaninha e perguntou:

— Afinal, o que queria ele? Algo a meu respeito?

— Nada disso. Ele queria que eu o pusesse a bordo do Gansas.

Os olhos de ambos se encontraram. O taciturno rosto jovem começou a sorrir. Juntos, eles irromperam numa gargalhada.

— Tal pai, tal filho! Você não lhe contou, espero, que eu vim fazer exatamente o mesmo pedido?

— Claro que não. Ele já tinha o bastante para se sentir infeliz por um dia. — Enquanto falava, Mihaly dava uma busca minuciosa em sua escrivaninha. — Agora não vá se ofender se eu o ponho

para fora às pressas, meu jovem, mas tenho uma porção de trabalho ainda por fazer. Você está certo de que ainda quer se alistar no Corpo de Exploração?

— Você sabe que sim, tio Mihaly. Sinto que não posso mais ficar na Terra. Meus pais tornaram isso impossível para mim, pelo menos agora. Quero sair pelo espaço, ir embora.

Mihaly sacudiu a cabeça de modo simpático. Ele ouvia os mesmos sentimentos tão freqüentemente, e jamais os desencorajava, senão por outro motivo, porque uma vez ele também pensara da mesma maneira. Quando se é jovem, a gente jamais compreende que não basta apenas "ir embora", — mesmo para a mais distante galáxia — localidades sem fim assediadas pelo eu! Mihaly mostrou alguns documentos em cima da mesa.

— Estes são os diversos papéis de que você vai precisar. Um amigo meu, Bryant Lattimore, do Conselho de Vôo da USGN, deu algumas explicações a David Pestalozzi, que será o capitão do Gansas nesta viagem. Porque seu pai é muito conhecido, achei melhor que você viaje com outro nome. Conseqüentemente, você passará à ser Samuel Melmoth. Espero que não se incomode.

— Por que haveria de me incomodar? Sou muito grato por tudo o que você fez, e não tenho nenhum apego particular pelo meu próprio nome.

Apertou os punhos acima da cabeça e sorriu triunfantemente.

Como é fácil ficar-se excitado quando se é jovem, pensou Mihaly. Como é difícil para a verdadeira amizade brotar entre duas gerações diferentes — a gente-pode se comunicar, porém isso, quase sempre, é como duas espécies diferentes dando sinais uma para a outra por cima de um abismo.

— O que aconteceu com aquela pequena com quem você andou saindo? — perguntou Mihaly.

— Oh, aquela! — Por um momento pareceu voltar seu ar irritadiço. — Um erro total!

— Espero que perdoe a minha curiosidade, Aylmer, mas não foi ela a causa de você ser expulso da casa de seu pai? O que é que vocês dois andaram fazendo que seu pai julgou tão imperdoável?

Aylmer parecia inquieto.

— Vamos lá, você pode muito bem me contar — disse Mihaly com impaciência. — Sou um homem de mentalidade aberta, um homem do mundo, absolutamente nada parecido com seu pai.

— É engraçado — sorriu Aylmer — sempre pensei que em muitas coisas você e papai fossem parecidos. Por exemplo, os dois já viajaram pelo espaço; nenhum dos dois gosta dos higiênicos alimentos sintéticos, e ainda continuam comendo comidas antiquadas, tais como: bem, pedaços de animal cozido. — Aylmer fez um gesto de repugnância e disse: — Mas se isso satisfaz a sua curiosidade, você também pode saber que papai chegou inesperadamente uma noite, de sua última viagem, quando eu estava com minha garota na minha cama. Nós estávamos. . . bem, o que ele viu ali fê-lo perder a calma! Você também se choca com uma coisa dessas?

Olhando para baixo, para a escrivadinha, Mihaly sacudiu a cabeça e disse:

— Meu caro Aylmer, o que me choca é que eu pudesse parecer a você como seu pai. Esse negócio de comida — você não vê como de geração a geração nós estamos ficando cada vez mais e mais divorciados da natureza? Esse desejo por comida sintética é mais um exemplo da necessidade que o homem tem de negar sua natureza animal. Somos uma mistura de animal e espírito, e negar um lado de nossa natureza é empobrecer o outro.

— Os homens da Idade da Pedra usavam o mesmo argumento, eu me atreveria a dizer, contra todo aquele que começasse a cozinhar seu alimento. Mas, agora, vivemos no universo buzzardiano, e devemos pensar de acordo. Você deve ver, tio, que chegamos muito longe em busca de nós mesmos para sermos capazes de argumentar mais sobre o que é "natural" e o que não é.

— Oh? Por que, então, você está sentindo nojo pelo fato de eu comer "pedaços de animal"?

— Porque isso é inerentemente. . . bem, porque isso é apenas repugnante.

— Agora é melhor você ir, Aylmer. Tenho de tratar de mandar meus dois forasteiros para o departamento de vivissecção. Desejo-lhe boa sorte.

— Anime-se, tio, traremos para você mais alguns montes para serem submetidos à experiência! — E com essa impensada palavra de encorajamento, Aylmer Ainson foi colocando os documentos no bolso, acenou com a mão e foi saindo.

CAPÍTULO 10

Vista do espaço numa escala de tempo acelerado, a Terra e sua gente seriam tomadas por um organismo. Ocasionalmente, o organismo tinha uma convulsão. Movendo-se como micróbios ao longo de artérias, os pontos humanos deslizavam por suas pistas de tráfego abaixo e convergiam em vários pontos do globo, até esses pontos começarem a parecer como chagas na epiderme da esfera.

A inflamação parecia crescer, parecia ser uma mera confusão doentia, até que houvesse uma mudança. Os pontos retrocediam a um objeto central, produzindo uma aparência de linhas em ordem. Esse objeto central projetava-se como uma pústula, um tempestuoso promontório da infecção. Em seguida arrebentava, ou parecia arrebentar, e voava para o mundo exterior. Como se desse modo se tivesse alguma pressão intolerável, as pessoas, que se assemelhavam a pontos ao observador cósmico, então se dispersavam, possivelmente para tornar a se juntar depois noutro local de infecção. Entrementes, a pústula expelida da matéria arremessava-se ao mundo exterior — fazendo o olho cósmico safar-se do caminho e atender a seus próprios interesses.

Esta particular pústula de matéria expelida trazia o nome de S. S. Gansas, gravado em letras de berílio com três jardas de altura sobre suas curvas. Uma vez livre do disco do sistema solar, no entanto, o nome tornou-se pouco legível, até para o mais hipotético observador; a nave entrara em vôo TP.

A idéia de transponencial era uma dessas que se agarram às fímbrias da mente do homem desde que ele primeiramente encontrara a fala para se expressar a si mesmo, ou provavelmente antes; certamente que antes, uma vez que era o menos pujante quem sonhava mais fervorosamente com a onipotência. Para ser expressado semanticamente, o vôo transponencial revelava-se

como verdadeiro oposto de uma viagem; permitia que a nave ficasse parada, enquanto o universo se movia na direção desejada.

Ou talvez isso fosse explicado mais corretamente pelo Dr. Chosissy, em seu World Progress Lecture, de 2033, quando ele disse: "Por mais surpreendente que isso deva parecer àqueles dentre nós que se educaram nas certezas cômodas da física einsteiniana, o fator variável nas novas equações buzzardianas prova ser o universo. A distância, diríamos, deve ser extinguida. Reconhecemos, por fim, que a distância é somente um conceito matemático, não tendo existência real no universo buzzardiano. Durante o vôo TP, não é mais possível dizer que o universo cerca a nave estelar. Mais corretamente, deveríamos dizer que a nave estelar cerca o universo." Os antigos sonhos de poder tinham sido realizados, e a montanha vinha obedientemente até Maomé.

De bom grado, alheio à injusta vantagem que ele tinha sobre o universo, Hank Quilter estava contando histórias de sua última licença com seus novos companheiros de viagem.

— Você certamente teve muita sorte, Hank — disse um homem, cujo sorriso permanentemente açucarado lhe tinha granjeado o nome de Honeybunch. — Eu realmente o invejaria por ter essa garota se não achasse que você estava inventando metade dessas histórias a respeito dela.

— Se você não acredita na minha palavra, estou bem preparado para dar-lhe uma surra até que o faça — disse Quilter.

— A verdade pela violência! — disse alguém, rindo.

— Mostre-me uma maneira melhor — respondeu Quilter, retribuindo o sorriso. Desde que o que ele lhes contara continha muito pouco exagero, ele estava contente pelo fato de vê-los duvidando de sua palavra; tivesse mentido e a coisa teria sido diferente.

— Conto a vocês outra coisa engraçada que aconteceu comigo — disse ele. — Um dia antes de chegar à nave, recebi uma carta de um sujeito que estava comigo no Mariestopes, um cara bastante legal, chamado Walthamstone, um inglês. Em sua primeira noite na Terra, ficou bêbado e arrombou uma casa. Os guardas o apanharam

e ele foi para a cadeia. A maneira como ele conta isso dá a entender ao mesmo tempo que ele era um tanto psicótico na época. De qualquer maneira, na prisão ele encontrou uma bicha, e essa bicha levou o velho Walthamstone para o mesmo caminho — fazia nele, vocês sabem, e depois dava para ele! Assim, quando eles foram soltos, Wal foi viver com seu amante em Ghettoville. Agora parece que eles estão praticamente casados!

Quilter caiu na gargalhada só de pensar no caso.

Um barbudo mais moço, que ainda não falara, chamado Samuel Melmoth, disse calmamente:

— Isso não me parece muito engraçado. Todos nós precisamos de amor de alguma espécie, como o provam as primeiras estórias que você contou. Eu antes pensaria que seu amigo merece alguma piedade.

Quilter parou de rir e olhou para Melmoth. Este limpou a boca na mão.

— O que é que você está tentando me dizer, Mac? Eu apenas estou rindo das coisas excêntricas que acontecem às pessoas. E por que Wally iria precisar dessa sua maldita piedade? Ele foi livre para escolher, não foi? Ele podia fazer o que quisesse quando saiu da cadeia, não podia?

Melmoth começou a parecer tão intratável e ofendido quanto seu pai, que levava um nome diferente.

— Pelo que você diz, ele foi seduzido.

— OK, OK, foi seduzido. Agora, me diga se todos nós não fomos seduzidos em uma ocasião ou outra, de uma maneira ou de outra. Isso acontece quando nossos princípios são traídos, não é? Mas se nossos princípios fossem mais fortes, então nós não cederíamos, cederíamos? Portanto, o que aconteceu a Wal é lá da conta dele.

— Mas, se ele tivesse alguns amigos.. .

— Isso não tem nada que ver com amigos, sedutores ou inimigos ou que quer que seja. Isso lhe digo eu. Isso é da conta do próprio Wal. Qualquer coisa que aconteça conosco é de nossa própria responsabilidade.

— Ah, agora a coisa virou um saco de lixo — protestou Honey bunch.

— Vocês estão todos doentes, esse é o problema de vocês — disse Quilter.

— Honeybunch está certo — disse Melmoth. — Todos nós saímos para a vida com mais encrencas do que podemos resolver, por mais que a gente viva.

— Olhe aqui, cara, em primeiro lugar ninguém pediu a sua opinião. Fale por você mesmo — disse Quilter.

— É o que estou fazendo.

— Bem, excelente refrão para abrir a sua boca em meu favor. Agüento minhas próprias chateações em minhas próprias costas, e, além disso, acredito que o homem tem livre arbítrio. Faço o que quero fazer, está percebendo?

Nesse momento, o alto-falante rangeu dentro da vida: "Atenção. Hank Quilter, Rancho N.º 307, Hank Quilter, Rancho N.º 307, venha imediatamente ao escritório do Consultor do Vôo no convés do radar, escritório do Consultor do Vôo no convés do radar. É só."

Resmungando, Quilter pôs-se a caminho, em obediência ao chamado.

O Consultor de Vôo Bryant Lattimore não gostava de seu escritório no convés do radar. Era decorado num estilo moderno que recebia o nome de Estilo Urogânico, com paredes, assoalho e teto ininterruptamente decorados com baixo-relevos de plástico de vários tons. O motivo da decoração representava a superfície de cristais de oxido de molibdênio numa ampliação de 75.000. Havia sido desenhado com a finalidade de colocá-lo em harmonia com o universo buzzardiano.

O Consultor de Vôo Bryant Lattimore gostava de seu trabalho.

Quando ouviu a batida em sua porta, e Hank Quilter entrou, Lattimore apontou-lhe amavelmente uma cadeira.

— Quilter, você sabe por que estamos perfurando o vácuo. Pretendemos descobrir o planeta de origem dos forasteiros, que, creio, são popularmente conhecidos como rinomanos. Minha tarefa específica é formular antecipadamente algumas das linhas de abordagem que podemos usar quando descobirmos esse planeta. Aconteceu agora eu estar percorrendo as listas da tripulação e dar

com seu nome. Você estava no Mariestopes, não estava, quando esse primeiro grupo de rinomanos foi descoberto?

— Senhor, nesse tempo eu estava no Corpo de Exploração. Fui realmente um dos homens que chegou perto dos animais. Atirei em três ou quatro deles quando eles me atacaram. Veja o senhor. . .

— Isso é muito interessante, Quilter, mas você poderia me contar isso mais devagar?

Quilter contou sua estória com elaboradíssimos detalhes, enquanto Lattimore ouvia e olhava para os cristais de molibdênio, dentro dos quais estava aprisionado, e sacudia a cabeça e intermitentemente tirava uma partícula de muco ressecado de dentro de uma de suas narinas.

— Você está certo de que esses animais o atacaram? — perguntou ele, tirando os óculos, a fim de fitar Quilter.

Quilter hesitou, examinou Lattimore, e decidiu pela verdade, como ele a via.

— Vamos dizer que eles vieram em nossa direção, senhor. Então nós atiramos, sem consultar primeiro o comitê.

Lattimore sorriu e tornou a colocar os óculos.

Quando despachou Quilter, Lattimore apertou uma campainha e Mrs. Hilary Warhoon entrou. Ela parecia muito bem numa saia rodada com pregas-macho e reentrâncias encarnadas; o brilho de seus olhos mostrava toda a satisfação que sentia por estar solta no grande universo buzzardiano.

— Quilter tinha alguma coisa de interessante para dizer? — perguntou ela, sentando-se perto de Lattimore.

— Só por distração. Ele tem lido o noticiário e, aparentemente, sua atitude é a dos civilizados: a de que não sabemos muito a respeito dos rinomanos, como ele os chama, e que nós lhes conferimos o benefício da dúvida, até que descubramos se eles são ou não são uns porcos ilustres. Mas, dentro de si, e não muito dentro de si, ele sabe que esses animais não passam de caça de grande porte e que devem ser caçados como tais, porque ele atirou neles como se se tratasse de caça. Você sabe, mesmo se o negócio revelar que eles são brilhantes pensadores e tudo o mais, nosso relacionamento com eles vai ser muito difícil.

— Sim. Porque, se eles são pensadores brilhantes, o pensamento deles vai ser completamente diferente do nosso.

— Certo! E não é só isso. Filósofos que vivem na lama não vão ter muito sucesso na Terra; o povo sempre se impressionou muito mais com lama do que com filósofos.

— Felizmente o que o povo pensa não nos afeta aqui.

— Você acha que não? Com os diabos, você é a cosmeclética Hilary, mas já estive antes em viagens TP, e conheço uma estranha regra psicológica a bordo. É como uma versão exagerada do Mandalay, de Kipling.. . Como é mesmo? "Deixe-me em algum lugar a leste de Suez, onde o melhor é igual ao pior, onde não existem os Dez Mandamentos..." O melhor é muito parecido com o pior quando você apeia num planeta situado sob outro sol, Hilary. E você sente isso — bem, isso é uma espécie de irresponsabilidade — você sente que pode fazer o que bem entender porque ninguém na Terra julgará você por isso; enquanto que, ao mesmo tempo, "o que você bem entender" é naturalmente parte do que o povo da Terra gostaria de fazer, se tivesse licença para tanto.

Mrs. Warhoon bateu quatro dedos flexíveis sobre a mesa.

— Você faz a coisa parecer muito sinistra.

— Com os diabos, as exigências irracionais do homem são sinistras. Não pense que estou generalizando. Tenho visto essa disposição apossarse do homem com muita freqüência. Foi provavelmente uma assim que anulou Ainson. E eu a sinto em mim mesmo.

— Agora receio não estar entendendo o que você quer dizer.

— Não se mostre tão ofendida. Eu poderia sentir que o seu Quilter realmente se divertia atirando em nossos amigos. A emoção da caça! Se eu visse um punhado deles tolhidos de frio na estepe nem eu me importaria de dar um tiro.

A voz de Mrs. Warhoon ficou ligeiramente fria.

— O que você pretende fazer se encontrarmos o planeta de origem dos ASEX?

— Você sabe o que pretendo fazer: agir de acordo com a lógica e a razão. Esta expedição é para negócios, não para divertimento.

Mas também estou ciente de que há uma parte de mim dizendo: Lattimore, esses animais não sentem dor; como pode alguma coisa ter espírito ou alma ou ser inteligente ou apreciar algum inimaginável equivalente dos poemas de Byron ou da Segunda Sinfonia de Borodine se não sofrer? E digo para mim mesmo: Quaisquer que sejam os dons que eles tenham, se não sentem dor, então estão para sempre além do alcance da minha compreensão.

— Mas esse é exatamente o desafio, isso é o que estamos tentando compreender, isso.. . — Ela parecia atraente com suas mãos cerradas.

— Sei tudo isso. Mas você está falando comigo com a voz do intelecto — disse Lattimore, jogando-se para trás em sua cadeira. Era divertido bombardear Hilary com toda essa questão masculina. — Eu também ouço uma espécie de voz de Quilter, a vox populi, um grito não somente do coração, mas das entranhas. Ela diz que quaisquer que sejam os talentos desses cretinos, eles são menores do que o dos búfalos ou das zebras ou dos trigres, e o primitivo não perde tempo em me atacar exatamente como atacou Quilter, e eu sinto vontade de atirar neles.

Ela agora tinha oito dedos de rubi, pontudos, batucando sobre a mesa, porém se controlava para entender o rosto, a risada de Lattimore.

— Você está fazendo um jogo intelectual com você mesmo, Bryant. Estou certa de que mesmo o torpe do Quilter pediria desculpas pelo que fez. Portanto, até ele se sente culpado por suas ações; você, sendo mais inteligente, pode saborear sua culpa de antemão, e portanto controlar-se.

— A leste de Suez, um homem inteligente pode encontrar mais desculpas para si mesmo do que um cretino.

Percebendo que ela estava contrariada, Lattimore abrandou-se.

— Como você diz, talvez eu esteja fazendo um jogo comigo mesmo. Ou com você.

Lattimore pousou uma mão sobre os dedos dela, tão carinhosamente como se fossem cristais de molibdênio. Ela retirou-os.

— Gostaria de mudar o tópico da conversa, Bryant. Tenho uma
su

gestão que penso será proveitosa. Você acha que é capaz de me
arranjar um voluntário?

— Para quê?

— Para ser abandonado num planeta estranho.

Desamparado no estranho planeta chamado Terra, o terceiro Politano, chamado Blug Lugug, estava num terrível estado de confusão mental. Ele havia sido preso a um banco com uma série de tiras fortes de lona que passavam sobre o que restara de seu corpo. Fios elétricos e cabos saíam de máquinas que permaneciam silenciosas ou gargarejavam de um lado da sala e penetrando em seu corpo ou em seus vários orifícios. Um cabo em especial saía de um instrumento em especial manejado por um homem em especial; o homem estava vestido com uma espécie de roupa branca, e quando movimentava uma manivela com a mão, algo sem sentido acontecia no cérebro do terceiro Politano. Essa coisa sem sentido era mais terrível do que qualquer coisa a respeito de cuja existência o terceiro Ajudante estivesse inteirado. Agora ele via como estava certo o Cosmopolita Sagrado quando usara o termo *mau* para descrever aqueles PernasFinas. Ali era *mau mau mau*: aquilo se erguia à sua frente inflexível, forte e higiênico, e corroía a sua inteligência pedaço por pedaço.

A coisa sem sentido volta novamente. Uma goela aberta onde havia alguma coisa crescendo, alguma coisa agradável, lembranças ou promessas, quem sabe, mas algo para jamais ser substituído.

Um dos Pernas-Finas falou. Sobretudo com suspiros, o Politano imitou o que tinha sido dito: "Nenhumareaçãoneural aí/tampouco. Ele/ não possui/nenhumareaçãododorem/seu/corpotodo!

O Ajudante apegava-se ainda à noção de que quando compreendessem que ele podia imitar a fala deles, seriam suficientemente inteligentes para parar com as coisas que estavam fazendo. O que quer que eles já tinham removido dois de seus membros com um serrote — e pequenas mentes, eles imaginavam que estavam fazendo, estava estragando a oportunidade de ele

entrar no estágio de putrefação; visto que eles já tinham removido dois de seus membros com um serrote — com o canto de seus olhos enevoados ele olhava para o caixão no qual eles o haviam colocado — e já que não havia ali pés de ampes, a possibilidade de ele continuar os ciclos do ser era remota. Nada se defrontava com ele.

O Politano gritou uma imitação do que eles diziam, mas, esquecendo as limitações deles, elevou a voz até seu nível mais alto. Os sons saíram distorcidos; seus orifícios foram obstruídos com minúsculos instrumentos que pareciam sanguessugas.

Ele sentia necessidade do conforto do Cosmopolita Sagrado, seu venerado pai-mãe. O Cosmopolita, porém, havia ido embora, sem dúvida no mesmo gradual desmembramento. Os *grorgs* haviam ido embora; ele captou seus gritos quase supersônicos, respondendo para ele, em forma de lamento, de uma parte distante da sala. Em seguida, o algo-sem-sentido precipitou-se novamente sobre ele, de modo que ele não pôde mais ouvir — mas o que era aquilo que ele tinha sido capaz de... sido capaz de quê? Alguma coisa mais havia ido embora.

Em sua vertigem, ele viu que uma nova figura juntara-se às figuras de branco. Em sua vertigem, pensou reconhecer a nova figura. Era — ou era muito parecida — a figura que havia executado o ritual do estercamento, pouco tempo atrás.

Agora a figura gritava algo, e através da crescente vertigem o Politano tentou gritar repetindo a mesma coisa, a fim de mostrar que ele o reconheceria:

"Não posso ficar olhando você fazer algo que jamais deveria ser feito!"

O Pernas-Finas, porém, se é que se tratava de quem ele pensava, não deu sinal de reconhecimento. Ele cobriu a parte frontal da cabeça superior com as mãos e saiu rápido da sala — quase como se...

A coisa-sem-sentido tornou a voltar, e as figuras de branco, todas, olharam avidamente para seus instrumentos.

Inclinado para trás, até seus pés ficarem no nível da cabeça, o diretor do Zoo Exótico deitara-se num sofá terapêutico e sugava uma mistura de glicose através de um bocal. Ele estava sendo acalmado por um jovem, agora membro do Corpo de Exploração, com certificado de Explorador, que uma vez fora treinado no zoológico sob sua direção. Gussie Phipps, que voara de Macau, dava-lhe assistência.

— O senhor não está tão forte como era, Sir Mihaly. Deveria mudar para os alimentos sintéticos — eles são melhores para o senhor. Quantas vivissecções o senhor mesmo executou?

— Eu sei, eu sei, você não me precisa me lembrar. Era apenas o olhar daquele pobre animal ali, em cima da pedra, sendo retalhado lentamente em pequenos pedaços e não demonstrando nada perceptível como dor ou medo.

— Ainda bem que foi assim!

— Céus, sei que isso é bom! Contudo, ele estava tão amaldiçoadamente irressentido! Tive a impressão, por um momento, de que eu estava assistindo em pré-estréia o modo como o homem tratará qualquer oposição inteligente que encontre lá fora. — Executou um gesto vago em direção ao teto decorado. — Ou, talvez, eu queira dizer que sob a etiqueta científica da mesa da vivissecção eu ouço os tambores selvagens do homem primitivo, ainda batendo como loucos para uma sessão de sangria. O que é que o homem está tramando, Gussie?

— Semelhante explosão de pessimismo é rara no senhor. Estamos saindo da lama, saindo do lodo primevo, saindo do estado animal para o espiritual. Temos um longo caminho a trilhar, mas. . .

— Sim, essa é uma resposta que muitas vezes eu dei a mim mesmo. Não devemos ser muito agradáveis agora, mas seremos mais agradáveis em algum tempo futuro não especificado. Mas isso é verdade? Não deveríamos ter permanecido na lama? A lama não seria mais sadia, mais saudável? E não estamos nós apenas nos dando desculpas para prosseguir avante, como sempre demos? Pense em quantos ritos primitivos ainda estão conosco sob um tênue disfarce: vivissecção, casamentos, cosméticos, caçadas,

guerras, circuncisão — não, não quero pensar em mais nada. Quando damos um passo avante — é numa direção horrivelmente falsa — como a moda da comida sintética, inspirada na loucura do sistema dietético do século passado e no pânico da trombose. Já é tempo de me aposentar, Gussie, de ir embora, enquanto não estou com muita idade, de partir para um clima mais simples, onde brilhe o Sol. Sempre acreditei que a quantidade de pensamento que existe dentro da cabeça de um homem está em proporção inversa à quantidade de luz solar que existe fora dela.

O globo da porta soou.

— Não estou esperando ninguém — disse Pasztor, com uma irritabilidade que raramente demonstrava. — Vá e veja quem quer me ver, Gussie, e mande-o embora. Quero que você me conte tudo sobre Macau.

Phipps desapareceu para retornar com Enid Ainson, chorando.

Apertando com momentânea selvageria a extremidade do bocal por onde passava a glicose, Pasztor ajeitou-se numa posição menos relaxada e tirou uma perna para fora do sofá terapêutico.

— Trata-se de Bruce, Mihaly! — gritou Enid. — Bruce desapareceu! Tenho certeza de que ele se afogou! Oh, Mihaly, ele tem estado tão difícil! O que posso fazer?

— Quando você o viu pela última vez?

— Ele não podia suportar a desgraça de se ver afastado do Gansas. Sei que ele se afogou. Ele ameaçou fazer isso muitas vezes.

— Quando você o viu pela última vez, Enid?

— O que vou fazer? Eu preciso contar para o pobre do Aylmer!

Pasztor levantou-se da cama. Beliscou o cotovelo de Phipps, enquanto caminhava em direção à tecnivisão.

— Teremos que conversar sobre Macau em outra ocasião, Gussie — disse Pasztor.

Começou a tecnivisar a polícia, enquanto Enid chorava de um modo sistemático atrás dele.

Bruce Ainson já estava uma bela distância à frente do alcance da polícia da Terra.

No dia seguinte em que o Gansas fora lançado no espaço, iniciavase outro vôo com muito menos publicidade. Saindo de um pequeno porto espacial de operações na costa leste da Inglaterra, uma nave-sistema iniciava sua longa viagem através da eclíptica. As naves-sistemas eram uma espécie de naves espaciais totalmente diferentes das naves estelares. Não possuíam propulsão TP. Elas se abasteciam de um combustível baseado em íons, e consumiam a maioria de sua carga enquanto viajavam. Eram construídas para tarefas apenas dentro do sistema solar, e atualmente a maioria das que deixavam a Inglaterra eram embarcações militares.

A I. S. Brunner não era exceção. Era uma nave de transporte, carregada inteiramente com reforços para a guerra anglo-brasileira em Charon. Entre esses reforços estava um indivíduo perturbado, envelhecido e sem importância, chamado B. Ainson, que havia sido recrutado como funcionário.

Esse proscrito soturno da família solar, Charon, conhecido geralmente pelos soldados como o Planeta Supergelado, fora descoberto telescopicamente pelo Observatório Lunar de Wilkins-Pressman, quase que duas décadas antes de ser visitado pelo homem. A Primeira Expedição a Charon (na qual estava um jovem e brilhante dramaturgo e biólogo húngaro chamado Mihaly Pasztor) descobriu ser ele o pai de todas as bolas de bilhar, um globo aproximadamente de três mil milhas de diâmetro (30.007.558 milhas, de acordo com a última edição do *Manual Militar* brasileiro, e 30.009.657 milhas de acordo com seu equivalente britânico). Esse globo não tinha características, sua superfície era de textura lisa, de cor branca, escorregadia, e quase que sem propriedades químicas. Era dura, mas não extremamente dura. Podia ser furada com perfuratrizes de alta velocidade.

Dizer que Charon não tinha atmosfera era inexato. Sua superfície branca e lisa era a atmosfera, eliminada pelas longas e indescritivelmente cansativas eras durante as quais Charon, um necrotério móvel sem o benefício dos ossos, rolava seu volume em torno de sua órbita, conectada pelo que mal parecia ser mais do que coincidência com uma estrela de primeira grandeza chamada

Sol. Quando a atmosfera foi averiguada e analisada, descobriu-se que ela consistia numa mistura de gases neutros, acondicionada numa forma desconhecida e não reproduzível nos laboratórios da Terra. Mais ou menos abaixo dessa superfície, indicaram os relatórios sismográficos, estava a verdadeira Charon: um coração rochoso, destituído de pulsação, duas mil milhas de um lado a outro.

O Planeta Supergelado era um lugar ideal para as guerras.

A despeito de seu excelente efeito nos negócios, as guerras têm um efeito deletério sobre o corpo humano; portanto elas se tornaram, durante a segunda década do século vinte e um, codificadas, reguladas, arbitradas, tão sujeitas à perícia quanto um jogo de beisebol ou tão sujeitas à lei quanto o depoimento ante a mesa de um juiz. Porque a Terra estava muito povoada, as guerras foram banidas para Charon. Lá o globo havia sido demarcado com tremendas linhas de latitude e longitude, como um tabuleiro celeste.

A Terra não estava de jeito algum inclinada à paz. Em conseqüência, era freqüente haver listas de espera por espaço em Charon, listas que consistiam principalmente em nações beligerantes que desejavam reservar regiões pelos lados do equador, onde a luz para as batalhas era consideravelmente melhor. A guerra anglo-brasileira ocupava os setores 159-260, adjacente ao atual conflito javanês-guineense, e que se arrastava desde o ano 1999. Era chamado o Conflito Contido.

As regras do Conflito Contido eram muitas e intrincadas. As armas de destruição, por exemplo, eram rigidamente definidas. E certas escalas sociais altamente qualificadas — que podiam provocar abusos — eram proibidas em Charon. As penalidades pelo rompimento dessas regras eram muito altas. E, apesar de todas as precauções que eram tomadas, as baixas entre combatentes também eram inúmeras.

Em conseqüência, Charon precisava da flor da juventude inglesa, para não se dizer nada dos botões de floração mais tenra; Bruce Ainson tirara vantagem desse fato ao alistar-se como um homem sem escala social, a fim de escapar calmamente da opinião

pública. Um século antes ele, provavelmente, teria se alistado na Legião Estrangeira.

Enquanto a pequena propulsão a íons, transportando tropas, lançava-o agora nas dez horas-luz que separavam Charon da Terra, ele teria refletido com desrespeito na loquaz observação de Sir Mihaly Pasztor, de que a quantidade de pensamento na cabeça de um homem está em proporção inversa à quantidade de sol fora dela. Ele teria refletido assim, se o Brunner permitisse alguma reflexão entre os homens apertados em seu convés desde o nariz até a cauda; Ainson, porém, juntamente com todos os seus companheiros, desceu no Planeta Supergelado, profundamente gelado.

CAPITULO 11

Se você fosse um intelectual — uma das maneiras de você provar que não é um intelectual seria perambular para cima e para baixo pelo convés de observação com as mangas de sua túnica dobradas desleixadamente até os cotovelos. Você poria um dos novos e compridos cigarros de mescal com ponta de cortiça entre os lábios e perambularia para cima e para baixo, rindo entusiasticamente de suas próprias piadas ou das de seu companheiro. Dessa forma, os homens alistados, que vinham até aqui em cima para dar uma olhada no universo, podiam constatar por eles mesmos que você era humano.

O ingrediente falho nesta prescrição, pensou Lattimore, era seu atual companheiro Marcel Gleet, o segundo oficial de Navegação. Teria constituído um solecismo maior, quase que um solecismo solar, rir do que Gleet dizia. Gleet era casado a sério e seu casamento se parecia mais com um funeral.

— ...poderia parecer uma substancial possibilidade — estava ele dizendo — que o agrupamento de estrelas, cujas coordenadas acabei de mencionar, seja o planeta de origem de nossas espécies forasteiras. Há seis estrelas nesse agrupamento que possuem entre elas cerca de quinze planetas em órbita. Eu estava falando com Mellor, de Geocred, na última guarda e ele deduziu que seis deles são, provavelmente, do tipo da Terra.

Ninguém, por certo, iria rir de uma coisa dessas, pensou Lattimore, embora houvesse vários membros da tripulação em torno do convés, não poucos deles rindo — principalmente pela comunicação de Mrs. Warhoon, que estava presa bem à vista no principal quadro de avisos.

— Uma vez que todos esses seis planetas do tipo da Terra — continuou Gleet — estão a dois ou três anos-luz de Clementina, eles pareceriam constituir uma área razoável para prosseguir nossa busca. Outra vantagem é que todos os seis corpos estão a alguns

dias-luz uns dos outros, imensa vantagem no que se refere a vôos de prontidão.

Pelo menos um risinho de concordância precisaria ser inserido aqui.

Gleet continuou seu discurso, porém a campainha de um relógio lembrou-o da razão pela qual tinha ido lá em cima, ao convés de observação, e dirigiu-se para o posto de navegação. Lattimore voltou-se para uma das amplas portinholas ovais e olhou atentamente para a quilha da nave, enquanto ouvia os comentários de um grupo de três homens atrás dele.

— Contribuição para o futuro da humanidade! Dessa eu gosto!
— exclamou um deles, lendo o aviso.

— Sim, mas veja que depois que apelam para a sua natureza superior, eles se protegem, oferecendo a você uma pensão vitalícia
— disse um dos companheiros.

— Teria que ser um prêmio bem mais alto do que esse para eu deixar que me abandonassem num planeta estranho por cinco anos
— disse o terceiro.

— Até eu contribuiria, só para me livrar de você — disse o primeiro.

Lattimore aprovou com a cabeça a sua reflexão fantasmagórica, enquanto a antiga forma de pilhéria através do insulto prosseguia seu curso profetizável. Frequentemente, ele se espantava com esse método aceito de agressão verbal, que passava por sagacidade; sem dúvida, essa era uma forma de sublimar a aversão de um homem pelo companheiro; o que mais poderia ser? Ele não estava absolutamente perturbado pelos comentários feitos ao aviso de Mrs. Warhoon; frígida ela podia ser, mas ele achava que a idéia dela havia sido boa; porque havia muitas variedades de homens, sua notificação poderia eventualmente frutificar.

Lattimore fitou o universo, que o Gansas, de um modo buzzardiano, estava atualmente rodeando. Contra uma escuridão uterina, postava-se uma quantidade de reticentes e imprecisas barreiras de luz. Era como a múltipla visão que uma mosca tem de um pente, carecendo de definição e constituindo uma afronta ao nervo ótico.

Porém, como salientavam os cientistas, o nervo ótico humano não estava ajustado à realidade. Como a verdadeira natureza do universo só podia ser vislumbrada através das equações transponenciais, seguir-se-ia que essa imprecisa grelha (que fazia a gente se sentir, pensando bem, como um minúsculo crustáceo preso à barbatana de uma baleia azul) era precisamente o que as estrelas "realmente" pareciam. Platão, refletiu Lattimore, deverias estar vivo neste momento! Lattimore se voltou e deu um jeito de endereçar também seus pensamentos para longe, rumo à comida.

Digam o que quiserem, mas não havia nada como um bom cozido sintético para provocar o armistício entre o homem e seu universo.

— Mas, Mihaly — estava dizendo Enid Ainson — durante anos, Mihaly — desde que Bruce me apresentou a você, eu pensei que você sentia uma secreta atração por mim. Quero dizer, pelo jeito como você me olhava. E quando você concordou em ser padrinho do Aylmer — bem, quero dizer, você sempre me deixou pensar que. . . — Ela apertou uma mão contra a outra. — E você estava apenas se divertindo ...

Mihaly se empertigou muito formalmente, um rochedo contra a onda de seu pathos.

— Talvez eu sempre tenha tido uma atitude naturalmente cavalheiresca para com as senhoras, Enid, mas você deu demasiada importância a isso. O que posso fazer é agradecer profundamente por sua sugestão, tão lisonjeira, mas, para dizer a verdade. . .

Súbito, ela sacudiu bruscamente a cabeça. Ela havia provado o suficiente da maçã da humilhação; já era tempo de se zangar. Imperiosamente, Enid gesticulou para ele.

— Não precisa dizer mais nada. Só lhe direi que foi por pensar em você, por imaginar a sua afeição. . . quantas vezes eu fui louca de pensar que era somente sua amizade com Bruce que o impedia de fazer avanços em relação a mim! — sua afeição de mentira foi o único fator que me manteve com o juízo são durante todos esses impossíveis últimos anos. . .

— Ora, tenho certeza de que está exagerando. . .

— Eu estou falando! Percebo agora que todas as suas graças e afetações, que todo esse falso glamour húngaro, que você usa, tudo isso não significa coisa alguma. Você não passa de um cínico, Mihaly, um romântico que não gosta de romances, um. . . um mulherengo que tem medo de mulher. Adeus, Mihaly, e que o diabo o carregue! Por causa de você, perdi tanto meu marido como meu filho.

A porta bateu atrás dela.

Eles estavam conversando no hall. Mihaly passou as mãos pelo rosto afogueado. Sentia-se abalado. Desviou os olhos da própria imagem refletida no espelho.

O mais terrível era que, sem ter o menor interesse físico por Enid, ele admirava seu espírito e, sabendo que homem difícil era Bruce quando fazia cenas, ele realmente a encorajara com calorosos olhares e ocasionais apertos de mão — apenas para lhe demonstrar que alguém era capaz de ver suas virtudes. Ah, cuidado, muito cuidado com a piedade!

— Querido, ela já se foi?

Mihaly ouviu a miúda e excitada voz de sua amante vindo da sala de estar. Sem dúvida alguma, ela estivera bisbilhotando sua cena com Enid. Sem maldade, ele foi ouvir o que ela tinha para dizer sobre tudo aquilo. Não havia dúvida de que a encantadora Ah Chi, depois de suas férias de pintura no Golfo Persa, ou onde quer que ela tivesse estado, seria horripelantemente inquisitiva a respeito de todo o incidente.

Havia passado apenas um quarto de hora desde que Bryant Lattimore se sentira como um minúsculo crustáceo, e Mrs. Warhoon já havia conseguido um voluntário. A descoberta arremessou-a em alvoroço para o interior da faixa de cristal de molibdênio. Lattimore agarrou calmamente a oportunidade para apossar-se dela pelos braços roliços.

— Fique quieta, Hilary! Detesto ver uma bela cosmeclética assim agitada. Você queria um voluntário, você o conseguiu; agora vá em frente e lhe passe a conversa-fiada.

Mrs. Warhoon se libertou, embora não sem ficar apetitosamente perturbada. Como eram brutos e fortes os homens! Só o céu sabia o que aquele ali faria quando metaforicamente descesse a leste do Suez na próxima volta ao planeta. Bem, pelo menos uma mulher tinha suas próprias defesas: ela sempre podia dar-se por vencida.

— Trata-se de um voluntário especial, Mr. Lattimore. O nome Samuel Melmoth não lhe diz nada?

— Absolutamente nada. Não, espere! Sim, bolas! É o filho de Ainson! Você quer dizer que ele se apresentou como voluntário?

— Ele fez tudo para se tornar impopular lá embaixo, nos alojamentos e, em consequência, tornou-se um anti-social. Um amigo dele, chamado Quilter, deu-lhe um soco no olho.

— Quilter de novo, hein? Provavelmente, uma vocação para líder. Preciso falar com o capitão a respeito dele.

— Eu gostaria que você viesse comigo e ficasse a meu lado enquanto dou instruções para esse jovem Ainson, se você não está muito ocupado.

— Hilary, ficarei a seu lado a qualquer hora.

O estilo Ur-Orgânico (como todos os rótulos em matéria de movimentos de arte, o nome era inexato quanto à questão de inexpressividade) perpetrara uma irritante extravagância no escritório de Mrs. Warhoon. Ela e Lattimore entraram no interior de um coração de papagaio. Numa ampliação de 200.000, o tecido fibroso se espalhava e se emaranhava em baixo-relevo por todo o teto e assoalho, assim como pelas paredes. No meio disso, sozinho, com um olho pisado, sentava-se Aylmer Ainson, cuja cabeça não se distinguia contra uma galáxia do estriado músculo aórtico. Ele se pôs de pé quando Mrs. Warhoon e Lattimore entraram.

Pobre diabo, pensou Lattimore. A senhora aqui deve estar um pouco alta para concluir que algo tão simples quanto um soco no olho iria fazer esse garoto querer ser abandonado num planeta estranho. Sua história toda — e a história de seus pais e, portanto, a história dos pais deles, e portanto retrocedendo até aqueles primeiros infelizes iludidos que decidiram que a vida animal não era bastante boa para eles — tudo levou a esta atitude da parte dele; o

olho preto foi apenas uma desculpa. E quem diria, quem podia ser um deus do tamanho de uma mosca para perceber tudo isso, que a desculpa era acidental? Talvez o pobre garoto tivesse que provocar a briga para reafirmar a si mesmo que o mundo exterior era quem o agredia.

Em algum lugar, pensou Lattimore (mas com tanta complacência quanto trepidação, como entendia ele), minha educação tomou o caminho errado, ou eu não diagnosticaria tanto significado nesse orgulho canino com que esse garoto ficou de pé para nós.

— Sente-se, Mr. Melmoth — disse Mrs. Warhoon numa voz agradável, que Lattimore achou desagradável. — Este é o Consultor de Vôo, Mr. Lattimore. Ele conhece tanto quanto qualquer um os problemas de comunicação que vai enfrentar, e pode lhe dar sugestões sobre o assunto.

— Como está, senhor? — disse o jovem Ainson, sorrindo em volta de seu olho inchado.

— Em primeiro lugar, as linhas gerais do quadro — disse Mrs. Warhoon, escolhendo uma frase de publicidade com cativante autoconsciência — apenas para deixá-lo informado — como dizem. Quando sairmos do vôo TP, estaremos num agrupamento de estrelas que conta, pelo menos, com quinze planetas, seis dos quais, a julgar por um remoto sobrevivente tecnivisual conduzido pelo Mariestopes, possuem atmosferas do tipo da Terra. Nossos alienígenas, como sabe, foram encontrados ao lado de um veículo espacial — se pertencia a eles ou a uma espécie desconhecida, esperamos determinar isso logo. Isso porém sugere que poderíamos encontrar vôos espaciais estabelecidos nesse agrupamento. Nesse caso, precisaremos inspecionar todos os planetas habitados. Estava planejado, antes de deixarmos a Terra, que no primeiro planeta instalaríamos um posto de observação sem homens. Depois disso, no entanto, tive uma idéia adicional, que o capitão Pestalozzi concordou em me deixar levar avante.

— Minha idéia é simplesmente deixar um voluntário no posto de observação. Uma vez que lhe fornecêssemos provisões e comida sintética, e os nativos, como sabemos pelos espécimes que temos

em cativeiro, não são hostis, esse voluntário estaria a salvo de qualquer perigo. Como vemos agora, o senhor concordou em ser esse voluntário.

A salvo naquele inflado coração de papagaio, todos eles sorriram uns para os outros.

Mas — perguntou a si mesmo Lattimore — ele não detectou, mentira nas palavras de Mrs. Warhoon? Quem sabe, todavia, que diabo esses rinomanos podem criar em sua própria terra, quem sabe se lá não há alguma espécie de fazendeiro devorador de homens, que usa os rinomanos tão cobiçosamente quanto nós usamos o aperfeiçoado porco dinamarquês da raça Landrace? E, naturalmente, a velha pergunta lattimorônica: quem sabe que diabos esse moderno Santo Antão criará para si mesmo em seus estranhos ermos? Nós não podemos nos livrar desta tempestade, mas outros podem.

— E, naturalmente, cuidaremos de que esteja bem armado — disse ele, ciente do olhar de Mrs. Warhoon, que viu isso como uma pequena traição.

Comprimindo os lábios, ela voltou-se para Ainson.

— Agora, o que esperamos que o senhor faça. Esperamos que aprenda a se comunicar com os forasteiros.

— Mas, se o peritos não o conseguiram na Terra, como é que espera que eu...

— Treinaremos o senhor, Mr. Melmoth. Temos ainda nove dias inteiros de viagem, antes de desligarmos o TP, e se pode aprender muito nesse tempo. Na Terra, essa teria sido uma tarefa impossível, que estava sendo tentada; no planeta de origem dos alienígenas, porém, como podemos encará-los em seu próprio contexto, a tarefa será muito mais fácil. Na verdade, os alienígenas deverão ser muito mais comunicativos em seu meio ambiente. Achamos que, provavelmente, as maravilhas da Terra, o tamanho de nossas naves estelares, e tudo o mais, devem ter paralisado em parte as reações deles.

— Como deve saber, tínhamos seis corpos de alienígenas, nos quais foram feitas meticulosas dissecações. Nossos espécimes eram de diferentes idades, alguns jovens, outros velhos. Pela análise de

seus tecidos ósseos, achamos que eles devem atingir idades de cerca de centenas de anos; sua insuscetibilidade à dor tende a apoiar essa teoria. Se isso é assim, então seguir-se-ia que eles teriam uma infância prolongada.

— Agora passo para a questão seguinte. O tempo de aprendizado de qualquer espécie está situado nos primeiros dias, quando ainda se é bebê, e onde quer que formos na galáxia sempre encontraremos aplicada a mesma regra. Na Terra, as crianças que por qualquer infortúnio não aprendem a falar, estarão muito velhas aos vinte ou trinta para aprender. Isso já foi provado muitas vezes, por exemplo, na Índia, com bebês que foram criados por macacos ou lobos. Uma vez passado o período da infância, eles passaram do tempo de adquirir o dom da fala.

— Assim, raciocinei, Mr. Melmoth, que a única época em que os alienígenas poderiam ser capazes de aprender uma língua seria durante seus primeiros anos. Será seu trabalho viver tão perto quanto lhe for possível de um alienígena na mais tenra idade.

— Pode ser — não o negamos — que isso evidencie a impossibilidade de nos comunicarmos com esses animais. A prova, porém, tem de ser conclusiva. Depois que o deixarmos, iremos investigar os outros planetas do agrupamento; sem dúvida capturaremos um grupo de forasteiros e o levaremos para a Terra, ou então estabeleceremos uma base num dos outros planetas, isso porém terá que esperar pelas condições locais. Entrementes, o senhor será meu projeto número um.

Por um momento, Aylmer não disse nada. Estava pensando. De fato, estava pensando a respeito dos ventos da oportunidade e de como eles sopravam ao acaso. Há apenas alguns momentos ele estava tão profundamente envolvido na trama de relacionamentos pessoais formada pelo pai, a mãe, a namorada e, num grau menor, pelo tio Mihaly. Agora, que estava miraculosamente livre, havia uma pergunta em particular que ele queria fazer:

— Por quanto tempo me deixará nesse planeta?

— Bem, não será por mais de um ano, isso eu lhe prometo — disselhe Mrs. Warhoon, aliviada de ver sua fronte se desanuviar.

Todos tornaram a sorrir uns para os outros, embora os dois homens parecessem pouco à vontade.

— O que é que lhe parece tudo isso? — perguntou Mrs. Warhoon simpaticamente a Aylmer Ainson.

Pelo amor dos céus diga a ela que você entendeu que tem que conservar seu pescoço bem longe do estômago, pensou Lattimore, brincando com uma metáfora que ele fizera alguns dias antes. Diga-lhe que você não se pode permitir pagar tal preço, muito alto para a catarse de que você precisa. Ou olhe para mim pedindo socorro, e eu direi uma palavra por você.

O rapaz não olhou para Lattimore, mas havia orgulho e excitação, ao invés de súplica, em seu olhar.

OK, pensou Lattimore, então meu diagnóstico estava completamente errado. Assim, ele é um herói e não um maricas. Um homem deve responder por si próprio.

— Sinto-me honrado por ter sido alvo de semelhante escolha — disse Aylmer Ainson.

CAPITULO 12

Como um cão a quem se tivesse repreendido asperamente, o universo recuperara sua costumeira posição. Pois o Gansas não podia mais rodeá-lo. Pelo contrário, ele rodeava a grande nave, e a grande nave pousou no planeta, com o nariz para cima.

Em homenagem ao capitão da nave, o planeta fora batizado com o nome de Pestalozzi — embora, como salientou o navegador Gleet, houvesse outros nomes mais agradáveis.

Tudo em Pestalozzi era bom.

Seu ar continha a mistura certa de oxigênio, em nível terrestre, e carecia de quaisquer vapores que pudessem ofender os pulmões terrenos. Melhor ainda — e eles tinham informações da seção Med para isso — não abrigava bactéria ou vírus que a seção Med não pudesse enfrentar se necessário.

O Gansas aterrissara perto do equador. A temperatura do meio-dia não se elevava acima de vinte graus Celsius, mas à noite ela não descia mais que a nove graus.

O período da revolução axial, que convenientemente correspondia ao da Terra, compreendia um grau de cerca de vinte e quatro horas e nove minutos. O que significava que um ponto no equador seria percorrido mais rapidamente do que um ponto equivalente na Terra, visto que uma grande desvantagem a respeito de Pestalozzi era que ele era um mundo de massa considerável.

Períodos de descanso haviam sido ordenados após a refeição do meio-dia. A maior parte da tripulação começara voluntariamente a emagrecer. Noventa e oito pobres libras em Pestalozzi correspondiam a duzentas e noventa e quatro libras no equador.

Havia compensações para essa triplicada frustração, a principal das quais era a descoberta dos alienígenas.

Depois que se sentou sobre os quadris durante dois dias cheirando o ar, observando as emissões solares, a radioatividade do solo, as batitermias magnéticas, e outros fenômenos, o Gansas lançou uma pequena nave-sentinela. Além de sua função exploratória, esses vôos eram calculados para atenuar a cosmofobia.

Honeybunch sentou-se à frente dos controles de uma dessas sentinelas, voando de acordo com as instruções de Lattimore. Lattimore passava por um estado de grande excitação, que se comunicava ao soldado raso sentado a seu lado, Hank Quilter. Ambos se agarravam à barra de proteção e olhavam fixamente para as glebas amareladas que ondulavam debaixo deles como o flanco de uma enorme besta galopante. . .

Uma besta que aprenderemos a domar e a cavalgar, pensou Lattimore, tentando analisar a sensação de choque em seu tórax. Era isso o que toda uma escola de escritores menores tentava dizer desajeitadamente no século anterior, antes do início das viagens espaciais, e, ora bolas! eles sabiam mais do que era conhecido. Porque aquilo era a única coisa genuína, sentir nas próprias células a compressão de uma gravidade diferente, cavalgar sobre uma terra virgem de todo pensamento humano, ser o primeiro que jamais apareceu ali.

Era como ter de volta a infância, uma grande infância selvagem; certa vez, há muito tempo, você foi até atrás das moitas de alfazema no fundo do jardim e pisara em terra incógnita. Agora a coisa acontecia de novo, e cada haste de relva era uma moita de alfazema.

Lattimore interrompeu-se.

— Flutue — ordenou ele. — Vida estranha pela frente.

Flutuaram e sob eles um rio amplo e preguiçoso estava orlado de canteiros de hortaliças. Em grupos isolados, os rinomanos trabalhavam ou se abrigavam atrás de árvores.

Lattimore e Quilter se entreolharam.

— Aterrisse — ordenou Lattimore.

Honeybunch aterrisou mais delicadamente do que jamais tocara numa mulher.

— Melhor carregarem seus rifles, caso haja encrenca — disse Lattimore.

Agarraram os rifles e saltaram com cuidado para o chão. Com o peso atual era bem fácil quebrar os tornozelos, apesar das caneleiras que tiveram de improvisar às pressas e que todos eles usavam debaixo das calças.

Uma fileira de árvores encontrava-se aproximadamente a oitenta jardas a oeste deles. Os três homens se dirigiram para as árvores, fazendo caminho através de fileiras de plantas cultivadas que se assemelhavam à alfaca, não fosse pelas folhas, que eram tão largas e grossas quanto as do ruibarbo.

As árvores eram enormes, mas notáveis, mormente pelo que parecia ser a má-formação de seus troncos. Bilobuladas, elas se avolumavam e se estendiam, assemelhando-se, na forma, aos forasteiros, com seus corpos rechonchudos e suas duplas cabeças pontudas. De seus topos, saíam afiladas raízes aéreas, muitas delas semelhantes a dedos toscos. A folhagem, eriçando-se em seus topetes, crescia numa espécie de obstinada turbulência, tanto assim que Lattimore sentiu outra vez o calafrio do assombro; ali havia algo que seu intelecto saturado não contemplara ainda.

Enquanto os três se dirigiam até essas árvores, com os rifles meio levantados no gesto tradicional, pássaros de quatro asas — borboletas do tamanho de águias — saíram com grande estardalhaço da folhagem descabelada, fizeram círculos e partiram em direção às colinas baixas do outro lado do rio. Embaixo das árvores, meia-dúzia de rinomanos pararam para ver os homens que se aproximavam. O cheiro deles era familiar a Lattimore, que soltou o botão de segurança de seu rifle.

— Não imaginava que eles fossem tão grandes — disse Honeybunch num sussurro. — Eles vão nos atacar? Não podemos correr — não seria melhor voltarmos para a sentinela?

— Eles estão prontos para correr — disse Quilter, limpando os lábios úmidos com a mão.

Lattimore imaginara que as cabeças meio voltadas dos alienígenas não indicavam nada mais do que curiosidade, mas

acolheu com prazer esse sinal de que Quilter, tanto quanto ele se sentia dono da situação.

— Continue andando, Honeybunch — disse ele.

Mas Honeybunch lançara um olhar para trás, por cima do ombro, para a nave, e soltou um grito.

— Eh! Eles estão atacando pela retaguarda!

Sete dos alienígenas, dois deles uns tipos grandalhões de pele cinzenta, haviam se aproximado, por trás, da nave-sentinela, e se movimentavam, curiosos, a seu redor, a apenas poucas jardas de distância. Honeybunch levantou o rifle e disparou.

O primeiro tiro falhou. O segundo encontrou um alvo. Os homens ouviram a bala de califórnio chocar-se com uma força equivalente a dezessete toneladas de TNT. Um dos tipos cinzentos adernou, rasgando, ao cair, uma cratera no terreno macio.

Os outros animais correram até o companheiro, enquanto o rifle de Honeybunch erguia-se outra vez.

— Pare de atirar! — disse Lattimore.

Sua voz foi cortada pelo troar do rifle de Quilter à sua esquerda. Lá adiante um dos forasteiros menores voou em pedaços, uma cabeça e os ombros indo parar longe.

Tendões desconhecidos repuxavam firmes o pescoço e o rosto de Lattimore. Ele viu o resto daquelas coisas estúpidas paradas ali, perplexas, mas sem aparentar medo ou zanga, e certamente não mostrando nenhuma inclinação para correr. Eles não eram capazes de sentir nada! Se eles não tinham capacidade bastante para perceber a força do homem, teriam que aprender. Não havia uma espécie viva que não conhecesse o homem e sua potência de fogo. Para que serviriam eles, senão para alvos?

Lattimore levantou o rifle. Tratava-se de um mecanismo curto, com culatra desmontável, semi-silenciosa, com pouco recuo, disparando balas de calibre 50, automaticamente ou não. Essa arma foi disparada exatamente quando Quilter atirou outra vez.

Eles continuaram ali, ombro a ombro, atirando até que os sete alienígenas ficaram em pedaços. Agora era Honeybunch quem gritava para eles pararem. Lattimore e Quilter trocaram-se olhares.

— Se subirmos à sentinela e voarmos baixo, poderemos lançar o pânico entre eles e ter um alvo móvel — disse Lattimore. Ele limpou os óculos, embaciados, no peito da camisa.

Quilter limpou os lábios secos com as costas da mão.

— Alguém devia ensinar essas lesmas a correr — aquiesceu ele.

Mrs. Warhoon, enquanto isso, ficara sem fala ante a perfeição. Ela havia sido convidada a bordo da nau-sentinela do Capitão e eles haviam descido para constatar como seria um desasseado agrupamento de ruínas no interior do continente equatorial.

Lá eles encontraram a prova do status intelectual dos alienígenas. Havia minas, fundações, refinarias, fábricas, laboratórios, plataformas de lançamento das naves — tudo reunido ao nível de um centro industrial. A totalidade do processo industrial convertera-se numa arte folclórica; as naves espaciais eram de tecido feito em casa. Cientificaram-se então, enquanto caminhavam sem ser molestados entre os ruidosos, que estavam no meio de uma raça imemorial. Ali existia uma antigüidade venerável, além da imaginação do homem.

O capitão Pestalozzi parou e acendeu um cigarro de mescal.

— Uma raça degenerada — dissera ele. — Uma raça em declínio, isso é óbvio.

— Eu não acho que nada seja óbvio. Estamos muito longe da Terra para que algo seja óbvio — disse Mrs. Warhoon.

— Basta apenas olhar para as coisas — replicara o capitão. Ele tinha pouca simpatia por Mrs. Warhoon; ela era culta demais; e quando ela perambulava fora de seu círculo, ele não sentia nada senão um ligeiro alívio.

Foi então que ela foi de encontro à perfeição.

Os poucos edifícios estavam espalhados e, arquetonicamente, eram mais informais do que insignificantes. Todas as paredes eram inclinadas para dentro, na direção dos tetos recurvados; eram construídas de tijolos ou de pedras de formato preciso, ambos os materiais sendo feitos para entrelaçar-se, de modo a dispensar o uso de argamassa ou de cimento. Se se tratava de um estilo ditado pela gravidade 3G ou por um capricho artístico, era coisa que Mrs.

Warhoon gostaria de resolver mais tarde. Ela não apreciava o tipo de conclusões incultas lançadas pelo capitão. Com o pensamento dele acoessando-lhe a mente, ela entrou num dos edifícios, não mais elaborado do que seus vizinhos, e lá estava a estátua.

Era a perfeição.

Mas perfeição é uma palavra fria. Aquilo tinha tanto o calor quanto o alheamento da realização.

Com a garganta comprimida, ela caminhou ao redor da estátua.

Deus sabia o que aquilo estava fazendo num barracão fedorento.

Tratava-se da estátua de um dos alienígenas. Ela não precisava dizer que tinha sido feita por um dos alienígenas. O que precisava explicar era se a obra tinha sido feita no dia anterior ou trinta e seis séculos atrás. Depois de algum tempo, quando esse pensamento já havia feito o circuito de seu cérebro várias vezes, ele ficou registrado em sua atenção e ela se apercebeu do motivo pelo qual postulara trinta e seis séculos. Essa seria a idade da estátua egípcia da XVIII dinastia de uma figura sentada que ela fora muitas vezes contemplar no Museu Britânico. Essa obra, esculpida, como a outra, num granito escuro, possuía algumas qualidades semelhantes.

O alienígena se apoiava em seus seis membros em perfeita harmonia, com uma de suas cabeças pontudas um pouquinho mais levantada do que a outra. Entre a curva catenária de sua espinha e a parábola de seu ventre situava-se o grande barco simétrico de seu corpo. Ela se sentiu curiosamente humilde por estar naquela sala com ele; pois aquilo era a beleza, e pela primeira vez ela captou dentro de si mesma a compreensão do que era a beleza: a reconciliação entre humanidade e geometria, entre o pessoal e o impessoal, entre o espírito e o corpo.

Agora Mrs. Warhoon estremeceu dentro de sua suposta varonilidade. Viu uma porção de coisas que, por serem importantes, ela naturalmente não queria ver.

Viu que existia ali uma raça civilizada, que chegara à maturidade por um caminho muito diferente do do homem. Que essa raça, desde o princípio e continuamente (ou sem mais do que uma breve interrupção) jamais estivera em conflito com a

natureza e o cenário natural que a mantinha. Permanecera de acordo, divorciada. Conseqüentemente, lutara por uma espécie de habilidade existente naquele granito modelado — ah, mas o filósofo e o escultor, o homem de espírito e o homem com a ferramenta, foram um só ali! — foi a luta com sua natural paz de espírito (torpor, diriam muitos); enquanto que a luta do homem tinha sido principalmente uma luta exterior, contra forças que ele via como opostas a ele.

Tão segura e tão simplesmente quanto Mrs. Warhoon via tudo aquilo, e antes que ela o enfeitasse para o seu relatório, ela viu que a humanidade não podia deixar de compreender mal aquela forma de vida; pois ali existia um equilíbrio que nem poderia nem deveria se opor a ela ou fugir dela. Como se tratava de uma raça sem dor, de uma raça sem medo, ela deveria se manter estranha ao homem.

Mrs. Warhoon estava com o braço em torno do flanco da estátua, e encostava a fronte em seu lado polido. Estava chorando.

Pois todas essas percepções — que a tinham tomado de assalto enquanto ela caminhava em volta da figura — eram principalmente intelectuais, e fugiam assim como tinham vindo. Em seu lugar crescia uma percepção feminina, que ela poderia negar posteriormente, sem tanta facilidade.

Ela percebera humanidade na estátua. Era essa humanidade que lhe havia lembrado a estátua egípcia. Ela via isso, embora se tratasse de uma abstração, embora aquilo tivesse humanidade, ou as qualidades a que os homens chamam humanidade, e isso era algo que a humanidade havia perdido e que deveria ter conservado. Ela chorava pela perda; a sua perda, a perda de todo mundo.

Foi então que os tiros distantes irromperam em sua melancolia. Seguiram-se novos tiros, e em seguida os assobios e os gemidos dos alienígenas. O capitão Pestalozzi estava tendo ou criando encrenca.

Cansada, ela se levantou e afastou o cabelo que lhe caía na testa. Disse a si mesma que estava sendo tola. Sem olhar novamente para a estátua, ela se encaminhou para a porta do edifício.

Quatro dias depois, o Gansas estava pronto para partir para o próximo planeta.

Após as experiências do primeiro dia, a despeito de tudo o que uma algo histérica Mrs. Warhoon pudesse dizer, todos haviam concordado em que os forasteiros eram uma forma degenerada de vida, talvez até algo pior do que animais, e que constituíam portanto uma caça lícita para o espírito naturalmente elevado dos homens. Por um dia ou dois, uma pequena caçada não iria magoar ninguém.

Na verdade, logo tornou-se óbvio, desde os campos planetários, que Pestalozzi obrigava apenas alguns milhares de grandes séxpedes, congregados em volta de lamaçais e de pântanos formados artificialmente; e que eles começaram a mostrar evidência de que se ressentiam com o velho Adão em seu Éden. Mas vários espécimes haviam sido capturados e encurralados a bordo do Gansas; a estátua de Mrs. Warhoon foi igualmente recolhida, e uma grande quantidade de artefatos de natureza heterogênea, assim como espécies de vida vegetal.

Para desapontamento geral, havia outras formas de vida no planeta; algumas variedades de pássaros, roedores de seis pernas, lagartos, moscas blindadas com armaduras, peixes e crustáceos nos rios e oceanos, e um interessante busaranho descoberto nas regiões árticas, que parecia ser uma exceção à regra de que pequenos animais de sangue quente eram incapazes de sobreviver em tais condições. E pouco mais. Metodicamente, a Seção Exo abasteceu a nave até o teto.

Estavam prontos para embarcar para o próprio posto de reconhecimento.

Mrs. Warhoon, com o capelão da nave, com o assistente da nave, Lattimore, e com Quilter (que acabava de ser promovido para um novo posto, como assistente de Lattimore), foi dizer adeus a Samuel Melmoth, aliás, Aylmer Ainson, em sua paliçada.

— Espero que ele fique bem — disse Mrs. Warhoon.

— Pare de se preocupar. Ele está com munição suficiente para atirar em qualquer coisa viva do planeta — disse Lattimore, irritado pelo seu novo sucesso com a mulher. Desde o primeiro dia em

Pestalozzi, quando ela subitamente se tornara muito íntima e deslizara para sua cama, Hilary tinha ficado chorosa e agitada. Lattimore concluía que ela fosse bastante fácil naquilo em que as mulheres costumam ser, mas ao mesmo tempo achava que suas atenções tinham um efeito benevolente.

Permaneceu de pé, ao lado do portão da paliçada, descansando sobre as muletas e sentindo-se vagamente magoado com o universo. Os outros podiam dizer adeus ao jovem Ainson. Falando por si mesmo, ele estava cheio dos Ainsons.

A paliçada era de arame reforçado. Formava um muro de oito pés de altura, com cerca de dois acres quadrados de chão. Um riacho corria através do terreno. Algum dano havia sido feito pela força de trabalho encarregada de destruir a vegetação e derrubar as árvores para a construção da paliçada, mas, fora isso, a área representava bem um típico pedaço do campo de Pestalozzi. Perto do riacho, havia um lamaçal que dava para uma das casas dos nativos. Canteiros de hortaliças e de legumes situavam-se ao lado do lamaçal, e toda a leira de terra era protegida muito deliciosamente pelas abomináveis árvores.

Além das árvores ficava o posto automático de observação, com a antena de rádio elevando-se graciosamente no ar. Próximo a ela ficava o edifício de oito cômodos, feito de partes pré-fabricadas, e que seria a residência de Ainson. Dois dos cômodos constituíam sua sala de estar; os outros continham todos os aparatos de que precisasse para gravar e interpretar a linguagem dos alienígenas, um armário, remédios e outras provisões, a usina elétrica e o sintetizador de comida, que podia se alimentar de água, do solo, de pedra, de qualquer coisa, para transformar em comida.

Além da fortificação do homem, mantendo-se à parte e consideravelmente embaraçada, estava sentada uma alienígena fêmea, adulta, e seu filho. Ambos estavam com todos os membros retraídos. Boa sorte para todos eles — pensou Lattimore, e, com os diabos, vamos dar o fora daqui.

— Que você encontre paz aqui, meu filho — disse o capelão, apertando a mão de Ainson e sacudindo-a para cima e para baixo.

— Lembrese de que, neste ano de solidão, você estará sempre na presença de Deus.

— Boa sorte em seu trabalho, Melmoth — disse o assistente. — Nós nos veremos dentro de um ano.

— Adios, Sam, e peço desculpas pelo olho preto que lhe dei — disse Quilter, dando um tapinha nas costas de Ainson.

— Tem certeza de que não precisa de mais nada? — perguntou Mrs. Warhoon.

Respondendo tão adequadamente quanto possível às suas palavras, Aylmer voltou-se e entrou em seu novo lar. Havia construído para ele umas engenhosas muletas, próprias para combater a gravidade, mas ainda teria que se acostumar com elas. Entrou e deitou-se na cama, pôs as mãos atrás da cabeça, e ouviu-os partir.

CAPITULO 13

O Gansas, ou os vários homens que nele trabalhavam em equipes, encontraram muitas coisas maravilhosas. A ciência raramente recebera tanta publicidade.

Antes de a nave decolar, a equipe que trabalhava com o navegador Mareei Gleet terminou as computações que revelavam a extraordinária excentricidade da órbita de Pestalozzi.

Nessa poca, a noite em Pestalozzi era uma coisa alegre. Quando o sol cor-de-açafrão se inclinava em direção ao horizonte oeste, as sombras alongadas rompiam-se em duas e uma bilhante estrela amarela surgia ao sul. Essa estrela, embora não mostrasse um disco perceptível a olho nu, brilhava quase tão esplendidamente quanto uma lua cheia na Terra. E antes que ela, por sua vez, pudesse ser levada pela jornada do mundo para além do horizonte, outra estrela erguia-se para lutar pela causa da luz. Era uma estrela branca de boas-vindas que cintilava até de manhã, só desaparecendo da vista quando o sol cor de açafão estivesse novamente bastante forte para assumir o encargo de seus deveres periódicos.

O que Gleet, seus camaradas e seus computadores descobriram foi isto: que os sóis branco, amarelo e açafão formavam um sistema triplo, e giravam um em volta do outro. E que uma vez a cada tantos anos eles se aproximavam o suficiente para interferir com a órbita de Pestalozzi. Atraído pela massa dos outros dois sóis, o planeta desprendia-se de sua atração pelo sol e adotava uma órbita em torno de um dos rivais. Quando a mesma justaposição tornava a ocorrer, o planeta passava para o terceiro sol, e assim eventualmente voltava a seu parceiro inicial.

A descoberta foi causa de muito espanto e de muita matemática. Entre outras coisas, ela explicava a temeridade dos alienígenas, visto que os limites de temperatura que eles tinham

que suportar, para não dizer nada a respeito da cataclísmica natureza da sublevação dos sóis em mutação, era algo que um homem só podia contemplar com espanto.

Como observou Lattimore, este fato astronômico servia muito bem para explicar por si mesmo a insensibilidade de temperamento e a impermeabilidade à dor dos forasteiros. Eles tinham se desenvolvido sob condições que teriam posto em cheque a vida terrestre quase que em seus primórdios.

O Gansas, continuando seu reconhecimento, desceu em quatorze outros planetas do Grupo dos Seis-Sóis. Em quatro deles, o homem podia viver confortavelmente, e em três desses quatro foram encontradas condições ideais. Esses eram manifestamente planetas do maior valor potencial para o homem; foram chamados (o capelão finalmente ponderou isso ao capitão) Gênese, Êxodo e Números (uma vez que se admitia que ninguém toleraria um planeta chamado Levítico).

Nesses planetas, e em quatro outros, onde o clima ou a atmosfera era intolerável ao homem, foram encontrados alienígenas. Embora seu número fosse comparativamente pequeno, sua resistência era efetivamente estabelecida.

Infelizmente, houve incidentes. Em Gênese, um grupo de alienígenas de pele enrugada foi admitido a bordo do Gansas. Por insistência de Mrs. Warhoon, foram levados ao convés de comunicações e ali ela tentou falar com eles, em parte com sons e sinais, em parte com visifilmes, que Lattimore e Quilter mostravam em uma tela. Ela imitava os sons dos alienígenas e eles imitavam a voz dela. Os prognósticos eram promissores, quando por má sorte os alienígenas cativos no convés de baixo fizeram-se ouvir.

O que diziam somente pode ser imaginado, mas os alienígenas imediatamente começaram a fugir. Quilter, sem medo, tentou ir atrás deles. Foi derrubado e quebrou um braço, para seu transtorno.

Os alienígenas ficaram presos no elevador e tiveram que ser exterminados. Foi geral o desapontamento por causa desse revés.

Num dos planetas mais acidentados, onde geralmente se admitia que o homem teria pouco tempo de sobrevivência, algo pior aconteceu.

Esse planeta chamava-se Gansas. Foi o último a ser visitado, e poder-se-ia imaginar que o aviso de que o homem iria para lá o precedera.

No remoto e pedregoso planalto do Hemisfério Norte vivia uma selvagem forma de vida, informalmente batizada como urso quitina. Assemelhava-se a um pequeno urso polar, mas era revestido com um pelo de faixas alternadas de quitina e longos pelos brancos. Tinha pés ligeiros, dentes aguçados e era mau. Embora sua presa natural fosse a pequena baleia provida de chifres dos mares temperados de Gansas, eram apreciadores dos alienígenas séxpedes que lhe tinham invadido o lar.

Sem dúvida, esse antagonismo, não encontrado em outra parte na família dos planetas, criara uma pequena belicosidade entre os alienígenas. De qualquer modo, o primeiro grupo de terrestres a disparar num bando de alienígenas investigadores encontrou fogo como resposta. O Gansas, inteiramente despreparado, viu-se sob um bombardeio vindo de uma posição fortificada estabelecida num penhasco.

Um tiro certo atingiu uma das escotilhas, cujo pessoal estava a descoberto, antes que o inimigo fosse destruído.

Isso demandou cinco dias de trabalho, por turnos, da parte dos engenheiros para reparar os óbvios estragos, e mais uma semana de paciente e laboriosa inspeção e concertos para se assegurar de que todas as placas da embarcação estavam incólumes.

Finalmente, a essa altura, Mrs. Warhoon cobrou coragem.

— O que quer que eu tenha visto quando descobri aquela estátua, deve ter sido uma espécie de distúrbio mental — disse ela, aconchegando-se junto aos joelhos de Bryant Lattimore. — Você sabe, naquele dia eu estava inteiramente esgotada. Eu realmente senti — oh, eu tinha a mais extravagante impressão de que o homem dera uma guinada errada em algum ponto ao longo da linha evolutiva ou algo assim.

— Jamais menospreze suas primeiras impressões — advertiu-a Lattimore. Ele podia arriscar uma piada, agora que ela se acomodara.

— Depois que tivemos levado esses alienígenas de volta para a Terra, depois de ensinar-lhes o inglês, não me sentirei tão mal. Levo a minha profissão muito a sério; isso é um sinal de imaturidade, suponho. Mas teremos tanto conhecimentos para trocar. .. Oh Bryant. . . eu falo demais, não falo?

— Adoro ouvi-la.

— Está tão acolhedor este tapete. — Com luxúria ela sentiu o tapete, com luxúria ela deixou que seus dedos percorressem as faixas alternadas de peliça e de quitina.

Lattimore olhou para ela com uma forte cobiça. Hilary tinha dedos belos e ágeis. Disse:

Amanhã faremos vácuo em direção à Terra. Não quero perdê-la de vista quando voltarmos, Hilary. Você se importaria de me dizer o quão emocionalmente você está envolvida com Sir Mihaly Pasztor?

Ela parecia pouco à vontade; talvez ela estivesse tentando apenas ruborizar-se; antes, porém, que ela pudesse replicar, alguém bateu à porta de Lattimore, e Quilter entrou, carregando o rifle de calibre 50 de Lattimore. Ele acenou com a cabeça, amigavelmente, quando Mrs. Warhoon se levantou do tapete e ajeitou a alça no ombro.

— Está limpo e pronto para a próxima ação — disse ele, colocando o rifle em cima da mesa, embora seu olhar permanecesse em Mrs. Warhoon. — Falando de ação, vai haver encrenca lá embaixo, no convés dos homens, a menos que se faça algo logo.

— Que espécie de encrenca? — perguntou Lattimore preguiçosamente, pondo os óculos e oferecendo a ambos cigarros de mescal.

— A mesma espécie de encrenca que tivemos no Mariestopes — disse Quilter. — Todos esses rinomanos que temos a bordo produzem excremento em demasia. Os homens estão se recusando a limpar sem pagamento extra. Acho que o que realmente está irritando a todos eles é que o sintetizador de comida do Convés H

quebrou esta manhã, e eles estão recebendo a antiquada comida animal. Os palermas da cozinha pensaram que ninguém iria perceber, mas alguns caras já estão doentes, envenenados com o colesterol.

— Que maneira de conduzir uma nave — exclamou Lattimore, não aborrecido, já que quanto mais ele ouvisse das deficiências das outras pessoas, mais altamente valorizava sua própria eficiência. Mrs. Warhoon, por outro lado, estava aborrecida, especialmente porque se indignava com a complacente camaradagem que surgira entre Bryant e Quilter.

— Comida animal não é veneno — disse ela. — Em partes atrasadas da Terra ela ainda é consumida regularmente. — Ela não tinha coragem suficiente para dizer o quanto ela própria a apreciara, ao jantar com Pasztor em seu apartamento.

— Sim, acontece apenas que somos civilizados, não atrasados — respondeu Quilter, levando a fumaça do cigarro de mescal até os pulmões. — Eis por que os rapazes vão fazer greve contra esse negócio de ter que lavar esses excrementos.

Mrs. Warhoon percebeu o sorriso sardônico no rosto dos dois; a mesma expressão surgia com alguma regularidade no rosto de Mr. Warhoon. Como uma revelação, ela viu quanto odiava aquela simiesca superioridade masculina; e a lembrança daquela suave e soberba estátua, em Pestalozzi, ajudou-a a odiar isso.

— Vocês, homens, são todos iguais — gritou ela. — Todos vocês se desligam das realidades básicas da vida de um modo que uma mulher jamais seria capaz de fazer. Por bem ou por mal, somos uma espécie de comedores de carne, e sempre o fomos. Comida animal não é veneno. Se vocês ficam doentes após comê-la, é porque a mente de vocês os envenena. E todo esse medo dos excrementos — vocês não são capazes de ver que, para esses pobres e infelizes seres que capturamos, seus resíduos são um sinal de fertilidade, que eles cerimoniosamente oferecem seus sais minerais rejeitados de volta à terra, pois têm o que fazer com eles? Meu Deus, o que há nisso de tão repulsivo? Seria mais repulsivo do que as religiões terrestres, onde sacrifícios de seres humanos vivos são oferecidos a várias supostas divindades? A desgraça de nossa

cultura é que ela se baseia no medo da sujeira, do veneno, dos excrementos. Você acha que os excrementos são maus, mas o medo que se tem deles é que é mau!

Jogou o cigarro de mescol no chão e o apagou com o pé, como se rejeitasse toda artificialidade. Lattimore levantou uma sobancelha para ela.

— O que é que há com você, Hilary? Ninguém tem medo desse troço. Apenas estamos incomodados com ele. Como você diz, trata-se de um resíduo. OK, então vamos jogar isso fora; não vamos cair de joelhos por isso. Não é de surpreender que esses malditos rinomanos não tenham chegado a lugar algum, se orientaram suas vidas em volta desses troços.

— Além do mais — disse Quilter sensatamente visto que ele estava sendo usado para acessos insensatos de mulheres — nossos rapazes não objetaram realmente em limpar o troço. Eles somente se recusam a limpar sem pagamento extra.

— Mas vocês dois não compreenderam meu ponto de vista — começou Mrs. Warhoon com ardor, correndo seus belos e ágeis dedos pelos cabelos.

— Compreendemos, Hilary — disse Lattimore abruptamente. — Deixe de lado esse seu protesto coprófilo e procure se acalmar.

No dia seguinte, o Gansas, reparado, decolou desse planeta proibido levando a salvo dentro dele sua carga de organismos vivos, suas esperanças, suas fobias, suas grandezas e suas falhas, transponencialmente e transcendentalmente em direção ao planeta Terra.

* * *

O velho Aylmer gostava de seu sono. Resistiu fortemente aos esforços de Snok Snok Karn para despertá-lo, até que o jovem utod o ergueu com quatro pernas e gentilmente o sacudiu.

— Você deve se resolver pela completa insônia, meu caro pernomem — disse Snok Snok. — Pegue suas muletas e venha até a porta.

— Meus velhos ossos estão emperrados, Snok Snok. Gosto muito de sua rigidez, visto que logo vou ficar na horizontal.

— Você se prepara para o estágio de putrefação da vida — disse o utod. Ele passara os anos treinando para falar somente através de seus orifícios orais; desse modo, ele e Ainson podiam conversar passavelmente. — Quando você mudar para o estado de putrefação, Mãe e eu plantaremos você debaixo dos ampes, e em seu próximo ciclo você voltará como utod.

— Muitíssimo obrigado, mas estou certo de que não foi para isso que você me acordou. O que é que há? Qual é o problema?

Essa era uma frase que em quarenta anos de relação com Ainson Snok Snok jamais compreendera. Passou por cima dela.

— Alguns pernomens estão vindo para cá. Eu os vi movendo-se aos solavancos, num pernirrondo de quatro pernas em direção à nossa esterqueira.

Ainson empacou sobre suas muletas.

— Homens? Não acredito! Depois de todos esses anos? Segurando forte as muletas, atravessou o corredor até a porta da frente. A cada lado dele existiam portas que ele não abria há muito tempo, portas que davam para quartos que continham munições e armas, material para gravações e provisões apodrecidas; não dera mais atenção a esse material do que ao posto automático de observação que ficara desde então definhando, juntamente com sua antena, sob a majestade das tempestades de Dapdrof e sua tração gravitacional.

Os *grorgs* dispararam à frente de Snok Snok e Ainson e mergulharam na esterqueira onde Qüeqüo delicadamente estava reclinada.

Snok Snok e Ainson pararam na entrada e olharam através do arame. Um veículo de quatro rodas aproximava-se do portão.

Quarenta anos, pensou Ainson, quarenta anos de paz e quietude — nem por tudo isso darei as malditas boas-vindas, tampouco — e agora lá vêm eles para me perturbar! Eles deviam

ter me deixado morrer em paz. Eu calculava que podia conseguir isso antes do próximo esod, e eu não fazia nenhuma objeção ao fato de ser queimado sob à sombra dos ampes.

Assobiou para que seu *grog* voltasse para ele, e permaneceu ali, à espera. Três homens pularam do caminhão.

Como uma reflexão tardia, Ainson percorreu de volta o corredor, abriu caminho à força até o pequeno armário, e ficou ali um pouco, até acostumar os olhos à luz. A poeira cobria tudo por toda parte. Abriu uma caixa de metal e tirou de dentro um rifle sem brilho. A munição, porém, onde estaria? Olhou em volta para a desordem, com ódio, soltou a arma no chão sujo, e arrastou-se de volta pelo corredor. Ele tivera muita paz em Dapdrof para começar a atirar naquela idade.

Um dos homens do veículo estava quase em frente da porta de entrada. Deixara os dois companheiros na entrada da paliçada.

Ainson acovardou-se. Como é que a gente se dirige aos de sua própria espécie? Com aquele tipo, em particular, isso não parecia fácil. Embora aparentasse mais idade do que Ainson, ele não passara quarenta anos sob 3Gs. Vestia uniforme; sem dúvida a vida em serviço conservara seu corpo sadio, não importa o que tivesse acontecido com sua mente. Exibia uma expressão de pessoa bem nutrida, mas santarrona, dessas que tinham jantado na mesa de um bispo.

— Você é Samuel Melmoth, do Gansas? — perguntou o soldado. Ele se mantinha numa pose neutra, as pernas escoradas contra a gravidade, bloqueando a porta com todo o seu corpo. Ainson ficou embasbacado ao vê-lo; bípedes vestidos pareciam bizarros quando você se desacostumou com o fenômeno.

— Melmoth? — repetiu o soldado.

Ainson não tinha a menor idéia do que o cara pretendia. Nem era capaz de pensar em nada que pudesse ser encarado como uma resposta adequada.

— Vamos, vamos, você é Melmoth, do Gansas, não é?

Novamente as palavras escaparam a Ainson.

— Ele cometeu um engano — sugeriu Snok Snok, olhando bem de perto para o recém-chegado.

— Não pode manter seus espécimes em seus lamaçais? Você é Melmoth; começo a reconhecê-lo agora. Por que não me responde?

Um farrapo de uma fórmula antiga avivou-se na mente de Ainson.

Ampes, mas isso era a agonia!

— Parece que vai chover — disse ele.

— Você fala! Receio que tenha esperado demais por socorro. Como está você, Melmoth? Você não se lembra de mim, lembra?

Desesperadamente, Ainson perscrutava a figura militar à frente dele. Não se lembrava de ninguém de sua vida na Terra, exceto do pai.

— Acho que. . . foi há tanto tempo.. . fiquei sozinho.

— Quarenta e um anos, pelos meus cálculos. Chamo-me Quilter, Hank Quilter, capitão do Hightail. . . Quilter. Você não se lembra de mim?

— Já faz tanto tempo.. .

— Uma vez eu lhe dei um soco no olho. Isso ficou na minha consciência todos estes anos. Como eu estava me dirigindo para este setor da batalha, aproveitei a oportunidade para vir ver você. Estou feliz por encontrá-lo sem nenhum rancor contra mim, embora seja um golpe para o orgulho de um cara descobrir que ele foi esquecido. Como vão as coisas em Pestalozzi?

Ainson queria ser cordial com aquele sujeito que parecia trazer a ele boa vontade, mas, não obstante, não conseguia fazer com que a fala saísse.

— Eh. .. Pesta. . . Pesta.. . Fiquei metido aqui em Dapdrof todos esses anos. — Então, pensou em algo que queria dizer, algo que o devia ter preocupado — oh, talvez por uns dez anos, mas isso já fazia muito tempo. Apoiou-se contra a ombreira da porta, pigarreou, e perguntou:

— Por que eles não voltaram para me buscar, capitão. . . capitão?

— Capitão Quilter, Hank. Acho que você não se lembra mesmo de mim. Eu me lembro muito bem de você, e fiz uma porção de coisas infernais esses últimos... Oh, bem, isso é história passada, e

o que você me perguntou exige resposta. Você se importaria se eu entrasse?

— Entrar? Oh, pode entrar.

O capitão Quilter olhou para além dos ombros do velho estropiado, fungou e sacudiu a cabeça. Francamente, o antigo rapaz transformava-se num nativo: havia porcos morando com ele.

— Talvez seja melhor você ir até o caminhão. Tenho ainda um pouco de uísque lá, que você provavelmente poderia tomar.

— Eh, OK. Snok Snok e Qüeqüo também podem ir?

— Essa não! Esses dois? Eles fedem. . . Você já se acostumou com isso, Melmoth, mas eu não. Deixe-me dar-lhe uma mão.

Zangado, Ainson afastou o braço que lhe era oferecido. Cambaleava para a frente com suas muletas.

— Não demoro, Snok Snok — disse ele na linguagem que tinham convencionado entre si. — Só vou pegar uma pequena coisa lá fora.

Com prazer, notou que estava ofegando muito menos que o capitão. No caminhão ambos descansaram, enquanto se olhavam com furtivo interesse. Quase que se desculpando, o capitão ofereceu uma garrafa; depois que Ainson a recusou, o outro deu um grande gole. Ainson passou esse meio-tempo tentando pensar em algo amigável para dizer.

Tudo o que pôde pensar foi:

— Eles nunca mais voltaram para me buscar, capitão.

— Lembre-se dos antigos Conflitos Contidos, que eles costumavam promover em Charon? Bem, houve um conflito anglo-brasileiro que foi difícil de acabar. Os ingleses começaram violando as leis de operação de guerra, como elas eram então; ficou provado que eles tinham feito entrar às escondidas um Mestre Explorador, que era uma posição social não permitida nos conflitos. No caso, eles tiraram vantagem de seus conhecimentos para explorar o terreno local, você sabe — eu estudei todo o incidente na Escola de História Militar, mas você ignora os melhores detalhes. De qualquer modo, esse tal explorador, Ainson, foi levado de volta de Charon para a Terra, para ser julgado, e foi executado, e os brasileiros disseram que ele tinha cometido suicídio, e os britânicos disseram

que os brasileiros o haviam matado e, bem, os Estados Unidos se envolveram no caso — revelou-se que um revólver americano tinha sido encontrado fora da prisão, e num abrir e fechar de olhos estourou uma guerra, exatamente como nos velhos tempos.

O velho Ainson ficara tão à deriva nesta estória que não sabia o que dizer. A menção de seu próprio nome o havia confundido.

— Você pensou que eu tinha levado um tiro? — perguntou ele. Quilter tomou um trago do seu bourbon.

— Nós não sabíamos o que havia acontecido com você. A Guerra Internacional estourou na Terra em 2037, e nos esquecemos de você. Embora houvesse muita luta setor do espaço, particularmente em Números e em Gênese. Eles estão praticamente destruídos. Clementina também teve sua guerra. Você teve sorte de que aqui houvesse apenas forças convencionais. Você não viu nada da luta?

— Luta em Dapdrof?

— Luta em Pestalozzi.

— Não houve luta aqui. Não sei nada a respeito.

— Vocês devem ter escapado dela neste Hesmifério. O Hemisfério Norte está praticamente frito, julgando pelo que vi dele a caminho.

— Vocês nunca vieram me buscar.

— Diabo, eu estou explicando, não estou? Tome um gole; isso o animará. Muito poucas pessoas sabiam de você, e acho que a maioria já está morta. Eu daria meu pescoço para vir até aqui. Agora eu tenho minha própria nave, sob meu comando. Ficaria contente se pudesse levá-lo de volta para casa — bem, da Inglaterra, só resta um fragmento, mas você seria bem-vindo nos Estados Unidos. Foi uma espécie de direto aquele velho olho preto, hein? O que é que você acha, Melmoth?

Ainson bebeu um trago da garrafa. Dificilmente podia agarrar-se à idéia de voltar à Terra. Haveria tanta coisa a perder. Mas a gente deve querer voltar para casa, e era seu dever...

— Isso me faz lembrar, capitão, de que tenho todas as fitas, gravações e vocabulários e todos aqueles trastes.

— Que trastes?

— Ora, agora é você quem está esquecendo. Os trastes que ficaram aqui para eu usar. Trabalhei muito na linguagem utodiana — a linguagem desses.. . desses alienígenas, você sabe.

Quilter parecia muito pouco à vontade. Limpou os lábios com o punho.

— Talvez possamos apanhar isso em outra ocasião.

— O quê, em outros quarenta anos? Oh, não. Eu não volto para a Terra sem esses acessórios, capitão. Porque esse é todo o trabalho da minha vida.

— Está bem — disse Quilter com um suspiro. O trabalho de uma vida, pensou ele. E quantas vezes o trabalho de uma vida não tem nenhum valor exceto para quem o fez. Ele não tinha coragem de dizer àquela pobre carapaça velha que os alienígenas estavam praticamente extintos, erradicados pelos azares da guerra de todos os planetas do Grupo das Seis Estrelas, exceto uma reduzida centena, ali, no Hemisfério Sul de Pestalozzi. Esse era um dos tristes acasos da vida.

— Levaremos o que quer que você queira levar, Melmoth — disse ele devagar. Quilter levantou-se e ajeitou o uniforme, acenando para os dois soldados que estavam parados ali perto.

— Bonn, Wilkinson, levem o caminhão para perto da porta do barracão e ponham os trastes de Mr. Melmoth a bordo.

Tudo estava acontecendo depressa demais para Ainson. Sentiu-se prestes a chorar. Quilter bateu-lhe nas costas.

— Não se preocupe. Deve haver uma pilha de notas esperando por você, em algum lugar, num banco; quero ver você receber cada centavo que lhe é devido. Você vai ficar contente por sair desta esmagadora gravidade.

Tossindo, a velha figura levantou as muletas. Como podia ele dizer adeus à querida Qüeqüo, que fizera tanto para ensinar-lhe algo de sua sabedoria, e Snok Snok. . . Ainson começou a chorar.

Quilter, com tato, voltou-lhe as costas e pôs-se a examinar a obstinada folhagem da primavera a seu redor.

— É a falta do hábito de beber, capitão Printer — disse Ainson num minuto. — Você não me disse que a Inglaterra tinha sido destruída?

— Agora, não vá começar a se preocupar com isso, Melmoth. Realmente, é maravilhoso estar vivo agora na Terra, e eu lhe juro que isso é verdade. A vida até agora anda um pouco regimentada, mas todas as diferenças nacionais têm sido contornadas, pelo menos por enquanto. Todo o mundo está-se reconstruindo como doidos — naturalmente, a guerra deu um terrível impulso à tecnologia. Eu queria ser vinte anos mais moço...

— Mas você disse que a Inglaterra.. .

— Eles estão represando metade do Mar do Norte para substituir as áreas desintegradas por solo arável, e Londres vai ser reedificada — numa escala modesta, naturalmente.

Afetuosamente, Quilter pôs um braço em volta dos ombros recurvados, pensando que um período da história estava contido naquele reduzido espaço.

O velho homem sacudiu a cabeça com vigor, vertendo lágrimas.

— O diabo é que, depois de todos esses anos, não tive contato com nada. Agora, acho que jamais serei capaz de me comunicar com alguém, nunca mais.

Mexendo-se, Quilter removeu um pigarro da garganta. Quarenta anos! Não se podia estranhar que o velho se sentisse como se sentia. Como os repórteres iriam sorver avidamente a estória!

— Ora, agora isso não teria sentido. Você e eu logo vamos ter coisas ótimas para contar um ao outro, não vamos, Melmoth?

— É claro, vamos, é claro que vamos, capitão Quinto.

Por fim, o veículo militar saiu aos solavancos da paliçada. Membros desretraídos, os dois utods estavam em pé à orla da esterqueira e ficaram olhando até ele sumir de vista. Só então o mais novo dirigiu o olhar para a mais velha. Um diálogo inacessível aos ouvidos humanos foi trocado entre eles.

O mais novo caminhou para dentro do edifício deserto. Examinou o armário. Os soldados o haviam deixado intacto, instruídos por aquele que falara sobre a morte de tantos utods. Satisfeito, voltou-se e passou sem se deter através da entrada da paliçada. Ele havia ficado pacientemente cativo durante uma

pequena fração de sua vida. Agora já era tempo de pensar em liberdade.

Tempo, também, de que o resto de seus irmãos pensasse em liberdade.



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

OS NEGROS ANOS-LUZ

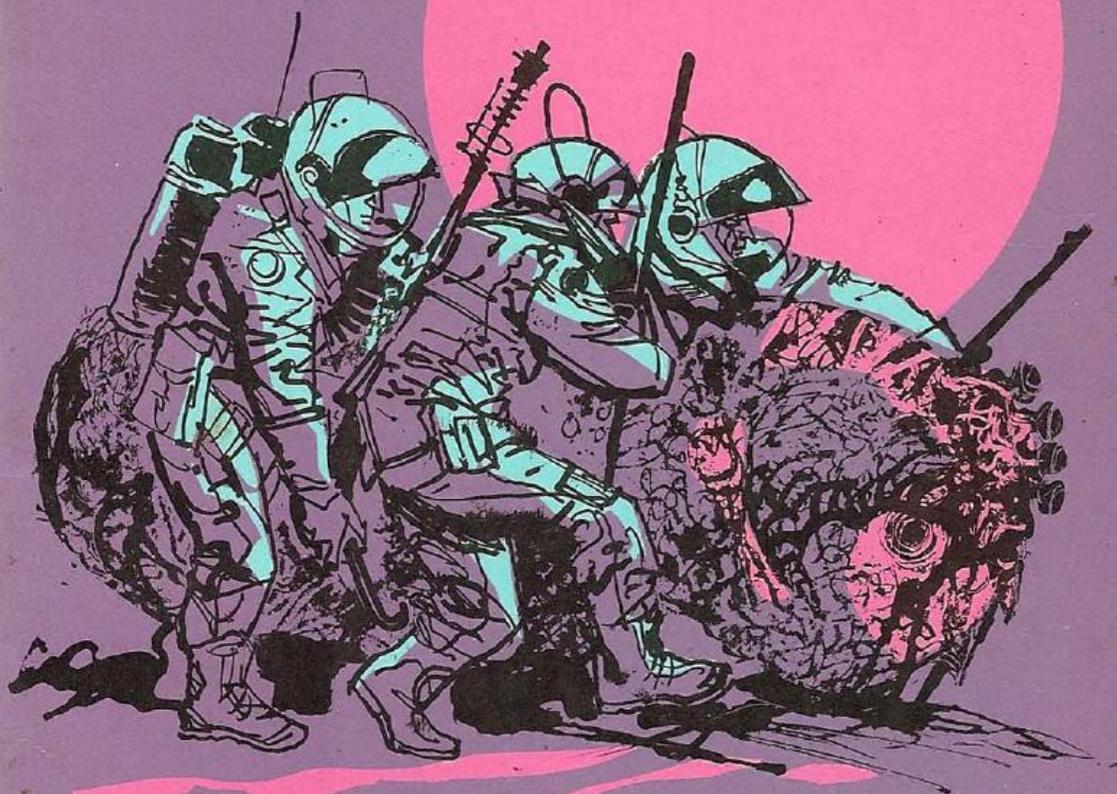
Brian Aldiss

Neste livro dramático e surpreendente, um dos maiores autores de ficção científica de nossa época avança até 2035, ano em que um grupo de exploradores interestelares encontra uma estranha raça de alienígenas, os Utods, que viviam mergulhados na lama e na imundície. Todavia, dentro dos corpos daqueles enormes animais, havia mentes capazes de elaborar uma complexa filosofia e de aperfeiçoar uma tecnologia muito mais sofisticada do que a humana. Quando alguns Utods foram trazidos para a Terra e tentou-se estabelecer comunicação com eles, rebentou um escândalo mundial. Um escândalo que pôs a nu toda a crueldade e a indiferença do Homem para com os demais seres do Universo, conforme nos conta Brian Aldiss nesta tocante fábula cósmica que é OS NEGROS ANOS-LUZ.

EDITORA CULTRIX

BRIAN ALDISS

OS NEGROS ANOS-LUZ



ficção científica cultrix